

# Revista **Teopraxis**

v. 40, n. 135, Jul./Dez./2023 ISSN on-line: 2763-5201

## A HISTÓRIA DA MULHER NA IGREJA E NA CONTEMPORANEIDADE



T314

Revista Teopraxis, vol.1, n.1(1984-) / Instituto de Teologia e Pastoral. Passo Fundo: ITEPA, 1984 -v.40  
- n°135, Jul./Dez./2023. Semestral.

ISSN:1677-860X versão impressa (descontinuada)

ISSN:2763-5201 versão eletrônica

1.Teologia -Periódicos I. Instituto de Teologia e Pastoral-ITEPA

Catalogação na fonte: Bibliotecária Valderes de Rezende - CRB 10/2588

## EQUIPE EDITORIAL

### Diretoria do Itepa

Dr. Pe. Ivanir Antonio Rampon - Diretor Executivo  
Dr. Pe. Rogério Luiz Zanini - Vice-Diretor Executivo  
Dr. Pe. Dirceu Dalla Rosa - Administrador – Tesoureiro  
Ms. Pe. Élcio Alcione Cordeiro – Secretário

### Editor chefe

Dr. Pe. Clair Favreto - Instituto de Teologia e Pastoral - Itepa

### Comissão editorial

Ms. Pe. Ari Antônio dos Reis - Instituto de Teologia e Pastoral - Itepa  
Ms. Selina Maria Dal Moro - Instituto de Teologia e Pastoral - Itepa  
Dr. Pe. Rogério Luiz Zanini - Instituto de Teologia e Pastoral - Itepa  
Dr. Regiano Bregalda - Instituto de Teologia e Pastoral - Itepa

### Conselho Editorial

Dr. Claudio Almir Dalbosco - Universidade de Passo Fundo - UPF  
Dr. Edivaldo José Bortoleto - Universidade Federal do Espírito Santo - UFES  
Dr. Frei Luis Carlos Susin - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS  
Dr. Leandro Luis Bedin Fontana - Philosophisch-Theologische Hochschule Sankt Georgen (Frankfurt, Alemanha)  
Dra. Maristela Dal Moro - Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ  
Dr. Pe. Leo Konzen - Instituto Missioneiro de Teologia - IMT  
Dr. Pe. Ivanir Antonio Rampon - Instituto de Teologia e Pastoral - Itepa  
Ms. Pe. Ivanir Antônio Rodighero - Instituto de Teologia e Pastoral - Itepa  
Ms. Pe. Jair Carlesso - Instituto de Teologia e Pastoral - Itepa

### Revisão de linguagem

Dr. Pe. Clair Favreto  
Eunice Maria da Silva

### Editoração

Edimar Scopel

### Contato

Instituto de Teologia e Pastoral - Itepa  
Rua Senador Pinheiro, 350  
Vila Rodrigues, Passo Fundo – RS  
CEP: 99070-220  
Telefone: (54) 3045 6272  
Email: itepafaculdades@gmail.com  
Site: <https://itepa.com.br/ojs/index.php/teopraxis>

# SUMÁRIO

<b>Editorial.....</b>	<b>4</b>
-----------------------	----------

*Luísa de Lucas*

## ENTREVISTA

<b>Conversando sobre a história da mulher na Igreja e na Contemporaneidade.....</b>	<b>7</b>
---	----------

## ARTIGOS

<b>O feminino no Cristianismo Antigo: um ensaio sobre a Matrologia.....</b>	<b>11</b>
---	-----------

The feminine in Ancient Christianity: an essay about Matrology

*Elisângela Pereira Machado*

<b>O Discipulado de Iguais na perícopre bíblica: a pecadora do Evangelho de Lucas.....</b>	<b>22</b>
--	-----------

The Discipleship of Equals in the biblical pericope The Sinner of the Gospel of Luke

*Dorcelina do Carmo Alves Gomes*

<b>Mulheres, sociedade e a Igreja Católica Apostólica Romana.....</b>	<b>33</b>
---	-----------

Women, society and the Roman Catholic Apostolic Church

*Maria Cristina S. Furtado*

<b>O Deus que age nas fronteiras sociais do humano: a narrativa bíblica e as questões sobre gênero.....</b>	<b>42</b>
---	-----------

The God who acts on the social borders of the human: the biblical narrative and questions about gender

*Ângela Maringoli*

<b>“Vi o Senhor!”: a dimensão feminina do relato da primeira aparição de Jesus ressuscitado no Quarto Evangelho e um Papa que acolhe o testemunho das mulheres.....</b>	<b>51</b>
---	-----------

“I saw the Lord!”: the feminine dimension of the account of the first apparition of the risen

Jesus in the Fourth Gospel and a Pope who welcomes women’s testimony

*Luísa de Lucas e Marcela Machado Vianna Torres*

<b>Implicações da sororidade na sinodalidade.....</b>	<b>67</b>
---	-----------

Implications of sorority in synodality

*Bárbara P. Bucker*

<b>Minha experiência com Maria de Nazaré.....</b>	<b>77</b>
---	-----------

My Experience with Mary of Nazareth

*Alzira Munhoz*

## DEMANDA CONTÍNUA

<b>O caráter pastoral da Carta Apostólica em forma de Motu Proprio Mitis Iudex Dominus Iesus, sobre a reforma do processo canônico para as causas de declaração de nulidade do matrimônio no Código de Direito Canônico: uma leitura conjunta com Amoris Laetitia.....</b>	<b>88</b>
--	-----------

The pastoral character of the Apostolic Letter in the form of Motu Proprio Mitis Iudex

Dominus Iesus, on the reform of the canonical process for the causes of declaration of

nullity off marriage in the Code of Canon Law: a joint reading with Amoris Laetitia

*Aloísio Ruedell*

## PARCERISTAS AD HOC

<b>Nominata dos pareceristas Ad Hoc da Revista Teopraxis: edições 134 e 135 de 2023.....</b>	<b>106</b>
--	------------

\* Professora no Instituto de Teologia e Pastoral (Itepa) na área da Mariologia. Doutoranda em teologia na PUCRS (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul). Possui Mestrado em Teologia Sistemática pela PUCRS e graduação em Pedagogia pela Universidade Paulista (2005) Religiosa da Congregação das Irmãs de Notre Dame. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação Musical, Ensino Religioso e Orientação Vocacional, com aprofundamento principalmente nos seguintes temas: Vida Religiosa Consagrada, Pluralismo Religioso, Santidade, Mulher, Juventudes e Cristianismo.

Email: marialuisa@notredame.org.br

 <https://orcid.org/0000-0003-1629-6814>

A **Revista Teopraxis** tem a alegria de apresentar a seus leitores(as) a segunda edição de 2023. O dossiê se volta para uma temática muito sensível e que ocupa um importante lugar de diálogo nas produções teológicas, a saber: **A História da Mulher na Igreja e na Contemporaneidade**. As questões ligadas ao feminino estão, também, particularmente próximas das reflexões tecidas pelo Papa Francisco. Ele tem feito um movimento inédito para maior inclusão feminina nas decisões da Igreja nesta última década, inspirando um novo olhar teológico, pastoral e missionário. No documento *Evangelii Gaudium* (2013), o Papa afirma que “a Igreja reconhece a indispensável contribuição da mulher na sociedade, com uma sensibilidade, uma intuição e certas capacidades peculiares” (n. 103), dando mais vida e vigor ao anúncio do Reino. No mesmo documento, ele reforça a necessidade de ampliar os espaços para uma presença feminina mais incisiva na Igreja, especialmente nos lugares onde se tomam decisões importantes.

As mulheres são indispensáveis para a ação missionária e evangelizadora da Igreja no Brasil e no mundo. Em audiência com os membros da Comissão Teológica Internacional, Papa Francisco reiterou o papel decisivo da contribuição das mulheres para a reflexão teológica. Para o Pontífice, isso requer compreender a teologia sob a ótica feminina para poder compreender o que é a Igreja e os sinais de Deus na história. Por isso, é fundamental desmasculinizá-la a partir de uma teologia e linguagem de inclusão, engajada, comprometida e sensível às novas realidades que requerem mais cuidado, atenção e uma leitura mais aguçada do mundo. Enfim, necessitamos de uma teologia ainda mais evangelizadora, na promoção do diálogo e atenta a um mundo em constante transformação, complexo e plural. São reflexões sobre essa dimensão que a presente edição da Revista Teopraxis tem o prazer de apresentar a seus (suas) leitores (as), a fim de amadurecer e qualificar sempre mais a relação *sine qua non* do feminino na evangelização.

Partindo da compreensão do significado desse tema para a atual conjuntura eclesial em tempos de sinodalidade, abrimos esse dossiê dialogando sobre a participação feminina nos âmbitos bíblico, histórico, teológico e antropológico. Por isso, o leitor terá alegria de apreciar a *entrevista* com a teóloga brasileira *Maria Clara Bingemer*. Ela versa sobre algumas questões pertinentes em relação ao fazer teológico das mulheres e que são centrais para uma hermenêutica capaz de pensar e problematizar os desafios para a missão da mulher na Igreja, num contexto marcado por machismos e centralização do poder.

Na sequência, abrimos a seção artigos do dossiê apresentando textos que dialogam sobre *As Mulheres na História da Igreja* e que problematizam seu papel e sua participação no ontem e no hoje do



Projeto da Salvação, continuando o seguimento e o discipulado de Jesus (Cf. Lc 8). Iniciamos com a bela reflexão produzida pela Doutora em Teologia e Professora na pós-graduação da PUC Minas, Elisângela Pereira Machado, que apresenta o artigo intitulado “*O feminino no Cristianismo Antigo, um ensaio sobre a Matrologia*” e traz à tona um tema bastante recente nos estudos teológicos em torno da Matrística. São figuras que foram esquecidas pela tradição da Igreja e que agora são recuperadas, pois foram fundamentais na constituição da tradição espiritual do Cristianismo Antigo, sendo muitas delas mulheres do Império e do deserto, *ammās-madres-mães* da Igreja, mulheres de sabedoria, compromisso e de profunda ascese.

Seguindo a seção, são apresentados três artigos com enfoques específicos em diálogo com a temática da mulher sob a abordagem bíblica. Refletindo sobre o protagonismo feminino na Igreja e na Sagrada Escritura, com o artigo “*O discipulado de iguais na perícopes bíblica, pecadora do Evangelho de Lucas*”, a autora Dorcelina Gomes nos apresenta o tema do Discipulado de Iguais, partindo do texto de Lucas de 7,36-50, perícopes sobre a pecadora pública. O discipulado de iguais apresentado no artigo está presente no diálogo entre Jesus e a ‘pecadora sem nome’, no encontro ocorrido na casa do fariseu que revela a comunidade lucana em sua sensibilidade especial pelas mulheres, sobretudo as pobres e as desprezadas pela sociedade. As mulheres ocupam o seu lugar nas comunidades fundadas por Jesus que lhes dá voz e torna-as suas discípulas. Partindo do texto de João 4, a teóloga Ângela Maringoli, com o artigo intitulado “*O Deus que age nas fronteiras sociais do humano: A narrativa bíblica e as questões sobre gênero*” apresentam a narrativa bíblica do encontro de Jesus com a Samaritana, abordando questões cruciais sobre gênero, segregação, preconceito racial e religioso. Há uma conexão apresentada entre ensinamentos de Jesus com a realidade cultural da mulher, numa história da relação entre dois povos. A figura de Maria Madalena no quarto Evangelho nos relatos pascais e a instituição da solenidade da festa dessa grande apóstola são temas abordados no texto: “*Vi o Senhor! a dimensão feminina do relato da primeira aparição de Jesus ressuscitado no Quarto Evangelho e um Papa que acolhe o testemunho das mulheres*”. As autoras Marcela Machado Viana Torres e Luísa de Lucas apresentam o artigo refletindo sobre a “Apóstola dos Apóstolos” através da análise de aspectos narrativos do texto, trazendo também um breve apanhado sobre o desenvolvimento do tema do protagonismo feminino no Pontificado do Papa Francisco.

Os dois artigos que seguem tratam de temas referentes à mulher na Igreja Católica e as implicações da sororidade e sinodalidade. Através do artigo “*Mulheres, sociedade e a Igreja Católica Apostólica Romana*”, a doutora em teologia e especialista em educação, Maria Cristina Furtado, defende em seu texto que a cultura patriarcal trouxe para a mulher, na contemporaneidade, a herança de ser considerada inferior em termos intelectuais, e ter apenas uma grande capacidade afetiva. O movimento feminista tem contribuído nesta luta e o estudo da teologia pelas mulheres, levou-as a conhecerem o Deus libertador, possibilitando, assim, novos desdobramentos e olhares teológicos para a mulher exercer seu potencial e lugar na Igreja. Trazendo à tona o tema da Sinodalidade na ótica da Vida Religiosa Feminina, a teóloga e religiosa Bárbara Bucker apresenta o seu artigo “*Implicações da sororidade na sinodalidade*”, partindo da necessidade de redescobrir e valorizar a Igreja como uma “casa inclusiva”, através da partilha e do reconhecimento mútuo. O caminho sinodal propõe um retorno à autenticidade e simplicidade, na transformação das estruturas autoritárias, clericalistas e patriarcais.

Partindo de sua experiência com a pessoa de Maria de Nazaré, a doutora em teologia e missionária na Guatemala, Alzira Munhoz, nos abrilhanta com sua produção intitulada “*Minha experiência com Maria de Nazaré*”, fruto de seu trabalho com mulheres há mais de

trinta anos. O artigo elaborado em primeira pessoa adentra uma mariologia feminista e latino-americana e coloca Maria como uma mulher identificada com seu povo e comprometida na luta pela justiça. Nossa Senhora é solidária com as mulheres e pessoas de boa vontade na sua luta por criar uma nova ordem social.

Para concluir a edição desta revista, na seção demanda contínua, o nono artigo, produzido pelo Pe. Aloísio Ruedell, apresenta um tema muito pertinente e discutido em nossas comunidades, com o título “*O caráter pastoral da Carta Apostólica em forma de **Motu Proprio Mitis Iudex Dominus Iesus**, sobre a reforma do processo canônico para as causas de declaração de nulidade do matrimônio no Código de Direito Canônico: uma leitura conjunta com *Amoris Laetitia*”*. O texto apresenta a preocupação pastoral e a orientação do Papa Francisco. Através de uma leitura conjunta dos dois documentos *Amoris Laetitia* e do *MIDI*, que se complementam, o texto abordará o tema da família e suas dificuldades e como a Igreja deve orientar e refletir esse assunto no seu cuidado pastoral.

Desejamos a todos(as) uma ótima leitura. Que esta edição da Revista Teopraxis possa contribuir para avançar mais na reflexão, debate e abertura para o tema o protagonismo feminino na Igreja e na sociedade, inspirados(as) pelo exemplo de grandes mulheres bíblicas, líderes cristãs e tantas outras que inspiram nosso fazer e pensar teológico-pastoral.

# ENTREVISTA

## Revista Teopraxis

v. 40, n. 135, Passo Fundo,  
p. 7-10, Jul./Dez./2023,  
ISSN on-line: 2763-5201

DOI:dx.doi.org/10.52451/teopraxis.v40i135.182

\* Possui graduação em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1975), mestrado em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1985) e doutorado em Teologia Sistemática pela Pontifícia Universidade Gregoriana (1989). Atualmente é professora titular no Departamento de Teologia da PUC-Rio.

Email: agape@puc-rio.br

 <https://orcid.org/0000-0003-3443-8214>

Recebido em 10/09/2023

Aprovado em 21/10/2023



Este artigo está licenciado com a licença: Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 International License.

## CONVERSANDO SOBRE A HISTÓRIA DA MULHER NA IGREJA E NA CONTEMPORANEIDADE<sup>1</sup>

*Maria Clara Lucchetti Bingemer\**

A edição 40/135 de 2023 da **Revista Teopraxis**, da Faculdade de Teologia e Ciências Humanas, Itepa Faculdades, tem a alegria de apresentar este dossiê que dialoga sobre o tema da **Mulher na história da Igreja e na contemporaneidade**. Abordar essa temática tem sido algo latente para a evangelização hoje, sobremaneira quando tanto se reflete acerca da sinodalidade. Desde a Igreja Nascente, as mulheres foram fundamentais para o crescimento e florescimento do cristianismo em suas primeiras comunidades, na evangelização e no discipulado.

Para contribuir e qualificar esse diálogo, convidamos a teóloga doutora Maria Clara Lucchetti Bingemer, professora de teologia da PUC-Rio e decana do Centro de Teologia e Ciências Humanas da mesma faculdade, uma das grandes referências da teologia elaborada pelas mulheres no Brasil e no mundo. A Dra. Maria Clara atua na área de Teologia Sistemática, principalmente nos seguintes temas: Deus, alteridade, mulher, violência e espiritualidade. Atualmente, seus estudos e pesquisas vão primordialmente na direção do pensamento e escritos de místicos contemporâneos e da interface entre Teologia e Literatura. Várias de suas obras dialogam com o tema proposto nesta edição: “Cultura da paz e prevenção da violência”; “Mulheres de palavra”, “Mulher e Relações de Gênero”; “Maria, Mãe de Deus e Mãe dos Pobres”, em coautoria com Ivone Gebara; “Simone Weil - Ação e contemplação”; “A experiência de Deus num corpo de mulher”; “A Igreja e os intelectuais”; “Doutrina Social da Igreja e Teologia da Libertação”; “O Segredo Feminino do Mistério”, entre tantas outras que trazem à tona uma teologia em ritmo de mulher.

Para dialogarmos com a autora, propomos algumas questões que visam aprofundar e problematizar essa abordagem tão premente na produção teológica atual. Por isso, é um prazer para nós podermos estabelecer essa interlocução mais direta com a autora que está muito presente em nosso círculo de reflexões. Nossa Revista Teopraxis a acolhe com muita ternura e admiração e, ao mesmo tempo, desejamos que nossas(os) leitoras(es) apreciem essa troca de experiências. Enfim, gratidão, Maria Clara, pela sua disponibilidade em contribuir com nosso fazer teológico através dessa entrevista.

1 Entrevista concedida à Luísa de Lucas, coordenadora desta edição da Revista Teopraxis.

## **1 Quais são suas principais referências (obras, pessoas) na teologia que influenciam seu pensar e fazer teológico?**

Poderia mencionar várias. A primeira sem dúvida é Santo Inácio de Loyola, sobre cuja obra fiz minha tese de doutorado. A partir da experiência dos Exercícios Espirituais apaixonei-me por sua espiritualidade, sua mística e pela síntese teológica trinitária que nela havia. Reuni aí meus dois amores: a mística e a Trindade, temas com os quais trabalho até hoje. Em seguida, e mesmo a partir da tese, Karl Rahner, cuja obra teológica para mim foi fundamental para compreender a teologia moderna e mesmo contemporânea que começava a estudar. Seu axioma que diz que a Trindade Econômica (Deus para nós) é a Trindade Imanente é fundamental para toda a compreensão que tenho da Teologia. Em meus estudos teológicos pude ver a influência de Rahner sobre a teologia latino-americana que se forjava naquele momento. Outra referência para mim é sem dúvida a Teologia da Libertação, que entende a práxis como ponto central de convergência e irradiação da vida cristã. A abertura de Rahner para tudo que é secular e do mundo foi fundamental para isso. Dentro da própria TdL, meus interlocutores maiores foram sem dúvida J. B. Libanio, professor e amigo, que muito me ensinou e ajudou durante meu percurso teológico; Leonardo Boff, que me convidou para dar aulas em seu lugar no ITF na época em que não podia assumir essas aulas. E finalmente Jon Sobrino, com quem trabalhei ao longo de dez anos na revista Concilium. Seu pensamento a partir das vítimas, que alarga a concepção da identidade dos pobres foi e é fundamental para mim.

No período em que trabalhei no diálogo fé e cultura, estudei muito a modernidade e a pós-modernidade e as mutações que aconteciam na cultura e atingiam a religião. Foi então que me deparei com o pensamento de Simone Weil, que para mim hoje é referência obrigatória como filósofa, pensadora e como mística. Ela me abriu todo o mundo da mística contemporânea no qual fui encontrar outras referências importantes. Mulheres sobretudo como Ety Hillesum, Edith Stein e Julia Kristeva que pensa sobre essa mística. Igualmente Dorothy Day, ativista e mística estadunidense, cuja mística tem muitos pontos em contato com a Teologia da Libertação. Igualmente Thomas Merton, monge trapista escritor, que conheço menos, mas que sempre me fascina e me mostra como a mística é livre e como a teologia que dela brota é a que mais pode atingir os ouvidos e os corações contemporâneos.

Ao lado disso, eu diria que meu terceiro campo maior de influências é e tem sido a literatura e a poesia. Vejo a literatura como a nova mediação hermenêutica por excelência para que a teologia encontre espaço para dizer novas palavras ou palavras que ressoem e sejam entendidas hoje. Neste campo tenho descoberto sobretudo autoras mulheres, como Adélia Prado, Sophia de Mello Breyner Andresen, assim como também alguns homens, tais como Guimarães Rosa. Vejo que hoje a teologia deve estar realmente nas fronteiras e no átrio dos gentios, dialogando com as questões que a sociedade levanta. Só assim cumprirá sua missão, tal como a entendo. O Papa Francisco tem falado constantemente sobre isto e creio que suas palavras começam a produzir frutos.

## **2 A partir do seu trabalho como docente e teóloga, quais são os maiores desafios contemporâneos que observa? O que você aconselharia para as mulheres que optam em seguir e atuar nessa área? Quais aspectos considera relevantes e que deveriam ser uma ocupação dos (as) jovens teólogos(as)?**

Os desafios são muitos e muitos deles eu creio que já aponte na resposta acima. A teologia hoje não pode mais se limitar aos manuais e compêndios. Nem lhe é permitido restringir-se aos espaços apenas eclesiais. Deve ocupar-se nestes, claro está, mas deve também sair, dentro do modelo de Igreja em saída que propõe o Papa Francisco e fazer

ouvir seu discurso fora do templo, no chão da vida, em meio às pessoas as mais diversas, mesmo que estas não comunguem da fé que marca e deve marcar o discurso teológico. A grande intuição do Concílio Vaticano II é esta: Deus não se faz presente apenas dentro da instituição eclesial, mas estende sua autocomunicação e revelação a toda a humanidade e a toda a criação, a toda a festa dos seres vivos. Igualmente nas fronteiras, nos lugares ambíguos e talvez suspeitos, ali a experiência de Deus pode estar emergindo de formas originais e insuspeitadas. Os teólogos então deveriam dirigir seu olhar com muita atenção a tudo isso.

Para as mulheres, enquanto mulher, diria que sabemos que o caminho é árduo. Ainda existe muita suspeita, muita distância, muita discriminação com relação à presença da mulher fazendo teologia. Justamente por isso, nosso esforço deve ser ocupar os espaços, fazer-se visível e audível. Mostrar a que viemos. Nesse sentido – essa foi minha experiência então a partilho aqui – creio que não devemos elaborar nossos textos e reflexões apenas em torno ao tema da mulher. É muito importante fazê-lo, claro está, mas é importante também demonstrar que podemos e sabemos refletir e falar sobre outros temas teológicos: sobre Deus, sobre Jesus Cristo, sobre o Espírito Santo, sobre a Igreja, sobre a antropologia, escatologia, a Bíblia etc. E o fazemos enquanto mulheres. Creio que isso ajuda as portas a se abrirem, ou melhor, a não se fecharem tanto.

Aos jovens (tenho alunos jovens e me encham de esperança) diria que nos ajudem, que não tenham medo de expressar-se livremente, de colocar suas perguntas, de levantar suas dúvidas e suas questões. São eles que nos abrirão as portas dessa nova época que estamos vivendo. Precisamos de sua presença e dos temas que os ocupam e lhes move o coração para que nossa teologia procure responder às perguntas que são feitas e não àquelas que já tiveram seu momento, mas não serão mais feitas.

### **3 Partindo da perspectiva da mulher, sua contribuição na reflexão teológica atual já atravessa continentes, evidenciando que não é possível fazer teologia sem olhar para o feminino. Nesse sentido, em que aspectos a hermenêutica da teologia feminista contribuiu para a teologia hoje? Como essa releitura está promovendo uma exegese e análise dos textos bíblicos e impactando na produção teológica no Brasil e no mundo?**

A meu ver, a teologia feminista abriu uma fenda no discurso hegemônico e monolítico do patriarcalismo que marcava boa parte da teologia cristã. Trouxe perguntas e dúvidas e suspeitas sobre algo que parecia dado por assente desde sempre e para sempre. Trouxe a diferença da mulher mostrando que é constitutiva da humanidade, a qual não encontra sua identidade sem ela. Trouxe uma perspectiva diferente para abordar o texto bíblico, trouxe novidades retumbantes para falar sobre a antropologia, e sobre a Cristologia e o discurso sobre Deus e a experiência que o funda. E trouxe temas próprios, de sua agenda, para o centro da teologia: a sexualidade, o gênero, a corporeidade. Ultimamente creio que um dos temas mais importantes é a analogia do discurso sobre a corporeidade feminina com a corporeidade da terra dentro da grande temática da Ecologia. O ecofeminismo é um dos veios mais promissores da teologia, a meu ver, assim como a mística. A redescoberta das mulheres místicas de ontem e de hoje, medievais, modernas e contemporâneas é algo de extrema importância e que traz luz nova para muitas questões importantes.

#### **4 A hermenêutica feminista e de gênero, particularmente na América Latina, teve como pano de fundo a Leitura Popular da Bíblia. A mudança de vocabulário e de questões práticas que promovem o protagonismo feminino ainda revela um grande abismo na igreja. Que movimentos a igreja deverá avançar mais para a vivência do Discipulado de Iguais?**

Eu sou otimista quanto aos passos e ao espaço que a mulher vem ganhando na Igreja, apesar de reconhecer que esses passos ainda são primeiros e estão longe de terem dado toda a sua medida. Ainda há muito que caminhar. No entanto, creio que uma coisa é imprescindível e fundamental: que as mulheres estejam juntas e solidárias e trabalhem sempre mais em rede. Nossa teologia tem que ser “Madalena” como nos ensinou Moema Miranda, ao falar da Igreja Madalena. Não é nem pode ser uma teologia de competição, mas de comunidade e solidariedade. Temos que pensar em rede, fazendo um trabalho sempre inclusivo e deixando claro aos companheiros homens que não pretendemos isolá-los do nosso convívio. Pelo contrário, nós os queremos conosco, sabendo que quanto mais eles se conscientizarem da importância de que a nossa diferença esteja presente no discurso e no tecido comum da teologia, todos teremos a ganhar. Não se concebe mais um espaço onde a presença e a voz feminina não estejam presentes na linha de frente. Enquanto isto não acontecer, haverá sempre uma nota falsa na bela sinfonia que Deus deseja que a teologia faça soar e ressoar pelos espaços contemporâneos.

#### **5 O Papa Francisco tem insistido em seu magistério na valorização e inclusão feminina. Um exemplo é ter permitido que mulheres votem no próximo Sínodo dos Bispos em um movimento inédito que pode abrir caminho para maior inclusão feminina nas decisões internas da Igreja Católica. O que você espera desta abertura?**

Penso que o Papa Francisco está fazendo o que pode, com a lúcida consciência de que não pode fazer tudo. Abriu espaços para as mulheres, situando-as em cargos de importância dentro da Igreja. A questão do voto no Sínodo é uma das questões, não a única. Ele assim promoveu uma maior visibilidade das mulheres e isso já foi um passo. Cabe a nós ocuparmos bem esse espaço que foi aberto e procurar ir abrindo outros, incluindo outros e outras. Certamente após o Sínodo poderemos ouvir coisas novas. Não é algo do terreno da evidência, não se fará sem muita luta e provavelmente nossa geração não verá a terra prometida em todo o seu esplendor. Mas a alegria de ser semente de um processo tão belo e importante como essa inclusão feminina já dá para consolar e muito nossos corações e alegrar nosso espírito. Que assim seja!

# ARTIGOS

## Revista Teopraxis

v. 40, n. 135, Passo Fundo,  
p. 11-21, Jul./Dez./2023,  
ISSN on-line: 2763-5201

DOI:dx.doi.org/10.52451/teopraxis.v40i135.195

\* Doutora em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2021). Mestre em Filosofia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (2012). Graduada em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2006). Assessora de Retiros. Educadora e coordenadora da Pós-graduação em Protagonismo Feminino na Igreja na PUCMINAS. Tem experiência nas áreas da Educação, Filosofia, Ética Naturalizada e Teologia Sistemática, atuando nos seguintes temas: educação, mulher, transcendência, espiritualidade e mística. É pesquisadora pós-Doc junto ao Grupo de Pesquisa Educação, Gênero e Trabalho Artesanal, liderado pela Prof<sup>a</sup>. Edla Eggert/PUCRS. Pesquisa o protagonismo e experiência de Deus na voz e presença da mulher na Igreja, desde origens primitivas das mães do deserto, medievais em diálogo com as modernas, a partir do pensamento e obra de Edith Stein.

Email: [elismachado@gmail.com](mailto:elismachado@gmail.com)

 <https://orcid.org/0000-0001-6820-3590>

Recebido em 04/08/2023

Aprovado em 12/11/2023



Este artigo está licenciado com a licença: Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 International License.

## O FEMININO NO CRISTIANISMO ANTIGO

Um ensaio sobre a Matrologia

## THE FEMININE IN ANCIENT CHRISTIANITY

An essay about Matrology

*Elisângela Pereira Machado\**

**Resumo:** É possível constatar, nos últimos anos, o empenho do escrutínio histórico que vem sendo realizado com relação à presença e à liderança da mulher na sociedade e na Igreja. Não há mais dúvidas, resistências, talvez, de que a mulher teve papel fundamental na consolidação do Cristianismo. O feminino foi responsável agente transformador na expansão dessa tradição de fé, preponderante na cultura ocidental. É esse feminino, de muitas nuances, que, em grande parte, segue responsável pela formação sistemática da maioria dos fiéis em um serviço autêntico, gratuito e anônimo. A emergência da questão feminina lança luzes a figuras esquecidas, testemunhas autênticas de uma profunda experiência de Deus e de uma maestria espiritual tão solicitada hoje, em nosso plural contexto, dominado pela velocidade, funcionalismo e economismo. Em um encontro do passado com o presente, este artigo pretende evocar algumas figuras femininas da tradição espiritual do Cristianismo Antigo, mulheres do Império e do deserto, ammas-madres-mães da Igreja, que alicerçaram duas desconhecidas ciências, a Matrologia e a Matrística. Junto delas, queremos problematizar a importância de retomar elementos de sua Força vital, capaz de gerar e de cuidar da Boa Nova.

**Palavras-chave:** Espiritualidade. Mulher. Força vital. Boa Nova.

**Abstract:** It is possible to see, in recent years, the commitment of the historical scrutiny that has been carried out in relation to the presence and leadership of women in society and in the Church. There is no longer any doubt — resistance, perhaps — that women played a fundamental role in the consolidation of Christianity. The feminine was responsible for the transforming agent in the expansion of this tradition of faith, preponderant in Western culture. It is this feminine, with many nuances, that, to a large extent, continues to be responsible for the systematic

formation of the majority of the faithful in an authentic, free and anonymous service. The emergence of the female question sheds light on forgotten figures, authentic witnesses of a profound experience of God and a spiritual mastery that is so requested today, in our plural context, dominated by speed, functionalism and economy. In an encounter between the past and the present, this article intends to evoke some female figures from the spiritual tradition of Ancient Christianity, women of the Empire and the desert, ammas-mothers-mothers of the Church, who founded two unknown sciences, Matrology and Matristics. Together with them, we want to problematize the importance of resuming elements of their vital force, capable of generating and caring for the Good News.

**Keywords:** Spirituality. Woman. Vital force. Good News.

## INTRODUÇÃO

Percebe-se que toda investigação sobre o legado do feminino sofre uma escassez de vestígios em torno de seu passado e, isso se traduz numa das mais agudas questões em termos da legitimidade de seu protagonismo. De fato, ainda hoje, queiramos ou não, é o discurso dos homens que valida as representações construídas sobre as mulheres. Uma constatação averiguada desde quando encontramos mulheres que sobressaem na história, mediante seus conhecimentos, sabedoria e maestria espiritual, essas, quase sempre, estão permeadas de elementos de vida transmitidos mediante o imaginário masculino, que apresenta esses registros de forma mais “fantasiosa” do que condizente com a realidade histórica de seus fatos memoráveis.

Atenta às reivindicações e aos avanços do feminino hodierno, ainda que permeado de muitas lacunas e indagações, quem redige as páginas que seguem é uma mulher, religiosa, educadora, ciente dos desafios da viragem dos tempos, da nova cultura midiática, bem como do apelo ao retorno do calor de uma reflexão antropológica intuitiva, de uma espiritualidade que resgate e integre o ser humano em todas as suas dimensões e propósito último. Assim, ancorada em leituras sobre questões relacionadas aos estudos de gênero e histórias de mulheres dos primeiros séculos do Cristianismo (I-VII), a proposta é a de apresentar a Força vital do feminino no testemunho de mestras espirituais que podem inspirar, hoje, a pessoa humana imersa em um mundo materializado e aparentemente ignorante de transcendência.

Nossas investigações decorrem de um estágio pós-doutoral<sup>1</sup>, ainda em andamento, em textos reconhecidos dos chamados “Pais da Igreja”. Este título é originado do termo grego *pater*, pai, ou do hebraico *abba*, paizinho, do qual resulta a conhecida corrente de estudos teológicos denominada “Patrística”. De modo surpreendente, foi possível localizar, no acervo patriarcal das origens da história ocidental da fé cristã, a presença de mulheres que rompem silêncios e que são mencionadas, mesmo que em linhas brevíssimas.



<sup>1</sup> Um ano de Pós-doutorado, sem bolsa, em estudos na linha de pesquisa “Teorias e Cultura em Educação, Teologia e Pensamento Contemporâneo”, junto ao Grupo de Pesquisa “Educação, Gênero e Trabalho Artesanal” da PUCRS.

Sabe-se que os Pais da Igreja tardia eram, principalmente, orientais, pois procediam de comunidades e igrejas do Oriente Médio e da Ásia. Mas quem eram essas mulheres?

Ao planarmos no cenário da Igreja cristã tardia, dos séculos II e III, encontramos um intermediador entre os padres apostólicos e as escolas teológicas; uma figura transeunte entre as Igrejas do Oriente e Ocidente em tempos repletos de celeumas relacionadas à Igreja em expansão e sua relação com o Império Romano: Irineu de Lyon (103-202). Dele é a sentença: *a Fonte tem sede de ser bebida*. Movida por essa máxima do Bispo de Lyon, o convite é o de visitar a Fonte e de encontrar mulheres que expressem o feminino do Cristianismo antigo, e que puderam sorver de seu frescor e experienciar em suas vidas a abundância de seu conteúdo.

Sabe-se que o sistema patriarcal da tradição cristã contou com a colaboração de muitas mulheres que acolheram, naturalmente, o ancestral *status* de inferioridade do ser mulher na sociedade e na religião. Mulheres que ciclicamente, tiveram de se adaptar às mudanças impostas. Elas tiveram de elaborar em suas vidas o giro de uma anterior condição do livre seguimento, da diaconia das casas, da entrega martirial<sup>2</sup>, do patrocínio financeiro às viagens missionárias de líderes da Igreja, das traduções e propagação da Palavra, ao obscuro silenciamento e submissão em um novo contexto. Ainda assim, houve aquelas que buscaram recorrer a outros modos de viver a dimensão do feminino.

Elas são identificadas como *ammās* da Igreja, mulheres repletas do Espírito Santo, mães espirituais que buscaram abraçar uma forma de vida radical de oração, conversão e anúncio. Mulheres sábias, tanto no nível pessoal quanto coletivo, determinadas em romper com os limites impostos pela estrutura do poder patriarcal que se estruturava e fortalecia o Cristianismo e, aos quais, elas estavam sujeitas. Como em nossos dias, essas mulheres não ocupavam postos de responsabilidade eclesiástica, mas, de um modo criativo, elas propunham uma igualdade espiritual para ambos os sexos. Obviamente, ciente das controvérsias teológicas e da perspectiva de gênero, muito importantes, não nos deteremos em questões que solicitem mais profundidade no quesito do patriarcado mantido por um confortável feminino da época. O que nos retém no presente estudo é o processo de muitas mulheres avançarem para além da casa e do matrimônio, condicionadas pelo contexto de Igreja, contudo, dispostas ao risco em um tempo em que a coragem e a autenticidade poderiam resultar em heresia e exclusão comunitária na sociedade cristianizada.

O que se propõe é uma aproximação, um olhar atento a um movimento feminino silencioso, de pequenas revoluções, resultantes da autêntica opção por uma vida de interioridade radical partilhada. Opção essa em que elas se revelaram verdadeiras mestras de sabedoria e oração, mulheres ocultas, repletas do Espírito de Deus, que exerceram grande ascendência aos homens da tradição e aos peregrinos que as buscavam e que nelas reencontravam o propósito de suas vidas. Por isso, é emergente o exercício de releitura de suas vidas e de seus ensinamentos, numa hermenêutica feminina que compreenda a força e a extensão de seu pioneirismo em romper a subordinação milenar prescrita pelo homem. De fato, elas têm algo a dizer e a contribuir na atualização e no ressignificado vital do progresso da religião cristã em nossos dias.

Trata-se da história de gênero, em seu plural contexto e diálogo, de uma antropologia inclusiva que incentiva o questionar dos parâmetros de estudos

2 Não há como subestimar o número de vítimas nas perseguições do Império Romano contra os cristãos. Aos que morriam, assassinados brutalmente, confessando a fé em Jesus Cristo, a Igreja deu o nome de “mártires”. Muitas das mulheres de que iremos nos aproximar, dos sécs. III – IV, tinham amigos ou familiares que sofreram perseguições e martírio, reconhecido nos primeiros séculos como “martírio vermelho”; depois, como “martírio branco”, relacionado à vocação ascética e celibatária (Nota da autora).

socioculturais e da religião, no que condiz ao papel da mulher – aqui, especificamente, no Cristianismo. Mulheres que nos instigam ao exigente exercício da indagação histórica, em um dinamismo teológico profundo, mediado pela hermenêutica da suspeita, numa espécie de escavação arqueológica dos seus silêncios e de seus ditos; resquícios de seu protagonismo originário, ainda tímido no tocante a sua capacidade de liderança, produção e de promoção da palavra, seja ela dita ou escrita. Um movimento vital, da força interior do ser mulher que fez e potencializou o deserto, na trajetória dos séculos I a VII, um lugar de encontro da história Sagrada e da história humana.

Para elas, o deserto foi lugar decisivo em que se adquire a experiência do madurar das próprias opções, espelho profundo em que se reflete o que somos, temos e, autenticamente, desejamos (PEDRÓS, 2003, p.28). Em tempos emergenciais, em que há de se cuidar da pedagogia integral do ser, elas são, por excelência, modelo da pedagogia divina; do viver em plenitude convicções e verdades transcendentais comprometidas com o humano, especialmente, o mais fragilizado, deixado à margem do propósito do Reino anunciado pelo Mestre que as inspirou: Jesus de Nazaré, o Cristo Ressuscitado.

Assim, iniciemos o resgate histórico das mulheres da Igreja primitiva que são portadoras de uma corrente teológica espiritual valorosa para o presente. Elas nos convocam para uma peregrinação em seus lugares e vidas (MARTINS, 2017, p.133), ou seja, da realização de um emergente exercício arqueológico em seu estilo sapiencial de ser, de estar, de viver e de protagonizar o feminino em relação ao Mistério, ao Eterno, ao Amor. Um Amor em discordância do belicoso e do poder que corrompe a vida em todas as suas instâncias. Portanto, que a viagem comece, assim como nas palavras dirigidas às senhoras da alma, amigas de Egéria: *Vnde si Deus noster Iesus iusserit et uenero in pátria, legi si uos, dominae animae meae.*<sup>3</sup>

## 1 UMA INEXPLORADA LITERATURA

O estudo da Matrologia é um peregrinar por territórios um tanto inexplorados da literatura cristã. Afinal, por muito tempo, a mulher esteve refém de uma sociedade que a impedia de ler e escrever - felizmente, não de pensar. Por certo, é possível encontrar brevíssimos relatos, escritos, menções, sombras de um feminino eclipsado pela literatura cristã dos Pais da Igreja. Contudo, é visto que o período de nossa investigação, os séculos I-VII, está repleto de mulheres que se lançaram dos anseios de sua natural condição finita a uma jornada sem volta rumo às possibilidades do Eterno. Disso resultou que elas iriam caminhar nas ruas de Roma, passar pelas portas das Igrejas e se lançariam na aventura do deserto e da vida monacal; buscariam os lugares sagrados em que Jesus esteve. E, a partir daí, elas começaram a falar franca e corajosamente daquilo que experienciaram.

Foi um tempo de muitos questionamentos acerca da Igreja, de Jesus e de Sua mensagem<sup>4</sup>, de desafios, em que as pessoas desejavam, ardentemente, o Sagrado, buscando na singularidade das vidas acionar a interioridade, conscientes de transcendência em um movimento em que se consideravam peregrinos/peregrinas e, assim, rezavam como o salmista: *“Escuta a minha súplica, Senhor, atende o meu grito, não sejas surdo a minhas lágrimas, pois sou teu hóspede, peregrino, como todos os meus pais.”* (Sl 39,13). Pessoas que buscaram a

3 (...) *E se Jesus nosso Deus ordenar e eu voltar desse lugar à pátria, vós também as lereis, senhoras de minha alma.* (Trad. da autora).

4 Quando o Cristianismo se tornou a religião oficial do Império Romano, algo notável e estranho aconteceu. Um movimento de pessoas começou a se reunir às margens do Império para buscar a Deus. Elas foram para os desertos da Palestina, Capadócia, Síria e Egito. Este é o surgimento daqueles e daquelas que chamamos coletivamente de Pais (*abbas*) e Mães (*ammās*) do deserto. Esses indivíduos no deserto procuraram refletir mais profundamente sobre o Mistério de Deus e a vontade de Deus por meio do trabalho, da oração e do estudo das Escrituras.

Fonte e que, em seu testemunho de vida espiritual, transbordavam de um fervoroso amor pela Pessoa de Jesus, Verbo Encarnado, Deus feito humanidade.

A raiz da palavra “Matrologia” vem da denominação madre-mãe-*amma* e está ligada ao termo “Patrologia”, cuja raiz repousa no termo já mencionado: pai-padre-*abba*. O criador do termo “Patrologia” foi o luterano J. Gerhard (1637). Com ele, quis expressar tudo o que se relaciona ao estudo histórico e literário, à vida e obra de autores antigos, também conhecidos como “Pais da Igreja”, homens, mestres da fé, nem sempre sacerdotes, responsáveis pela história e pela literatura cristã e eclesiástica. Logo, a Patrística, mais conhecida em nossos dias, é um adjetivo que se refere ao conteúdo teológico dos padres da Igreja<sup>5</sup>.

Matrologia e Patrologia estão, lado a lado, da Patrística e da Matrística; estas últimas, ciências posteriores, estão presentes na Teologia por meio de documentos autorizados mais elaborados, estudos sistematizados oriundos dos Pais da Igreja (PEDRÓS, 2003). A Matrística é pouco conhecida e divulgada; no entanto, mesmo próxima da Matrologia, ela avança em um período em que a tradição oral começa a ser organizada e redigida. Nela, encontramos nomes de mulheres da aristocracia romana, economicamente bem-sucedidas na sociedade e, conseqüentemente, na Igreja. Mulheres, portadoras de uma herança familiar cristã que procuraram dar continuidade à fé de seus ancestrais. Assim, elas acompanhavam, em viagens e na elaboração de estudos bíblicos, homens eruditos, como São Jerônimo.

Figuras como Paula, Marcela, Marcelina, Asela, Príncípiã, Lea e Fabíola estão na lista das precursoras na fundação de monastérios no Oriente. Marcela, por exemplo, é carinhosamente chamada pelo Santo de *philoponotate*, que significa “a estudiosa”. Assim como outras de suas companheiras, é mencionada nas Cartas de São Jerônimo (JERÓNIMO, 1963).

A diferença entre Patrologia e Matrologia é unicamente cultural. O legado da Matrologia, da tradição oral das *ammæ* dos séculos I a VII, teve os seus ensinamentos recolhidos e, como mencionado, transmitidos através de literatura autorizada em escritos respectivos. Vale a ressalva de que estamos nos referindo a um período em que a teologia, o estudo da Escritura Sagrada, não era uma atividade puramente intelectual, mas era entendida por relatos de uma experiência interior, abertura do coração e reto entendimento dos mistérios de Deus em Jesus, manifestação do divino na natureza efêmera de ser.

À medida que a história avança, o legado da tradição oral inclusiva, que dignifica e considera o feminino, dá lugar a um processo de construto interpretativo dos Evangelhos, da Boa Nova do Mestre resguardada, redigida e proclamada por homens que irão lançar às sombras o testemunho ocular da mulher discípula e apóstola. De fato, à medida que a tradição cristã se expandia e estruturava, o universo masculino suprimiu o protagonismo de suas homólogas. As mulheres, mães, *ammæ* espirituais, jamais foram incentivadas a escrever, plasmar uma doutrina ou a redigir tratados da fé, desde a perspectiva da experiência de Deus em seu gênero; no entanto, elas souberam viver, até as últimas conseqüências, as disciplinas e a Doutrina em que se firmavam. Delas, encontramos somente 128 apotegmas<sup>6</sup>. Talvez, inspiradas em Jesus, que nada deixou por escrito, a não ser os enigmáticos rabiscos na terra quando poupou a mulher adúltera da condenação ao apedrejamento dos homens (Jo 8,6).

5 Teólogos luteranos e católicos no século XVII utilizam o termo ao especificar a teologia como Bíblica, Escolástica, Patrística, simbólica e especulativa.

6 *Apotegma* é um estilo literário de sentenças breves, memoráveis, incisivas e intensas, próximo da parábola e da sabedoria popular. Ele expressa a sabedoria das eremitas e monásticas; não há argumentação, defesa, teorização ou exegese. São ditos ou palavras iluminadas que tentam abrir o coração do ouvinte peregrino. NdA.

A Matrologia desponta de uma iniciativa ousada, de partida para o deserto, risco na procura de uma experiência de encontro íntimo com o Mestre, a fim de, de coração a coração, ser novamente tocadas e visibilizadas pelo Mistério em todo o ser mulher. Inspiradas por suas predecessoras, elas sabiam que Nele o melhor da vida pulsa, ergue-se, dança e avança, proclamando o propósito da existência em uma esperança demencial que poucos compreendem.

Sem dúvida, há de se considerar o período em que se contextualiza a experiência, bem como aspectos da cosmovisão antiga, traduzindo o tempo e atualizando as suas mensagens. No calor de uma reflexão intuitiva, recepção criativa aos ensinamentos dessas mães do viver e do crer, pressupõe-se um legítimo diálogo com a cultura e as comunidades do Antigo e Novo Testamentos. Sob a orientação do Divino Mestre, Verbo Encarnado, a teologia espiritual dessas mulheres desdobra-se em pedagogia espiritual. Não no intuito de ensinar, mas de aprender juntos, de colaborar na formação plena do humano, sempre em peregrinação e, muitas vezes, distante de si mesmo, exilado em seus desertos pessoais e míope diante da Fonte - condições que se repetem, seja em qual for o século. Elas nos conduzem rumo a uma pedagogia da interioridade, da leitura Sagrada da vida, pedagogia que difere daquela reproduzida pelos homens, mais conquistadora e belicosa.

O papel de liderança da mulher, da cidade ao deserto, nas *ammās*, mesmo que se revelando um papel emancipatório, um importante espaço de liberdade e protagonismo, ante à hierarquização do Cristianismo, sofre, mais tarde, impactos que forçam ao novo estruturamento de suas vidas. Emergem os monacatos femininos sob o controle do bispo. Destarte, as *ammās*, que integram a Matrologia e/ou Matrística, estendem-nos as suas mãos em um convite salvífico para retomarmos o Caminho (At 9,1-2), reconsiderarmos que, onde quer que estejamos, o deserto terá de ser atravessado de tempos a tempos, muros continuarão a ser erguidos, estruturas irão, muitas vezes, sufocar e engessar o Espírito, ou melhor, a Sagrada *Ruah*<sup>7</sup>, mas que ela é Vento incessante e sopra onde quer, e é Ela quem auxilia, sempre mais, na retirada dos poderosos de seus tronos e na confusão dos “sábios”.

É no deserto que a oração cria raízes, e a vida é revitalizada pela Força daquele que elas encontraram. Um lugar primordial onde o peregrino alcança voo em suas asas da fé e da razão e, assim, volta a aterrissar, mais dono de si, ciente das dores da realidade; compromete-se em cuidar dela. Lugar de abertura, expansão e profundidade, que se traduzem em comunhão e misericórdia. Em um processo experiencial do Cristo, cristificase, apura a sua sensibilidade e a certeza de que não pode avançar, evoluir, sem buscar o frescor da Fonte que lhe nutre; somente assim poderá gerar vida, comunhão, caridade e manter o aperfeiçoamento de sua geração.

Vamos ao resgate histórico da literatura inexplorada dessas mulheres da Igreja primitiva, figuras portadoras de uma criativa corrente teológica espiritual para o presente. Elas nos convocam para uma peregrinação até elas (MARTINS, 2017, p.133), ou seja, para a realização de um emergente exercício arqueológico em seu estilo sapiencial de ser, de estar, de viver e de protagonizar o feminino em relação ao Mistério, ao Eterno, ao Amor.

## 2 UM PERFUME QUE SE ALASTRA

O estudo sobre as *ammās* da Igreja, da Matrologia, diz respeito à vida de mulheres que transbordavam de maestria espiritual. Elas são parte da história do protagonismo de mulheres que romperam com um coletivo anônimo, figuras situadas na fileira do legado

<sup>7</sup> Em estudos hermenêuticos da Sagrada Escritura, relacionados à terceira Pessoa da Santíssima Trindade, essa é representada mediante o uso de três termos que a caracterizam, a saber, o termo grego neutro *Pneuma*, o termo latino masculino *Spiritus*, e o termo hebraico feminino *Ruah*. NdA.

querigmático, do testemunho de anúncio instintivo, apostólico, profético, feminino da Nova Aliança, conforme visto em textos como os dos Evangelhos de Mateus (Mt 28,7-8), Lucas (Lc 24,9-10) e de João (Jo 20,1-2; 17-18). É visto que as suas antecessoras abriram clareiras no que condiz ao protagonismo da mulher no Cristianismo; foram mulheres repletas de gratidão, que, irredutíveis, permaneceram em Jerusalém durante todo processo de julgamento, condenação e execução Daquela que as compreendeu, amou e visibilizou: *Yeshua*, Jesus de Nazaré.

De fato, como dissemos, à medida que a tradição cristã se expandia, o universo masculino suprimiu o protagonismo feminino. Um exemplo está na experiência querigmática em Madalena, que é desconsiderada quando substituída pela experiência de Paulo (1Cor 15,1-11). Em Paulo, a experiência do ver o Cristo Ressuscitado (At 9,1-19) torna-se mais relevante do que a Revelação propagada pelos lábios de Madalena (Lc 20,11-18). Tais circunstâncias tocam a sensível questão de reaver e de considerar a criatividade do Espírito (Jo 3,8), a grandiosidade da Revelação e de seu anúncio, que acontece onde menos se espera e seja para qual for o gênero (1Cor 1,27).

Todas elas, essas amigas da alma, são protagonistas da Boa Nova, mulheres comprometidas com o cuidado de tudo e do todo e responsabilizadas pelo próprio Jesus a espalharem o perfume salvífico do Reino. Elas transbordam de transcendental sensível, de um *interior intimo meo* que conduz todos e todas que as encontram para o reconhecimento da presença de um cáldo centro do Ser. A Igreja sempre contou com a ajuda incontável dessas mulheres; infelizmente, poucas foram mencionadas em sua história. Por isso, temas como a inferioridade feminina e a dualidade de gêneros sempre estarão presentes no progresso, na evolução da sociedade, em problematizações encontradas, da mesma forma, na religião.

O Papa João VI, sensível à realidade subterrânea da valorização da mulher na Igreja, escreveu sobre o estatuto especial de sua dignidade, presente no ser mulher, porque elas estão chamadas a formar parte da estrutura viva e operante do Cristianismo. Ele escreve: *A Igreja orgulha-se, como sabeis, de ter dignificado e libertado a mulher, de ter feito brilhar durante os séculos, na diversidade de caracteres, a sua igualdade fundamental com o homem. É por isso que, neste momento em que a humanidade sofre uma tão profunda transformação, as mulheres impregnadas do espírito do Evangelho podem tanto para ajudar a humanidade a não decair*<sup>8</sup>. Tempos mais tarde, na Carta Apostólica *Mulieres dignitatem*, o Papa João Paulo II, equivocadamente em chamar a mulher de “complemento do homem” possibilitou a expansão de sua reflexão ao expor que a mulher é o arquétipo de todo gênero humano e, assim admoesta: *É preciso continuar neste caminho! Estou convencido, porém, que o segredo para percorrer diligentemente a estrada do pleno respeito da identidade feminina não passa só pela denúncia, apesar de necessária, das discriminações e das injustiças, mas também, e sobretudo, por um eficaz e claro projeto de promoção, que englobe todos os âmbitos da vida feminina, a partir de uma renovada e universal tomada de consciência da dignidade da mulher. Ao reconhecimento desta, não obstante os múltiplos condicionalismos históricos*<sup>9</sup>.

Atualmente, o Papa Francisco, em seu testemunho de liderança que escuta e almeja mudanças, empenha-se em abrir espaços e dar voz e espaço à mulher na Igreja em saída que ele propõe. E, mesmo com toda movimentação de possibilitar o voto à mulher no Sínodo, o feminino continua sendo uma novidade e são colocadas, seletivamente, em lugares específicos, mantendo assim, o curso estabelecido por João Paulo II. Desse modo, a

8 Mensagem do Papa João Paulo VI na conclusão do Vaticano II às mulheres. 8 de dezembro de 1965. <[https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1965/documents/hf\\_p-vi\\_spe\\_19651208\\_epilogo-concilio-donne.html](https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1965/documents/hf_p-vi_spe_19651208_epilogo-concilio-donne.html)>.

9 Carta do Papa João Paulo II às mulheres. Vaticano, 29 de Junho de 1995, Solenidade dos Apóstolos S. Pedro e S. Paulo. <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/1995/documents/hf\\_jp-ii\\_let\\_29061995\\_women.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/1995/documents/hf_jp-ii_let_29061995_women.html)>.

situação do feminino, sucessora de Eva em sua sóror-herança, segue um lento progresso, de uma minoria silenciada, anônima e silenciosa. Uma herança em que todas somos partícipes, e isso nos impele a proclamar, ou melhor, poematizar, seriamente implicadas: “*Eu fico de pé sobre o sacrifício de um milhão de mulheres que vieram antes e penso o que é que eu faço para tornar essa montanha mais alta para que as mulheres que vierem depois de mim possam ver além.*” (KAUR, 2017, p.216).

Quanto mais alta a montanha, o nosso empenho por comunhão e esperança, melhor o propagar do perfume que elas carregam em si. O perfume, essa metáfora repleta de sentido, é considerado porque, em suas cabeças, mentes, corações e pés, reside a fragrância da humildade de todas as mulheres que estiveram aos pés do Mestre e as quais, mediante o Amor, Ele reergue (Rm 8,31). O fato é que estamos todos - e todas as que buscamos desconhecer menos e evoluir no progresso dos tempos, seja na sociedade ou na Igreja - ainda reféns do martelo do julgamento no que condiz à vida da mulher e de sua vocação. A espiritualidade das *ammas*, a Matrologia, sobre a qual nosso ensaio, modestamente, discorre, é conteúdo, por si, de uma teologia espiritual do feminino em relação ao Verbo Encarnado, trata-se de um legado, um sério compromisso testemunhal que fundamenta a Matrologia e a Matrística na autenticidade do feminino em estreita relação com Deus.

A vida de mulheres em relação ao Mistério, do como elas O buscaram e O encontraram; em tempos áridos de des-transcendência e des-esperança, elas também desejam que O encontremos. Esse encontro evidencia às nossas vidas, de ritmo acelerado e confuso, afetadas pela sociedade que incita o *status*, a posse e o poder, de que é preciso realizar a escolha pela vida, pelo humano e por tudo em que nos sintamos interligados.

O protagonismo dessas mulheres tem de ser considerado, redescoberto e estudado com entusiasmo na Igreja “em saída”, a que hoje nos inspira e desafia o Papa Francisco, que almeja experiências da vivência do Evangelho nas comunidades, da forma mais coerente possível. O presente ensaio é uma introdutória antologia dessas mulheres. Vale a ressalva de que o arquétipo do ascetismo que as *ammas* projetam, do papel de sapiência feminina no evoluir do mundo religioso tardio, está repleto de lacunas em relação à problematização obscura da legitimação da autoridade da Igreja, fato a que não iremos nos deter neste texto.

Por certo, a nossa pretensão não é de reproduzir os feitos e ditos de todas as *ammas*, mas de salientar que elas souberam configurar as suas vidas com a de Jesus e acolheram como mães espirituais todos os filhos e as filhas, peregrinos, ricos e pobres que a elas recorreram. A teologia espiritual da Matrologia não faz sombra à espiritualidade dos já conhecidos Padres da Igreja em seu grande círculo; elas engrandecem, abrihantam, em seu modo peculiar de ser, a espiritualidade do Cristianismo, da vida cristã como um todo.

Em fontes já mencionadas, é visto que autoridades do Cristianismo antigo escreveram sobre algumas delas, mesmo que de forma diminuta diante da real dimensão profética de suas vidas. Outras fontes, como Evágrio Pôntico (346-349), Paládio de Galácia (363-432), João Crisóstomo (345-407), Gregório de Nissa (330-394), Gregório de Nazianzo (330-389), Atanásio de Alexandria (296-373), Teodoreto de Ciro (393-466), Jerônimo (347-420) e ainda outros tantos, nas referências do tempo, abriram espaço - pequenas frestas, passagens na história - que possibilitou que as encontrássemos agora. Dessa herança, hoje, por meio de um primeiro encontro para muitos leitores, na contribuição das presentes páginas, há um portal que se abre e por onde as *ammas*, em suas diásporas espirituais, sem referenciais seguros, datas ou pátrias de origem, surgem, rompendo um anonimato milenar.

Para tanto, o convite é de rastreá-las, encontrá-las e segui-las, na luz de seus testemunhos e palavras, *essas mulheres que foram mais sábias que as serpentes e tão inocentes*

*quanto as pombas* (Mt 10,16). Um movimento de mulheres fortes, anunciadoras da Palavra, que se irmanavam para propagar o coletivo de uma sapiencial profecia em que as riquezas eram repartidas numa Evangelização, desde o corpo de mulher. O fenômeno da espiritualidade feminina, das mulheres presentes na Matrologia e na Matrística, tem despertado interesse, pois elas são um tesouro no que diz respeito a uma educação não formal que transforma e qualifica, de dentro, o humano. Trata-se de um arcabouço da cultura feminina para o qual as páginas do presente ensaio são insuficientes no que tange a descrevê-las adequadamente. Logo, o que temos a seguir, são alguns dos nomes existentes dessa inexplorada literatura, que exalam o perfume do Ressuscitado na transmissão da Boa Nova de que todos somos chamados a experienciar, seguir e propagar.

Protomártires, Matronas, Eremitas, Virgens Consagradas, *Ammas* maiores e menores, mulheres do Caminho, fragrância que se alastrou pelo Egito, Síria, Palestina, Capadócia; do Oriente ao Ocidente. Célebres pensadoras que a tradição oral salvaguardou em seus manuscritos. A documentação onde estão registradas é escassa, mas o testemunho de suas vidas, abundante. Acolhamos os seus nomes e, nos lancemos na aventura de ir ao seu encontro para que, assim, do mesmo modo como antes, elas possam nos dizer uma palavra e iluminar o nosso proceder.

- a) *Tecla de Icônio (séc.I)*
- b) *Macrina, a jovem (327-380)*
- c) *Sinclética (380-460)*
- d) *Catarina de Alexandria (287-305)*
- e) *Sara, Teodora (548)*
- f) *Marana e Cira, Domina, Maria Egípcíaca (344)*
- g) *Maria, irmã de Pacômio, Pelágia, Eudócia, Olimpia de Bizâncio (360-408)*
- h) *Melânia maior e menor (343-411)*
- i) *Marcela (325-410)*
- j) *Paula (397)*
- k) *Lea (325-410)*
- l) *Asela (325-410)*
- m) *Blesila (363-383)*
- n) *Fabiola (400)*
- o) *Escolástica (480)*
- p) *Marina<sup>10</sup>.*

Portanto, dessas mulheres, temos de trazer à luz de nosso tempo as suas ideias e os seus posicionamentos, ditos e feitos, referências de cunho masculino, mas que serão analisadas sob a perspectiva da hermenêutica feminista, valorizando os vestígios dessa tradição espiritual feminina da Igreja, do Cristianismo. Como já mencionado, o presente ensaio quer provocar a continuidade da investigação, em um dinamismo arqueológico espiritual do tesouro escondido dessas vidas, totalmente, voltadas ao serviço e propagação do Amor Encarnado.

## CONCLUSÃO

A Matrologia evidencia que as *ammass* não foram mulheres cativas em sua condição de gênero no mundo patriarcal. Elas foram proféticas na denúncia da desvirtuação do propósito do Reino e buscaram, na fidelidade delas mesmas, dar testemunho de que a Boa

10 Devido à oscilação das datas nas hagiografias das *ammass* aqui mencionadas, algumas seguem sem o período ou século exposto. NdA.

Nova poderia ser experienciada. Desse modo, na busca de fidelidade ao Caminho, desbravaram um caminho alternativo para viver o Evangelho, da forma mais autêntica possível, mediante o silêncio e a palavra inspirada pelo próprio Verbo. Enquanto os Pais da Igreja empreitavam uma pedagogia viril, de uma visão mais conquistadora dos mundos, mesmo permeada do discurso de amor, elas instituíram a pedagogia do Amor que se capilariza por meio da Força Vital que diverge da lógica de poder e se curva diante da dor do outro; a maestria estava em humanizar-se a cada dia, a fim de colaborar na formação da humanidade em todas as suas dimensões.

É preciso entender e ressignificar a missão dessas mulheres, a importância da Matrologia para o nosso tempo, de um Cristianismo que solicita atualização, criatividade e profundidade. Os ditos e feitos das *ammās* nos desafiam a buscar suas histórias de vida, as suas experiências vividas e, intuitivamente, mediante uma hermenêutica feminina da suspeita, poderemos compreendê-las e nos deixar inspirar. Seguimos, peregrinos sedentos da Fonte. O Cristianismo tem de divulgar e em sua formação revelar que a tradição conta não somente com os Pais da Igreja e do deserto para nos indicarem o Caminho da Fonte; há uma multiplicidade de mulheres extraordinárias, prontas para partilhar conosco a Força Vital que as moveu, envolveu, fortaleceu e impulsionou.

Em Jesus, elas rompem os espaços em branco, de nulidade e invisibilidade, à margem em que haviam sido lançadas e, assim como na tenda (Is 54,2-3), um novo espaço se alarga. Elas iniciam uma nova dinâmica histórica, social e religiosa. Urge conhecer melhor essas mulheres e finalmente aprender delas algo que edifique a nossa humanidade. Tendo seus nomes e considerando a presença de muitas anônimas, resgatemos a pedagogia do Amor, a maestria espiritual delas em tempos de mutismo e de superficiais, rasas palavras. E, assim, rezemos com o salmista inspirado para que elas continuem a iluminar os nossos passos (Sl 119,105).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBELDA, F. E.; DELGADO, P. Á. (coords.). *Hijas de Eva: Mujeres y religión en la Antigüedad*. Sevilla: Ed. Universidad de Sevilla, 2015.
- AQUILINA, M.; BAILEY, C. *Madres da Igreja. O testemunho das cristãs primitivas*. São Paulo: Loyola, 2018.
- BÍBLIA. Português. *Bíblia de Jerusalém*. Tradução da Paulus. São Paulo: Paulus, 2002.
- BOBRINSKI, B. *A renovação atual da Patrística na Ortodoxia*. In: *Documentation Catholique*, nº 2095, 05/06/1994. p.543-544.
- CALVÁRIO, P. *Fundamentos filosóficos dos Apotegmas dos Padres do Deserto*. Covilhã, Portugal: Universidade da Beira Interior, 2011.
- CLARK, E. A. *Women in the Early Church*. Wilmington: Michel Glazier, 1983.
- CLARK, E.; RICHARDSON, H. (Ed.). *Women and Religion: a Feminist Sourcebook of Christian Thought*. New York: Harper Collins, 1977.
- CREMASCI, L. *Deti e fatti delle donne del deserto*. Comunità Di Bose. Magnano, BI: Edizione QIQAJON, 2018.
- COELHO, F. S. *As Matronas da Antiguidade Cristã: um estudo comparado das representações de gênero nas obras de Jerônimo e Agostinho (380-420 E.C.)*. Rio de Janeiro, 2018.
- DEL CASTILLO, A. *El sistema legislativo como elemento fundamental para el desarrollo femenino en el mundo romano*. Actas de Las V Jornadas de Investigación Interdisciplinaria: La mujer en el mundo antiguo. Madrid: Ediciones de la Universidad Autónoma de Madrid, 1986.
- DREHER, M. *A Igreja no Império Romano*. Col. História da Igreja vol.1. São Leopoldo: Sinodal, 2003.
- EGGERT, E. *A mulher e a educação: possibilidade de uma leitura criativa a partir da hermenêutica feminista*. In: *Estudos Leopoldenses, Série Educação*, vol.3, n.5, 1999, p.19-23.

- EGGERT, E.; SILVA, M. A. da; CAMPAGNARO, S. *O amor tudo crê, tudo suporta?* Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2021. Acessível em: [https://www.unisc.br/pt/home/editora/e-books?id\\_livro=516](https://www.unisc.br/pt/home/editora/e-books?id_livro=516).
- EARLE, M. *The Desert Mothers: Spiritual Practices from the Women of the Wilderness*. Harrisburg, Pa: Morehouse Pub, 2007.
- ELM, S. *Virgins of God: the making of asceticism in late antiquity*. Oxford: Oxford University Press, 1996.
- FIORENZA, E. S. *As origens cristãs a partir da mulher: uma nova hermenêutica*. São Paulo: Paulinas, 1992.
- FIORENZA, E. S. *In Memory of Her: a Feminist Theological Reconstruction of Christian Origins*. New York: Crossroads, 1988.
- FIORENZA, E. S. *Mujer y ministerio en El cristianismo primitivo*. Selecciones de Teologia, São Paulo, n.132, vol. 32. Out/dez, 1994, p.327-337.
- FIORENZA, E. S. *Rumo ao Discipulado de Iguais: a Ekklesia de Mulheres*. Estudos Teológicos, São Leopoldo, 36 (3), 1996, p.281-296.
- JERÓNIMO, S. *Cartas de San Jerónimo*. Vol. I. Edición bilingüe introducción, versión y notas por Daniel Ruiz Bueno. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1963.
- JERÓNIMO, S. *Epistolario*. Vol. II. Edición bilingüe traducción, introducciones y notas por Juan Bautista Valero. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1993.
- KASTNER, W. P. (ed.) *A Lost tradition: Women Writers of the Early Church*. Washington, D.C.: University Press of America, 1981.
- KAUR, R. *O que o sol faz com as flores*. Poema: legado. São Paulo: Planeta do Brasil, 2017.
- MARCOS SANCHEZ, M. M. *La visión de la mujer en San Jerónimo a través de su correspondencia*. In: La mujer en el mundo antiguo. Actas de las V Jornadas de investigación interdisciplinaria. Madrid: Ediciones de la Universidad Autónoma de Madrid, 1986, p.315-321.
- MARTINS, M. C. *Peregrinação de Egéria: uma narrativa de viagem aos Lugares Santos*. Uberlândia: EDUFU, 2017.
- MORENO, F. *San Jerónimo: la espiritualidad del desierto*. Madrid: BAC, 1986.
- MORETTI, P. F. *La Biblia y el discurso de los Padres Latinos sobre las Mujeres. De Tertuliano a Jerónimo*. In: BØRRESEN, K. E.; PRINZIVALLI, E. (Eds.). *Las Mujeres en la Mirada de los Antigos Escritores Cristianos (siglos I-VI)*. Navarra: Verbo Divino, 2014, p.145-182.
- PAGELS, E. *Adam, Eve and the Serpent: Sex and Politics in Early Christianity*. New York: Vitange Books, 1989.
- PALLADIUS. *The Lausiaca history*. Translated by W. K. Lowther Clarke. London: The Macmillian Company, 1918.
- PEDRÓS, C. S. *Madres Orientales (Ss. I-VII)*. Matrologia I. Burgos: Monte Carmelo, 2003.
- PERROT, M. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2013.
- PERROT, M. *História das Mulheres no Ocidente*. v.1: A Antiguidade. Porto: Afrontamento, 1993, p.592-603.
- SCHEID, J. **“Estrangeiras” indispensáveis: os papéis religiosos das mulheres em Roma**. In: DUBY, G., PERROT, M. (Orgs.). *História das Mulheres no Ocidente*. v.1: A Antiguidade. Porto: Afrontamento, 1993, p.465-509.
- SILVA, G. V. *A redefinição do papel feminino na Igreja primitiva: virgens, viúvas, diaconisas e monjas*. In: SILVA, G. V.; NADER, M. B.; FRANCO, S. P. (Org). *As Identidades no tempo: ensaios de gênero, etnia e religião*. Vitória: EDUFES, 2006a, p. 305-320.
- SOUSA, R. F. de; VICENTE, V. de S.; EGGERT, E. (Orgs). *Maria Madalena: múltiplas representações*. Porto Alegre, RS: Editora Fundação Fênix, 2020.
- TORJESEN, K. J. *When women were priests: women's leadership in the early church a the scandal of their subordination in the rise of Christianity*. San Francisco: Harper Collins, 1993.

\* Jornalista graduada em Comunicação Social pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos e em Letras/Habilitação em Português pela mesma instituição. Mestrado em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Cursa a pós-graduação on-line Protagonismo Feminino na Igreja pela Pontifícia Universidade Católica (PUC) Minas Gerais. É membro da Rede Brasileira de Teólogos (RBT).

E-mail: [dorce.dorce@yahoo.com.br](mailto:dorce.dorce@yahoo.com.br)

 <https://orcid.org/0009-0009-1316-2264>

Recebido em 25/07/2023

Aprovado em 11/10/2023

## O DISCIPULADO DE IGUAIS NA PERÍCOPE BÍBLICA

A pecadora do Evangelho de Lucas

## THE DISCIPLESHIP OF EQUALS IN THE BIBLICAL PERICOPE

The Sinner of the Gospel of Luke

*Dorcelina do Carmo Alves Gomes\**

**Resumo:** A intenção desse artigo é refletir sobre o protagonismo feminino na Sagrada Escritura e na Igreja. Para isso, usa-se como recurso a perícope intitulada *A pecadora* do evangelista Lucas, capítulo 7, versículos 36 a 50. O que se quer mostrar são aspectos relevantes da mudança de mentalidade proposta por Jesus quanto à presença da mulher no ambiente eclesial. Ainda, partindo desse foco, pretende-se apresentar brevemente traços do *discipulado de iguais*, que devem ser recuperados na atualidade. O diálogo de Jesus com a mulher que aparece sem nome no evangelho lucano encontra-se na seção chamada *Ministério de Jesus na Galileia* (4,14-9,50). Esta começa com a narrativa em *Nazaré* e termina com *Lição de humildade e tolerância*. Por fim, é conveniente dizer que o texto assume uma análise na perspectiva da hermenêutica feminista.

**Palavras-chave:** Perícope. Pecadora. Lucas. Hermenêutica feminista. Discipulado de Iguais.

**Abstract:** The intention of this article is to reflect on the female role in Sacred Scripture and in the Church. For this, the pericope entitled the sinner of the evangelist Luke, chapter 7, verses 36 to 50, is used as a resource. What we want to show are relevant aspects of the change of mentality proposed by Jesus regarding the presence of women in the ecclesiastical environment. Still, based on this focus, it is intended to briefly present traits of discipleship of equals, which must be recovered today. Jesus' dialogue with the woman who appears unnamed in the Lucan gospel is found in the section called Ministry of Jesus in Galilee (4.14-9.50). This begins with the narrative in Nazareth and ends with Lessons on Humility and Tolerance. Finally, it is convenient to say that the text assumes an analysis from the perspective of feminist hermeneutics.

**Keywords:** Pericope. Sinner. Luke. Feminist hermeneutics. Discipleship of Equals.



## INTRODUÇÃO

O Evangelho de Lucas dedica seus dez capítulos à saída de Jesus da Galileia a Jerusalém. O que interessa é o final do capítulo sete, porque Lucas guarda para a conclusão da narrativa uma cena especial e de matéria própria: o encontro da pecadora sem nome com Jesus na casa do fariseu Simão (MAZZAROLO, 2013, p.121). Essa perícopa fecha uma seção de ensinamentos relacionados à acolhida, à fé e às obras. Também faz uma dura crítica aos conservadores, chamados fariseus. Estes voltam suas ações para a prática farisaica de fixação ao passado, rejeição ao novo e a tendência de condenar e julgar os inocentes. Abre-se uma nova seção, que é o ministério da mulher e dos discípulos em geral.

O contexto dessa crítica é a Lei que impede uma prática da misericórdia e da graça. Os personagens que transitam nesse cenário são três: a mulher, o fariseu e Jesus.

Segundo o doutor em teologia bíblica, Isidoro Mazzarolo, é o evangelho que mais títulos recebeu pelos exegetas e pesquisadores: evangelho da mulher, dos pobres, da inclusão, da misericórdia.

A reflexão parte de um ponto de vista feminino e tem como aporte referências bibliográficas, em sua maioria, de mulheres teólogas. Infelizmente, há pouca bibliografia específica sobre o *discipulado de iguais*, o que dificulta, de certa maneira, a análise. Nesse caso, o estudo baseia-se, em grande parte, das obras de Fiorenza (1995) e de Santinon; Mariotti e Ottaviani (2023). O objetivo é mostrar que o discipulado de iguais esteve presente durante todo o tempo no diálogo entre Jesus e a pecadora sem nome no encontro ocorrido na casa do fariseu. É imprescindível que se diga que essa e outras passagens demonstram que a comunidade lucana tem uma sensibilidade especial pelas mulheres, sobretudo as pobres e as desprezadas pela sociedade.

Nas comunidades fundadas por Jesus, as mulheres ocupam seu espaço. Nesse sentido, as narrativas dos Evangelhos registram essa presença feminina e o diálogo do nazareno com elas, “dando-lhes voz”, tornando-as suas discípulas. Não impunha “obstáculos ao seu protagonismo no anúncio do querigma” (SANTINON; MARIOTTI; OTTAVIANI, 2023, p.25).

A perícopa em análise (Lc 7,36-50) não apresenta propriamente um diálogo entre Jesus e a pecadora. Apesar disso, a simbologia da linguagem gestual e atos da mulher sem nome revelam um encontro de dignidade e igualdade entre ambos. Parte-se dessa premissa para revisar o texto do Evangelho de Lucas e apresentar fundamentos para o discipulado de iguais.

## 1 CONTEXTO LITERÁRIO E HISTÓRICO

O Evangelho de Lucas origina da índole particular de seu autor. Nesse sentido, é fácil perceber uma mensagem evangélica de um modo quase original. Afinal, deixa transparecer a ternura de Jesus para com os humildes e os pobres. A partir disso, o evangelista se torna, entre os sinóticos, aquele que mais enfrenta o argumento das mulheres. Assim, qualquer investigação a respeito do papel delas nas comunidades cristãs primitivas não pode, evidentemente, prescindir dessa referência. Contudo, uma leitura mais elaborada da narração lucana a respeito desse assunto indica como os textos sobre as mulheres estão marcados por certa tensão, ligada a uma possível ambivalência quanto ao papel da mulher na comunidade cristã. Lucas apresenta a mulher com características de grandeza humana exemplar, mas também acolhe a mulher em sua fraqueza: são pecadoras, doentes, possessoras, viúvas. A mulher ora é exaltada, ora é diminuída. Para se compreender o modo pelo qual Lucas enfrenta este tema e sobretudo para que se torne mais claro o sentido do agir de Jesus evidenciado nos textos evangélicos, faz-se necessário, antes de

tudo, esclarecer qual era o contexto social e histórico em que vivia a mulher na região do Mediterrâneo no século I. A sociedade se pautava em uma estrutura patriarcal e culturalmente androcêntrica, ou seja, em que predominavam as decisões dos varões.

Há quem até chegue a confundir os dois acontecimentos, o de Maria de Betânia com a da mulher pecadora. Não há semelhança alguma entre as duas narrativas. Para corroborar com esta versão, observe o que traz o exegeta Mauro Orsatti: Qualquer probabilidade a mais poderia ser reservada à identidade com Maria, irmã de Lázaro. Lê-se em Jo 11,2: “Maria era aquela que havia derramado óleo perfumado no Senhor e havia enxugado seus pés com seus cabelos”. Isso poderia convalidar o relato de Lucas. Nota-se, todavia, que o episódio de João é apresentado com algumas divergências, também em Mateus e em Marcos (Mt 26,6-7<sup>1</sup>; Mc 14,3-4<sup>2</sup>). Mateus, Marcos e João concordam na interpretação profética do gesto realizado, antecipação do sepultamento. Enquanto, porém, Mateus e Marcos falam de perfume derramado na cabeça de Jesus, João indica que perfumados foram os pés, enxugados depois com os cabelos. Somente em João a mulher recebe uma identificação segura: Maria, irmã de Lázaro. Lucas concorda com João em que os pés é que foram perfumados e enxugados, acrescenta, porém, que a mulher chora a seus pés. Lucas, igualmente com Mateus e Marcos, deixa a mulher no anonimato. Destaca-se dos três outros evangelistas em colocar o episódio distante da Páscoa, ou ao menos sem referência direta a ela. Sem poder dizer uma palavra definitiva, a conclusão mais aceitável é esta: trata-se de um caso semelhante, mas diferente do que é narrado pelos outros evangelistas. A mulher é deixada propositalmente no anonimato, por uma fina delicadeza de Lucas. Mais importante que seu nome é saber que uma mulher deixou para trás uma vida pecaminosa para encaminhar-se com gestos de reconhecido amor a uma vida nova (ORSATTI, 2000, p.81-82).

Descarta-se, também, a identificação com Maria de Magdala porque esta aparece poucos versículos mais adiante (cf. Lc 8,2-3)<sup>3</sup>.

A contribuição do biblista Isidoro Mazzarolo, que primeiro explicita sobre o contexto histórico no qual está inserida a mulher daquela época, é necessária para a compreensão do evangelho lucano.

Alguns “pregadores”, mas não exegetas afirmam que Lucas é machista ao não dar o nome à mulher. É, exatamente, para mostrar a distância que há entre a mulher, julgada pela sua situação de prostituta marginalizada, que ela não tem nome. O evangelista está condenando a sociedade que exclui as prostitutas, usadas pelos nobres, com nome e sobrenome, como é nesse caso (MAZZAROLO, 2013, p.121).

Ainda, conforme Mazzarolo (2004), os evangelhos de Lucas e João trabalham a lição da mulher pecadora dentro de uma mesma moldura teológica. Dessa forma, a vertente principal do relato abarca três contrastes: 1) um conflito entre Jesus e as autoridades dos judeus, que revela uma forma ideológica e perversa de aplicar a justiça; 2) uma rejeição de Jesus por parte dos judeus e 3) uma revelação messiânica pela mulher. O biblista acrescenta que tanto em Lucas quanto em João há uma antítese entre a mulher e os judeus (fariseus). O eixo central das perícopes não contempla, propriamente, a mulher como pecadora, mas

- 1 Jesus estava em Betânia, na casa de Simão, o leproso. Uma mulher aproximou-se dele, com um frasco de alabastro cheio de perfume caríssimo, e derramou-o na cabeça de Jesus, que estava à mesa.
- 2 Quando Jesus estava sentado à mesa, em Betânia, em casa de Simão, o leproso, veio uma mulher com um frasco de alabastro cheio de perfume de nardo puro, muito caro. Ela o quebrou e derramou o conteúdo na cabeça de Jesus. Alguns que lá estavam ficaram irritados e comentavam: “Para que este desperdício de perfume”.
- 3 E também algumas mulheres que tinham sido curadas de espíritos maus e de doenças: Maria, chamada Madalena, de quem saíram sete demônios; Joana, mulher de Cuza, alto funcionário de Herodes; Susana, e muitas outras mulheres, que os ajudavam com seus bens.

salienta a crítica de Jesus à hipocrisia da aplicação da lei por parte da tradição dos judeus. Quer no relato de Lucas, quer no de João, a mulher serve como trunfo para os fariseus questionarem ou tentarem Jesus. Na outra mão da estrada, Jesus usa este episódio para mostrar quão falsos e tendenciosos eram os caminhos da justiça judaica e como a maldade se tornava uma prática social. No substrato teológico dos relatos está o juízo muito severo à tendência em excluir os que erram. Por outro lado, Jesus evidencia que o perdão pode criar espaços à profecia e ao amor, mas o julgamento fecha as portas para a redenção (MAZZAROLO, 2004, p.177-178).

O episódio coloca em cena três personagens: o fariseu, Jesus e a mulher pecadora. No interior da perícopé encontra-se uma parábola, cujos protagonistas são exatamente a contrafigura dos três personagens precedentes. O comparecimento dos comensais no fim (v.49) vale como vozes fora do lugar para sublinhar a centralidade de Jesus, a figura-chave em volta da qual gira toda a narração. Analisando melhor esse trecho, esse compõe-se da apresentação dos personagens, do diálogo de Jesus com o fariseu e da avaliação que Jesus faz da mulher (ORSATTI, 2000, p.79).

Tem-se primeiro a apresentação dos personagens (vv.36-38). Não há indicativos de lugar e de tempo e começa-se logo apresentando os personagens pela ordem: fariseu, Jesus e a mulher. Sendo assim, o fariseu é apresentado como aquele que convida e Jesus como convidado. Já a mulher não é convidada do fariseu, autoconvida-se para junto de Jesus e por ele é convidada a ir em paz. A ação da mulher é descrita com detalhes, porque Jesus quer ensinar em qual banquete se deve tomar parte, no banquete em que se dá e se recebe misericórdia.

Após esse momento, segue o diálogo entre Jesus e o fariseu (vv.39-47). Esta parte é o coração de toda a narrativa e revela o significado do gesto realizado pela mulher. Trata-se de uma verdadeira prova de pedagogia. Tem início com o pensamento do fariseu que classifica e julga a mulher, colocando, ainda, fortes dúvidas sobre o valor de Jesus. Este aceita a provocação, fala e envolve o fariseu, interessa-o no diálogo e conta-lhe uma parábola que termina com uma interrogação. Em contrapartida, o fariseu responde à conversa, obtém a aprovação de Jesus que conclui suas palavras. Depois, ressoam as palavras de Jesus a respeito da mulher (vv.48-50). Desenrola-se, praticamente, um monólogo porque Jesus é o único interlocutor. Ao mesmo tempo, configura-se como um diálogo, tendo em vista que sobraram dois personagens: Jesus e a mulher. O fariseu desaparece da narrativa.

Em síntese, a narrativa antecedente em Lucas apresenta o confronto da pecadora com Simão, o fariseu (Lc 7,36-50). A teóloga Lucy Mariotti (2023) toma como base José Tolentino Mendonça (2018, p.20-30) ao se referir ao confronto entre Jesus, a mulher e o fariseu. Desse modo, observa que Lucas descreve refeições, tanto no Evangelho como no livro do Ato dos Apóstolos. Eram momentos coletivos e não apenas restritos a duas ou três pessoas. Também era costume deixar as portas abertas durante os banquetes. Pode-se dizer que o paradigma da mulher no reconhecimento e na acolhida a Jesus contrasta ou mesmo entra em conflito com a não-acolhida por parte do fariseu. Fica subentendido uma possível relação íntima entre a desconhecida e o dono da casa, dado que as “mulheres presentes em banquetes poderiam ser prostitutas dos bordéis de propriedade de cobradores de impostos, contratadas para jantares ou festas. Daí se entende o porquê do nervosismo de Simão nesse texto de Lucas” (PAGOLA, 2019a, p.260-261). Assim, a mulher, sem nome e sem identidade, conhecida na cidade apenas como pecadora, torna-se capaz de um gesto nobre em favor do Mestre. Por sua vez, preso pela ganância ou pela autossuficiência, o fariseu é incapaz de qualquer gesto de sensibilidade, mesmo o mais comum da cordialidade: a acolhida de um hóspede.

## 2 PRÉ-TEXTO

Na obra de Lucas, o texto antecedente começa com a cura do servo do centurião romano (Lc 7,1-10). Nesse sentido, ele é um estrangeiro, funcionário de Estado, opressor e responsável pela manutenção da *ordem*, ainda que pelo uso da violência. Mazzarolo (2004) acredita que é uma entre as muitas provocações de Jesus à sensibilidade de seus discípulos e, acima de tudo, a seus opositores (fariseus e escribas) para uma nova percepção do Reino de Deus. Mais adiante, Jesus provoca novamente a posição deles com um gesto de consideração profunda pela viúva de Naim<sup>4</sup>, ao ressuscitar o filho da mesma (Lc 7,11-17).

Desse mesmo evangelho, o texto subsequente em Lc 8,1-3 é a resposta ao tratamento de Jesus à mulher. Ele as institui discípulas junto aos Doze. A partir disso, surge a outra vertente nas ações novas de Jesus como propostas do Reino. Após esse episódio, Jesus narra a parábola do semeador (Lc 8,4-15). Mazzarolo (2004) faz a seguinte constatação: “O discípulo é como a terra na qual a semente do evangelho cai. Se ele for fértil, a semente germinará e produzirá fruto, mas se ele for estéril, a semente perder-se-á. É o julgamento proclamado sobre a mulher e Simão, o fariseu”. O autor também salienta que:

O texto subsequente pode ser prolongado até Lc 8,40-48, onde temos uma cena semelhante à do texto antecedente: Jesus vai curar a filha do chefe da sinagoga e no caminho aparece a mulher que sofria de hemorragias há doze anos. É a caridade e a misericórdia que suplantam a lei (MAZZAROLO, 2004, p. 179).

Do ponto de vista do biblista dentro da tradição judaica, no pré-texto dos destacam-se dois pontos no pré-texto dos evangelistas Lucas e João. 1) o tratamento dispensado pela lei à mulher dentro da visão farisaica, a partir de Esdras<sup>5</sup> para frente (Esd 9-10)<sup>6</sup> e 2) o segundo aspecto pode ser visto como a forma interpretativa da lei e da profecia pelos fariseus, os quais não reconhecem Cristo. Mais adiante, tem-se essa afirmação.

Na questão específica dos dois relatos, a mulher é objeto de subjugação pela lei judaica. Instituída no pós-exílio pelos reformistas de Esdras, a lei do divórcio e ao mesmo tempo do casamento preservava critérios de raça e de economia, colocando o homem no gerenciamento dos bens como possuidor dos bens e dos direitos da mulher. Para tanto, os sacerdotes e os fariseus constituíam-se em guardiães da lei. No aspecto das profecias, eles sabiam tudo, menos entender que elas estavam cumprindo-se em Cristo (MAZZAROLO, 2004, p.180).

## 3 A PEDAGOGIA DE JESUS

Mazzarolo (2004) esclarece que o perdão dos pecados da mulher é apenas o fechamento da perícopie e aponta para a postura profética de Jesus. Ao longo de seu ministério, ele deixou claro que seu propósito não era buscar culpados, nem mesmo acusar o mundo do seu pecado, mas anunciar a redenção, a libertação e a misericórdia (Lc 4,18)<sup>7</sup>.

Mazzarolo (2013) oferece a ideia de que o encontro de Jesus com a mulher pecadora na casa do fariseu evidencia a pedagogia do amor cristão. Afinal, Jesus ama a mulher do mesmo modo que ama o fariseu. O amor é, por excelência, a atitude da inclusão. A oferta da graça é estendida à mulher, mas na mesma proporção é feita ao fariseu. Para ser merecedora da graça, faz-se necessário que a mulher assuma o seu pecado e tome uma

4 Vila da Galileia próxima ao Tabor – cerca de 20 km ao sul do lago.

5 Fundador do judaísmo e promotor da Lei.

6 Os capítulos tratam da proibição de casamentos com estrangeiras e expulsão das mulheres estrangeiras.

7 O Espírito do Senhor está sobre mim, pois ele me ungiu, para anunciar a Boa-Nova aos pobres: enviou-me para proclamar a libertação aos presos e, aos cegos, a recuperação da vista; para dar liberdade aos oprimidos.

atitude de ruptura com o tipo de vida que levava até o momento, a fim de se tornar discípula de Jesus. Ao fariseu cabe um caminho mais difícil, porque se trata de assumir a falsidade de sua inocência e confessar a hipocrisia de sua fé, além de aprender o caminho real da santidade, que se traduz na caridade, perdão, compaixão e resgate. No encontro na casa do fariseu, Jesus une os extremos: aquela que se confessa pecadora com aquele que se confessa puro.

Jesus chama o pecado de pecado. No entanto, a luta dele contra o pecado acontece de maneira diferente da dos fariseus. Estes excluíam os pecadores do povo santo de Deus e se afastavam deles. Ao contrário, Jesus anuncia e traz o perdão, santifica os pecadores e os leva ao seio do povo de Deus.

#### 4 HERMENÊUTICA FEMINISTA: REFLEXÕES PARA UM DISCIPULADO DE IGUAIS

No artigo intitulado *A hermenêutica do feminino na teologia: suas lutas e conquistas*, Maria Cristina Furtado apresenta alguns conceitos que são imprescindíveis antes de analisar a perícopa lucana sob a perspectiva da hermenêutica feminista para um discipulado de iguais. A autora se refere às palavras *feminismo* e *feminista*. Esses vocábulos sempre foram cercados de preconceito na sociedade brasileira.

Segundo a teóloga, nas décadas de 60 e 70, o Brasil vivia a efervescência dos movimentos sociais, em especial o movimento feminista. Neste contexto conturbado surgiu a teologia feminista. Inicialmente, com o acento forte da teologia feminista do primeiro mundo. Entretanto, os problemas da América Latina, sobretudo os do Brasil, logo chamam mais atenção, e as teologias latino-americana e brasileira assumem características próprias.

Na verdade, a teologia feminista torna-se então cria da Teologia da Libertação (TdL).

Por isso, Maria Cristina Furtado (2022) dissecou o tema com a contribuição de outras teólogas.

De acordo com Neiva Furlin tanto Brunelli quanto Rohden distinguem três fases da produção teológica das mulheres latino-americanas, incluindo as teólogas brasileiras. A primeira fase foi chamada de «a teologia e a “questão da mulher”». Ocorreu na segunda metade da década de 1970. Uma produção que surgiu a partir das experiências das mulheres e das dificuldades que enfrentaram no interior dos cursos de Teologia. «Traziam a discriminação que, por serem mulheres, sofreram nas comunidades eclesiais, quando procuravam compartilhar os conhecimentos teológicos.» Desta experiência as teólogas sentiram a necessidade de uma nova hermenêutica para a leitura bíblica que servisse de ferramenta no processo de «libertação», tanto no interior da instituição eclesial, como nas outras esferas sociais. «Um grande esforço para tornar o sujeito mulher visível, a partir de uma nova leitura bíblica, sobretudo pela reinterpretação dos textos bíblicos na ótica da mulher (FURLIN, 2011, p.144).

Maria Cristina ainda cita a segunda e a terceira fase da teologia feminista.

A segunda fase, de acordo com Delir Brunelli, foi a «teologia na “ótica da mulher”». Ocorreu na década de 80, com as produções denunciando o caráter androcêntrico, patriarcal e demasiadamente racional do discurso teológico. Nesta época, as mulheres teólogas começaram a questionar o fato de a Teologia da Libertação tratar os pobres de forma genérica, pois perceberam ser diferente fazer teologia com base nas experiências dos homens, ou nas experiências das mulheres pobres. A terceira fase foi a partir de 1990, com dois tipos de produção: a teologia ecofeminista e a teologia feminista pela perspectiva de gênero (FURTADO, 2022, p.85-86).

Em síntese, o *feminismo* se caracteriza como um movimento que visa a estabelecer a igualdade de gênero entre homens e mulheres, a vivência humana por meio do empoderamento feminino e a libertação de padrões do androcentrismo e patriarcais. De fato, o objetivo não é uma disputa de poder, mas a equidade feminina e masculina.

A propósito do quadro traçado por Lucas a respeito da mulher diante do fariseu e ampliando essa reflexão para os dias atuais, Mazzarolo (2004) não se manifesta otimista, ao comentar que as mulheres são consideradas *perigosas*, ainda que fiéis, heroínas, lutadoras e corajosas. No entanto, complementa o autor, a sociedade sacrifica a mulher no serviço doméstico, em um salário menor e com maiores cobranças de responsabilidade. Por outro lado, as pastorais básicas ficam com as mulheres piedosas, fiéis e perseverantes. Isso significa que as pastorais de *deserto* e *periferia* estão nas mãos delas. Por sua vez, Mazzarolo lembra que o tratamento dispensado por Jesus às mulheres que o seguiam revela o lugar que ele queria para elas: o de discípulas (Lc 8,1-3)<sup>8</sup>.

Se Jesus não condena as mulheres que pecaram, é porque reconhece nelas grandes valores que as capacitam a serem protagonistas do evangelho. Muitas vezes, por melhor que seja a intenção, acontece a discriminação, subvalorização ou cerceamento dos espaços, de modo particular, nas esferas eclesiais internas. Diante da proposta de Jesus, é possível aceitar alguma exclusão sem ferir o evangelho? Se Deus não faz distinção de pessoas (Dt 10,17; Gl 3,28; Rm 3,22; 10,12; cf. At 10,34) é justificável que a comunidade possa fazê-lo? (MAZZAROLO, 2004, p.183).

A partir da perícopie, fica claro que Jesus não se indispõe com as prostitutas contra os fariseus, menos ainda está do lado da desordem ou da paixão da ordem e da lei. O que lhe interessa é a pessoa humana. Ele vai ao encontro do fariseu, acolhe logo seu convite e depois o ajuda a entender a dimensão de Deus.

A lição ultrapassa os limites históricos do acontecimento e chega à contemporaneidade. Com referência à atitude de Jesus, Lucas lembra aos cristãos que não se pode permitir um regresso à soberba farisaica. Jesus entendeu o silêncio da mulher, pois seus gestos lhe falavam de amor, de arrependimento e do desejo de redenção. Muitos séculos depois, a postura de Jesus revela traços característicos do discipulado de iguais, um tema que tem ganhado repercussão nas discussões teológicas. Inclusive, recentemente a pesquisadora Ivenise Santinon em parceria com os também teólogos Edécio Ottaviani e Lucy Mariotti lançou o livro *Discipulado de Iguais*. Em um dos capítulos da obra, Santinon (2023) discorre sobre ‘a presença das mulheres na Igreja: apontamentos para um discipulado de iguais’ e nele apresenta que no contexto dos evangelhos, nas comunidades primitivas, as mulheres receberam de Jesus uma atitude diferente. A partir dos argumentos assertivos de Santinon, fica claro que em nenhum momento ouviram dele uma exortação à submissão no contexto judaico. Trazendo para a nossa análise, a própria pecadora teve respeito, acolhimento, misericórdia, compaixão e perdão. Não houve sequer um olhar de repúdio. Jesus rompeu esquemas estruturais vigentes, derrubou estereótipos. Então, está na hora de “repensar o significado e o lugar da mulher na Igreja” (SANTINON, 2023, p.107).

Nas palavras de Bezerra, a crítica feminista ao terceiro evangelho, o de Lucas, converge em duas vertentes contrárias: a primeira considera que o Evangelho é assertivo para os papéis femininos, com mulheres retratadas positivamente e integradas às funções do movimento de Jesus. Por sua vez, acrescenta a pesquisadora, “a segunda entende que os

8 **8,1-3** Depois disso, Jesus percorria cidades e povoados proclamando e anunciando a Boa-Nova do Reino de Deus. Os Doze iam com ele, **2** e também algumas mulheres que tinham sido curadas de espíritos maus e de doenças: Maria, chamada Madalena, de quem saíram sete demônios; **3** Joana, mulher de Cuza, alto funcionário de Herodes; Susana, e muitas outras mulheres, que os ajudavam com seus bens.

objetivos do Evangelho para as mulheres são silenciá-las e controlar sua atuação, de modo que se comportem bem, mas não atinjam lugares de decisão nas comunidades cristãs (BEZERRA, 2020, p.357).

Face a uma sociedade judaica dominada por homens, marcada pela forte tradição patriarcal, não era fácil compreender a nova postura de Jesus. Ele rompe com esses privilégios e acolhe sem discriminação homens e mulheres na sua comunidade de seguidores. Inaugura, portanto, a práxis libertadora pautada pelo diálogo, pelo respeito e pelo reconhecimento da alteridade da outra e do outro. Depreende-se da sua atuação, com clareza, é que, para ele, homens e mulheres têm igual dignidade pessoal, sem que a mulher tenha de ser objeto de jugo masculino. No entanto, na atualidade, os cristãos ainda não são capazes de extrair todas as consequências que resultam da atitude do Mestre. René Laurentin chegou a dizer que esta é “uma revolução ignorada” pela Igreja. A fala do teólogo francês vem ao encontro das ‘nossas discussões’ nas aulas do curso de pós-graduação on-line *Protagonismo Feminino na Igreja*, já que as mulheres seguem abafadas e reprimidas dos seus direitos mais básicos.

Jesus principia o que hoje se sobressai na hermenêutica feminista a partir dos pressupostos teóricos de tantas teólogas e biblistas. É uma nova hermenêutica dos textos sagrados.

O relacionamento mantido por Jesus com as mulheres de seu tempo assume características de ampla liberdade. Deixando de lado os preconceitos que proibiam falar com uma mulher nas ruas da cidade, Jesus mantém encontros frequentes com elas [...]. Jesus não apenas fala com as mulheres, mas introduz também uma mudança radical junto aos mestres de sua época, pois se permite ter discípulas que o escutam (Lc 10), acompanham-no (Mc 14) e o servem com seus bens (Lc 8) (LADISLAO, 1995, p.27). Assim, a prática de Jesus revela-se um tanto quanto inovadora e até mesmo chocante para os padrões preestabelecidos da época. Era uma atitude tão surpreendente que confundiu até os seus próprios discípulos.

De outro modo, a perspectiva da hermenêutica feminista significa um instrumento de interpretação tanto da Bíblia quanto da vida, para que “assim, mulheres silenciadas e tornadas invisíveis pela tradição voltem a falar e recebam de volta seu rosto e valor histórico” (REIMER, 1995, p.45). Ele não apenas convive, mas acolhe os desprezados, renegados e rotulados pela religião e pelo sistema político de sua época e promove a eles uma nova situação de vida. “Ele veio chamar os que se sentem pecadores como [a mulher pecadora em Lc 7,36-50], não os que se creem justos como o fariseu” (CONTI, 2003, p.61).

Na atividade evangelizadora de Jesus, a mulher adquire outro patamar, muito diferente do judaísmo e do império romano, tomando seu lugar na sociedade. “Elas não só foram ouvintes do evangelho, mas também praticantes. Elas não só passaram a crer no Messias Jesus, mas também testemunharam a respeito dele e passavam a formar comunidades a partir desse anúncio e desta fé” (REIMER, 1995, p.46). Sendo assim, ganham liberdade e são protagonistas no movimento de Jesus e nas origens da Igreja, tanto na ação quanto na fala, o que significa que fazem parte do ministério de Jesus desde o início.

A teóloga Adela Ramos chama a atenção para alguns elementos. O primeiro deles é que a história da pecadora impressiona por sua simplicidade e sua coerência. Este episódio, tão rico em pormenores, é próprio de Lucas e nos apresenta a condescendência de Jesus para com os pecadores (RAMOS, 2003, p.89). Outro aspecto, segundo ela, é que o texto diz que a mulher veio porque soube, antes, que Jesus estava na casa do fariseu. Deduz-se que o conhecia ou já tinha uma opinião clara sobre ele ao decidir ir ao seu encontro. A mulher chegou sabendo muito bem o que ele significava para ela e manifestou por gestos inequívocos sua confissão de amor e respeito.

Por último e não menos importante, Ramos defende que, na perícopé em evidência (Lc 7,36-50), a mulher é descrita sendo “da cidade” e “pecadora” (v.37). Seu nome não é mencionado, porém, ela foi muito mais protagonista no episódio do que Simão.

Não é dito explicitamente que era prostituta, mas há indícios claros disso: o fato, por exemplo, de enxugar os pés de Jesus com seus cabelos indica que a mulher soltou seus cabelos em público. O fato de a mulher trazer “um vaso de alabastro cheio de perfume” (v.37) denota que ela gastou uma alta soma para comprá-lo, ou utilizou o presente de algum cliente rico. Tratava-se, qualquer que seja o caso, de um gesto de gratuidade, de manifestação inequívoca do grande valor que Jesus representava para ela (CAVALCANTI, 2010, p.222-223).

Jesus interfere na ordem da sociedade patriarcal, desperta a potencialidade da mulher e a chama para ser também sua discípula. Jesus revela com sua atitude outra visão e, mais ainda, ele altera com seu gesto o relacionamento entre homem e mulher, colocando-os em um mesmo nível, ou seja, inaugurando a *comunidade dos iguais*.

É pertinente reiterar que as mulheres estiveram ausentes da história ou foram silenciadas pelo modelo androcêntrico. Elas só são lembradas em relação aos homens ou dependentes deles, um padrão referencial definido pela história universal como correto. Diante disso, é preciso um olhar mais amplo e uma compreensão crítica das relações sociais, pois através da: [...] hermenêutica crítica da libertação [se inscreve] a teologia feminista [como] teologia crítica da libertação [justamente] porque ela reconhece e analisa criticamente as estruturas sexistas e opressivas da Igreja e da tradição cristã, enquanto, ao mesmo tempo, redescobre as tradições e elementos libertadores da fé e da comunidade cristã (FIORENZA, 2009, p.153).

Enfim, a perícopé bíblica de Lc 7,36-50 nos reporta que “para uma hermenêutica feminista, o tema mais importante do relato é a igualdade de gênero que se evidencia na forma como Jesus trata o fariseu e a mulher” (CONTI, 2003, p.77). O papel de destaque, negado à mulher, não deve permanecer no anonimato e ser apagado da história universal e tampouco da modernidade. Lucas procura evidenciar esse protagonismo feminino e a estratégia narrativa criada para formá-lo e, como consequência, a interpretação androcêntrica que oculta e inviabiliza as mulheres.

Diante de qualquer análise, é preciso ter em conta que os textos bíblicos foram escritos por homens e refletem a realidade daquela época sob a ótica masculina. Assim, faz sentido dizer que as narrativas permeiam um enredo fortemente marcado por uma linguagem sexista, pelo silenciamento e pelo banimento do feminino na sociedade. Era mais fácil esconder e ‘sacrificar’ a presença e a voz das mulheres.

Na perícopé analisada, o fato de ser considerada pecadora é somente mais um agravante, um mal maior ao seu histórico enquanto mulher, que já era discriminada, vista como um perigo, alguém não confiável e objeto de controle e pertença do homem.

Ivenise Santinon sistematiza a seguinte ideia.

O discipulado de iguais enfrenta dificuldades para se efetivar *práxis* cristã, porque os futuros sacerdotes, os primeiros responsáveis pelas comunidades eclesiais, são formados segundo a ideia de que as coisas sempre foram assim e devem continuar assim. O clericalismo não só inibe uma presença mais efetiva do laicato na vida pastoral da Igreja, como se constitui num entrave ao discipulado de iguais, muito embora sejam as mulheres a maioria na Igreja, conforme aponta a Conferência de Aparecida (2007). (SANTINON, 2023, p.100-101).

Na concepção da teóloga, alguns pontos são fundamentais para reverter o problema levantado acima. O primeiro deles, segundo ela, é reconstruir a imagem de Jesus em consonância à coerência do seu contexto histórico, de maneira que faça sentido ao pluralismo cultural e religioso dos dias de hoje. Por sua vez, acrescenta que seria importante “trabalhar uma educação da fé baseada na história do cristianismo, enriquecida pela perspectiva das mulheres e dos novos estudos exegéticos que se voltam para a convivência de Jesus com as mulheres” (SANTINON, 2023, p.102). Nesse sentido, mostrar através desses estudos que a postura de Jesus é inovadora ‘no trato com as mulheres e caminha na direção de um discipulado de iguais’.

A constituição dogmática *Lumen Gentium*, do Concílio Ecumênico Vaticano II, acentua no capítulo 2 a vocação batismal e a dignidade de membro atuante do Povo de Deus. Isso significa que todos, independentemente de gênero, aos olhos do Criador são iguais.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intenção desse artigo não é de forma alguma apresentar fórmulas prontas, dizer que o capítulo de silenciamento das mulheres que permanece arraigado na história da Igreja por quase dois milênios está encerrado, mas dizer acima de tudo que o discipulado de iguais pode e deve ser restabelecido nas relações eclesiais assim como o fez Jesus no encontro mantido com a mulher pecadora sem identidade no evangelho de Lc 7,36-50. Na casa do fariseu que se julgava acima da Lei, ela é respeitada e tratada em condições de igualdade – não pelo anfitrião e sim pelo Mestre. Aliás, este tratamento condiz com a *Lumen Gentium*. Este documento do Concílio Ecumênico Vaticano II, a partir de um resgate antropológico, indicou a mesma dignidade de homens e mulheres em uma perspectiva eclesiológica de Igreja Povo de Deus, “onde todos os batizados são chamados ao mesmo seguimento de Jesus – aspectos relevantes para se pensar a situação das mulheres nos tempos atuais” (SANTINON, 2023, p.97).

No entanto, infelizmente, o *aggiornamento* eclesial, proposto pelo Papa João XXIII, não é realidade contemporânea nos diversos âmbitos. O Documento da Conferência de Aparecida (2007) que suscita a participação plena e decisória das mulheres na vida da Igreja ainda não foi colocado em prática, talvez pela resistência de grupos contrários às mudanças conciliares. Estas interferências impedem os avanços. Assim, o silenciamento das mulheres nas estruturas eclesiais persiste.

Ivenise Santinon (2023), uma voz constante na luta pela igualdade de gênero, reforça essa reflexão ao mencionar que mesmo o apoio do Papa Francisco é insuficiente para a presença feminina legítima e relevante para a vida da Igreja. Segundo a teóloga, os retrocessos em parte da Igreja dificultam “a emancipação eclesial feminina e um consequente discipulado de iguais” (2023, p.97), conforme já destacou no final do último século a teóloga Elisabeth Fiorenza (1995).

Comungando na mesma linha de pensamento de Santinon (2023), entende-se a necessidade de ‘enxergar’ nas comunidades de fé as injustiças causadas pela invisibilização e pelo silenciamento das mulheres, que, sem dúvida, não encontra respaldo e está em direção contrária àquela praticada por Jesus nos Evangelhos. A perícopa ‘A pecadora’ de Lucas, que mereceu um olhar mais atento, ilustra as condições de igualdade com as quais Jesus tratava as mulheres; não se importando com a visão androcêntrica da sociedade da época. Enfim, é imprescindível a promoção do protagonismo das mulheres na Igreja e discussões em prol do discipulado de iguais, que resgate as decisões do Concílio Vaticano II e que enfrente o clericalismo e o legalismo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEZERRA, Carolina. Violência e gênero: As mulheres entre os discursos de Marcos, Mateus e Lucas. *Revista Bíblica*. N. 82, 2020, p.349-372.
- BÍBLIA SAGRADA. 9.ed. Tradução CNBB com introduções e notas. São Paulo: Canção Nova, 2009.
- CAVALCANTI, Tereza Maria Pompéia. Jesus, a pecadora e o fariseu: uma releitura na ótica de gênero. *Atualidade Teológica*, Rio de Janeiro, n.35, 2010, p.217-227.
- CONTI, Cristina. O amor como práxis – estudo de Lucas 7,36-50. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, Petrópolis, v.44, 2003/1, p.60-94.
- FIORENZA, Elisabeth Schüssler. *Discipulado de Iguais: uma Ekklesia-logia crítica da libertação*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- FIORENZA, Elisabeth Schüssler. *Caminhos da sabedoria: uma introdução à interpretação bíblica feminista*. Tradução de Monika Ottermann. São Bernardo do Campo: Nhanduti, 2009.
- FURLIN, Neiva. Teologia feminista: uma voz que emerge nas margens do discurso teológico hegemônico. *Rever*, ano 11, n.1 (2011), p.139-164. Disponível em: <https://doi.org/10.21724/rever.v11i1.6034>.
- FURTADO, Maria Cristina. A hermenêutica do feminino na teologia: suas lutas e conquistas. *Ephata*, 4, n.2, 2022, p.75-98. Disponível em: <https://doi.org/10.34632/ephata.2022.11370>.
- LADISLAO, Maria Gloria. *As mulheres na Bíblia*. Tradução de Alda da Anunciação Machado. São Paulo: Paulinas, 1995.
- LAURENTIN, René. Jesus e as mulheres: uma revolução ignorada. *Concilium*, Petrópolis, v.4, n.154, p.81-92, 1980.
- MAZZAROLO, Isidoro. *Lucas, a antropologia da salvação*. 3.ed. Rio de Janeiro: Mazzarolo editor, 2013.
- MAZZAROLO, Isidoro. *Lucas em João: uma nova leitura dos evangelhos*. 2.ed. revisada e corrigida. Rio de Janeiro: Mazzarolo editor, 2004.
- MENDONÇA, José Tolentino. *A construção de Jesus – a dinâmica narrativa de Lucas*. São Paulo: Paulinas, 2018.
- PAGOLA, José Antonio. *Jesus: aproximação histórica*. Tradução de Gentil Avelino Tilton. 7. ed. Petrópolis, Vozes, 2019a.
- ORSATTI, Mauro. *Lucas: Evangelho no feminino*. Tradução João Batista Boaventura Leite. Aparecida (SP): Editora Santuário, 2000.
- RAMOS, Adela. As mulheres no evangelho de Lucas. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, Petrópolis, v.44, 2003/1, p.78-94.
- REIMER, Ivoni Richter. Lembrar, transmitir, agir – mulheres nos inícios do cristianismo. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, Petrópolis, v.22, p.45-59, 1995.
- RIUS-CAMPS, Josep. *O Evangelho de Lucas: o êxodo do homem livre*. Tradução João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1995.
- SANTINON, Ivenise; MARIOTTI, Lucy; OTTAVIANI, Edelcio. *Discipulado de Iguais*. 1. ed. Série Igreja em missão. Grupo de Pesquisa José Comblin. Campinas: Editora Saber Criativo, 2023.

\* Doutora em teologia sistemática-pastoral (PUC-Rio), Especialista em Educação (PUC-RS) e Psicóloga (CNP-BH). Realizou doutorado sanduiche na Universidade de Roehampton, Londres. É professora na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MINAS) e no Instituto São Paulo de Estudos Superiores (ITESP). Diretora do Centro de estudos de Gênero, Diversidade sexual e Violência (RJ). Membro da Sociedade Brasileira de Teologia Moral (SBTM) e da Sociedade de Teologia e Ciências da Religião (SOTER).

Email: mcristinafurtado@hotmail.com

 <https://orcid.org/0000-0003-0078-3853>

Recebido em 31/07/2023

Aprovado em 03/11/2023

## MULHERES, SOCIEDADE E A IGREJA CATÓLICA APOSTÓLICA ROMANA

### WOMEN, SOCIETY AND THE ROMAN CATHOLIC APOSTOLIC CHURCH

*Maria Cristina S. Furtado\**

**Resumo:** A herança patriarcal da inferioridade da mulher, em termos intelectuais, ainda é grande em nossos dias, trazendo o desrespeito e a desvalorização da mulher, tanto nos espaços domésticos, como nos públicos, e religiosos. O resultado é a falta de participação decisória das mulheres, e a forte violência que vemos no dia a dia. Neste artigo, traremos um retrospecto histórico da violência contra a mulher desde a Bíblia (AT e NT), como esta visão negativa penetrou no cristianismo, e ajudou a chegar em nossos dias. Veremos como a mulher tem trabalhado intensamente para modificar esta realidade. Será também analisado como o movimento feminista tem sido importante nesta luta, e como o estudo da teologia pelas mulheres, levou-as a conhecerem o Deus libertador, possibilitando as teologias feministas, que com seus desdobramentos trouxeram novos olhares teológicos, e têm ensinado às mulheres a verem o seu potencial e lugar na Igreja. Finalmente, serão abordadas as pequenas mudanças que a Igreja Católica tem feito, desde a entrada do Papa Francisco, e as perspectivas futuras desejadas.

**Palavras-chave:** Violência. Mulher. Sociedade. Amor incondicional.

**Abstract:** The patriarchal inheritance of women's inferiority, in intellectual terms, still looms large these days, bringing disrespect and devaluation of women into domestic spaces, as well as in the public and religious spheres. The result is the lack of female participation in decision-making processes, as well as the increasing violence we are witness to daily. In this article, we will bring a historical retrospective of violence against women since Bible times (OT and NT), how this negative view was inserted into Christianity, and reached our days. We will see how women have worked intensely to modify this reality. The feminist movement will also be analyzed in how important it has been in this struggle and how women's study of theology had led them to encounter the liberating God and enabled feminist theologies. These, with their developments have collaborated to bring new theological perspectives, teaching women to see their potential. Finally, it will address the small changes that the Catholic Church has made, since the arrival of Pope Francis, and the desired prospects.

**Keywords:** Violence. Woman. Society. Unconditional love.



## INTRODUÇÃO

As mulheres são protagonistas de uma Igreja em saída, através da escuta e do cuidado que manifestam com as necessidades dos outros e, com uma marcada capacidade de sustentar dinâmicas de justiça em um clima de ‘calor doméstico’, nos diferentes ambientes sociais em que se encontram para trabalhar [...]. (PAPA FRANCISCO, 08 out. 2020)

O Papa Francisco sempre diz palavras fortes e amorosas em relação à participação das mulheres, mas o que vemos, constantemente, na Igreja Católica, é a rejeição para a mulher estar nos principais ministérios. Na mídia, no atual momento, as mulheres têm sido amplamente festejadas, mas o que lemos, vemos, e ouvimos, diariamente, são notícias sobre a violência contra a mulher.

Seja violência física, psicológica, institucional, simbólica, e sexual é comum as mulheres serem, constantemente, ofendidas e difamadas por homens que se sentem ultrajados quando questionados, ou pressionados, de alguma forma, por uma mulher, já que para eles, as mulheres são consideradas seres inferiores, subalternas. Da mesma forma as mulheres são agredidas pelos maridos, namorados, ex-maridos, e assassinadas, quando tentam tomar as rédeas de suas vidas e/ou tentam romper seus relacionamentos.

A cultura patriarcal trouxe para a mulher, na contemporaneidade, a herança de ser considerada inferior em termos intelectuais, e ter grande capacidade afetiva, o que a qualifica para atividades domésticas e a desqualifica para a vida pública. Essa análise junto com os interesses da sociedade da época, dissociou o orgasmo da reprodução, e a mulher foi chamada a dispensar o prazer, e a se voltar para a família e a procriação. Para Elza Tamez, (2011, p.154), a raiz fundamental da violência de gênero encontra-se no fato do homem ter sido considerado “um ente superior, e a mulher inferior”. Uma visão que a relaciona ao mal, à tentação, à sedução, à Eva que instigou Adão a cometer o pecado, tornando-a maldita sobre a terra. Apesar de todas as lutas e conquistas, o patriarcalismo ainda é uma realidade, e essa visão da mulher, persiste em muitos ambientes, e entre eles, na religião cristã, em especial, na Igreja Apostólica Católica Romana.

Na sociedade ocidental os homens ocupam grande parte dos lugares de decisão, e as mulheres ainda têm pouca participação decisória. Em 2022, tivemos apenas 18% de deputadas federais mulheres, e de deputadas estaduais e distritais eleitas em todo país. Embora tenha sido um recorde, ainda é mínima a participação das mulheres nas decisões que dizem respeito à sociedade e a elas próprias (NEXO, 03 out.2022). A consequência disso, é a continuidade de decisões que favorecem ao sexo masculino sem a preocupação da implementação de políticas públicas que ajudem a diminuir a violência de gênero. Políticas que favoreçam uma educação não sexista, visando paridade entre os gêneros, respeito à liberdade das mulheres, equiparação salarial, o avanço de novas leis e a fiscalização para o cumprimento das que existem contra a violência doméstica, e todo o tipo de violência contra a mulher. Os números da violência no Brasil são preocupantes. De acordo com a pesquisa que nos traz Raissa Basílio, na revista CLAUDIA (3 mar.2023) “Em 2022, cerca de 21,5 milhões de mulheres acima dos 16 anos sofreram violência física ou sexual dos parceiros ou ex-parceiros e 18,6 milhões foram assediadas, de forma verbal ou física”.

Neste artigo, refletiremos sobre a violência de gênero que as mulheres ainda sofrem na atualidade, tanto na sociedade como na Igreja Católica Apostólica Romana, e mostraremos a sua luta para ter direitos igualitários.

## 1 RETROSPECTO HISTÓRICO

Na Bíblia, no A.T. encontramos mulheres citadas como líderes, juízas, profetisas e outras importantes ações, entre elas, Sara, Miriam, Raabe, Rute, Ana, Ester. Entretanto, de acordo com a teóloga Maria Clara Bingemer, em determinado momento, isso mudou. Quando a “circuncisão” passou a fazer parte do ritual de iniciação ao Judaísmo, a mulher passou a ser oprimida, inclusive, pela sua constituição corporal. Começou a receber menos mandamentos do que os homens, o que a diminuiu em sua dignidade, pois para o povo de Deus, a glória era viver segundo a lei de Deus. Nesta época, até os seus ciclos menstruais foram considerados impuros, e elas segregadas em muitas esferas da vida (FURTADO, 2022, p.115). No entanto, ainda de acordo com esta teóloga, “Jesus resgatou a dignidade das mulheres, pela sua práxis libertadora, e a Igreja Primitiva parece ter assimilado as esperanças de Jesus ao introduzir um ritual de iniciação não sexista, como o batismo” (BINGEMER, et al, 2008, p.92). Para ela, “o batismo trouxe uma ruptura radical com o passado, surgindo um novo modo de ser. Com esta ruptura o batizado se faz semelhante a Cristo, por uma morte semelhante à sua” (BINGEMER, 2010, p.36). Jesus foi revolucionário, e na Igreja Primitiva a mulher era ativa, engajada, discípula, missionária, líder, e responsável pelas igrejas domiciliares.

De acordo com Ana Maria Tepedino, Jesus não fazia acepção de pessoas. “A todos acolheu e com todos se relacionava da mesma forma” (TEPEDINO, 1990, p.82). Ela cita a feminista Elisabeth Schüssler Fiorenza, dizendo que esta teóloga vai ainda mais além, quando afirma que as mulheres exerciam liderança, como apóstolas, em situação de igualdade com os 12” (IDEM, p. 90). Entretanto, o forte androcentrismo em Israel, decretava que o fato de se nascer homem ou mulher determinava um grau de maior ou menor dignidade da pessoa.

A teóloga Tereza Cavalcanti (2002, p.355), nos lembra que, na sociedade judaica, no século II d.C., os judeus rezavam três vezes ao dia uma oração em que “agradeciam por não ser mulher”. Talvez esta compreensão, ajude-nos a entender que a liderança de mulheres, dificilmente, poderia ser aceita por muito tempo, em uma sociedade, com tão fortes padrões androcêntricos. Este pode ser o motivo para que, entre os escritos de Paulo, onde há forte valorização da mulher, exista uma passagem, nas Cartas Paulinas que, no início do século XIX, passou a ser usada para marcar a mulher, na esfera doméstica, submetendo-a ao marido, mandando-a se calar na Igreja. Passagem não compatível com as ações de Paulo, que levou diversas mulheres a assumirem cargos de liderança em suas comunidades, inclusive, citando-as, nominalmente. De acordo com o biblista Jerome Murphy O'Connor (1996, p.296), esta passagem não foi escrita por Paulo. Teria sido uma inserção feita, posteriormente, como aconteceu com outras passagens.

Porque Deus não é Deus de confusão, senão de paz, como em todas as igrejas dos santos. As vossas mulheres estejam caladas nas igrejas; porque não lhes é permitido falar; mas estejam sujeitas, como também ordena a lei. E se quiserem aprender alguma coisa, interroguem em casa a seus próprios maridos; porque é vergonhoso que as mulheres falem na igreja (1Cor 14,34-35).

Aos poucos o Cristianismo para penetrar no mundo grego e Romano, foi se afastando de alguns importantes aspectos da revolução de Jesus, e ao aproximar-se da filosofia estoicista, deixou penetrar em sua doutrina não só os aspectos positivos, mas uma forte negatividade sobre a sexualidade. Esta passou a ser vista como pecado, e admitida apenas em função da ‘procriação’. Com isto as mulheres voltaram a ser vistas como inferiores ao homem, e consideradas traiçoeiras e pecadoras. Pouco a pouco, foram

retiradas do trabalho apostólico, e as que decidiram consagrar sua vida a Jesus, foram recolhidas a clausuras, obrigadas a usar hábito, e a trabalharem às margens do poder. Segundo a historiadora Ana Maria Bidegain (2009, p.16), as mulheres foram colocadas em vida privada, e apesar de invisibilizadas pela história, continuaram exercendo não só uma função catequética, mas “exercendo funções de organização de redes ligadas ao poder econômico, social, educativo e religioso, dentro dos conventos.

Para o Jesuíta Gary Macy (2009a), a participação das mulheres era tão grande, que na Idade Média, até a metade do século XII, “as mulheres eram cogitadas para a ordenação como qualquer homem. Eram consideradas parte do clero”. Foram diaconisas, serviam como bispas, distribuíam comunhão, e até ouviam confissões. Para ele, “as evidências mais óbvias vêm dos ritos de ordenação” (2009a). Entretanto, quando começou a reforma religiosa, os reformadores resolveram afastar as mulheres para estabelecerem o celibato, e fizeram uma campanha colocando as mulheres como incapazes de exercer qualquer cargo na Igreja. Segundo Macy, em 1230, o ritual de ordenação sofreu duas importantes mudanças que até hoje são usadas para excluir as mulheres. 1) A ordenação sacerdotal se tornou uma cerimônia para conceder poder e novo estado espiritual. 2) A ordenação passou a ser focada em apenas um ministério, com o poder de consagrar o pão e o vinho durante a missa. Além disso, teve início um processo que procurou expurgar do cristianismo a memória da ordenação de mulheres (FURTADO, 2022, p.125).

No início da modernidade as mulheres sofreram ainda mais perseguição, com uma grande caça às feiticeiras. Segundo Jean Delumeau (2001, p.310). “A mulher foi identificada como perigosa agente de Satã, dentro e fora da Igreja Católica”. A partir do século XV, a Igreja enfatizou ainda mais o sexo como função procriadora, colocando o ato sexual que não levasse à procriação, entre os pecados contrários à natureza, e abusivos à sexualidade humana.

De acordo com a doutora em Ciência Política, Céli Regina J. Pinto (jun. 2010, p. 16) “durante a inquisição a Igreja católica foi implacável com qualquer mulher que desafiasse os princípios por ela pregados como dogmas insofismáveis”. Houve ainda uma ampla difusão da doutrina cristã, e aos poucos, a necessidade da mulher de estar somente ligada à procriação, e a visão negativa da sexualidade, uniram-se às exigências da sociedade da época. No final do século XIX, os estudos biológicos, sem mencionar a carga cultural que existiam em suas análises, ajudaram a inferiorizar a mulher, dando a capacidade intelectual para o homem, e a capacidade afetiva à mulher. Esta foi a visão que chegou aos nossos dias.

## 2 A LUTA E RESISTÊNCIA DAS MULHERES

As mulheres não se conformaram com a situação de inferioridade que lhes foi conferida, e muito têm lutado para modificar esta situação. Elas procuraram se organizar, e já no início do século XX, os movimentos de resistência feminina multiplicavam-se e as conquistas começavam a acontecer. O movimento recebeu o nome de “feminista”, e as mulheres feministas foram consideradas indesejáveis, pois lutavam pelos seus direitos, sendo muitas delas, despedidas de seus empregos, presas, e até assassinadas. A primeira grande luta foi pelo “sufrágio”, e no Reino Unido, ainda no final do século XIX, as mulheres conseguiram o direito de votar. No Brasil, as mulheres só conseguiram o sufrágio, em 1930, quando foi promulgado o novo código eleitoral brasileiro. Mas, por volta de 1950, em mais de 100 nações o voto feminino era uma realidade.

Durante a segunda Guerra Mundial, o movimento feminista enfraqueceu, pois em muitos países, as mulheres precisaram assumir o trabalho que, anteriormente, era feito pelos homens, e o feminismo inicial só reaparecerá, com importância, na década de 1960.

Ele voltou revigorado, como um movimento libertário que deseja, não só espaço para a mulher – no trabalho, na vida pública, na educação –, “mas que luta, sim, por uma nova forma de relacionamento entre homens e mulheres, em que esta última tenha liberdade e autonomia para decidir sobre sua vida e seu corpo (PINTO, 2010, p.16). De acordo com esta autora, o mais importante foi mostrar a existência da dominação do homem sobre a mulher, cujas características são diferentes da dominação de classe.

Nessa época, a Igreja Católica realizou o Concílio Vaticano II (1962-1965). Um concílio que levou a Igreja Católica a mudar a compreensão sobre a sua presença no mundo, e realizou algumas aberturas, como a permissão para leigos, mulheres, jovens e adultos, participarem de seus centros de estudos. Estas e outras mudanças levaram as mulheres católicas acreditarem que a Igreja abriria as portas para a entrada nos ministérios, e faria alguma mudança em relação à sexualidade, principalmente, em relação à função reprodutiva. Mas não foi isso que aconteceu:

- A Carta Encíclica *Humanae Vitae*, em 25 de julho de 1968, assinada pelo Papa Paulo VI, reafirmou que qualquer ato matrimonial deveria permanecer aberto à transmissão da vida, e apenas o método do ‘ritmo’ continuaria a ser considerado lícito pela Igreja Católica.
- Em 1975, o Papa João Paulo II, disse ser impossível as mulheres atingirem ao ministério presbiteral, e a doutrina da Fé (CDF) justificou como sendo fidelidade ao Senhor, pois a Igreja nunca teria admitido que as mulheres recebessem a Ordenação presbiteral ou episcopal. (FURTADO, 2022b, p.139-141).

No entanto, mesmo impedidas de atingir os ministérios, as mulheres foram estudar teologia, e inspiradas no movimento feminista, e na espiritualidade do Deus libertador, da teologia da libertação, elaboraram a teologia feminista. De acordo com Elizabeth Schüssler-Fiorenza (1992, p.29), “a intuição básica de todas as teologias da libertação, incluindo a teologia feminista, foi o reconhecimento de que toda teologia quer queira quer não, é, por definição, comprometida em favor ou contra os oprimidos”.

Para Neiva Furlin (2011, p.144-147) existiram três fases de produção teológica das mulheres latino-americanas e brasileiras. Todas trouxeram novas hermenêuticas teológicas e interpretações bíblicas, ligadas a reflexões de ‘gênero’, entre elas:

- a dimensão feminina de Deus e a importância da mulher na Igreja primitiva; - a denúncia e o questionamento do caráter androcêntrico, patriarcal e demasiadamente racional na Bíblia e na teologia; - elaboraram a teologia ecofeminista (Ivone Gebara); - a teologia feminista pela perspectiva de gênero, onde o discurso normativo masculino deixou de ser universal, e o gênero passou a ser percebido como relações de gênero, e relações de poder. (FURTADO, 2022a, p.85-98).

Com muita persistência e capacidade, as mulheres, além de estudarem e escreverem, tornaram-se agentes pastorais, entraram nas Universidades Católicas como professoras, e nas Igrejas, como agentes pastorais, e desde então, espalham o seu saber. Hoje, são professoras de Teologia ou de Ciências das Religiões, coordenadoras de departamentos, diretoras, decanas. Possuem ampla produção, e muitas, por suas ações na Igreja, são reconhecidas, nas universidades do seu país, e internacionalmente, embora, sintam que seus trabalhos e textos teológicos ainda sofrem discriminação, dentro da Igreja. Sempre há aqueles que procuram diminuir o que fazem, e negar a seriedade da produção teológica das mulheres.

A teologia feminista não é homogênea, e muitos preferem dizer “teologias feministas”. A compreensão da importância de gênero nas relações, e o aspecto social e psicológico que estas teologias trazem, possibilitaram novas pesquisas e conclusões, e

através das mais variadas ciências. Cito aqui as principais teólogas que falam sobre estes temas: - a teologia negra (Cleusa Caldeira); - as teologias libertadoras inclusivas LGBTQIA+ (Maria Cristina S. Furtado), a teologia Queer (Marcella Althaus-Reid, Lisa Isherwood, Ana Ester), a teologia lésbica (Mary Hunt), a teologia ecológica, a teologia pós e decolonial, a teologia ecumênica, interreligiosa etc. (FURTADO, 220a p.88-93).

### 3 PAPA FRANCISCO E AS MULHERES

Desde a entrada do Papa Francisco, o tema da igualdade feminina, voltou a ser debatido na Igreja. Algumas mulheres foram chamadas para participarem destes debates, entretanto, reconhecem estar sendo difícil fazer qualquer mudança. Um número considerável de padres, bispos e cardeais, parece que ainda não conseguiram ver a mulher como alguém que possa acrescentar novos olhares e experiências. Phyllis Zagano, membro da comissão dos estudos sobre o Diaconato, diz que o trabalho realizado não foi conclusivo, pois ao final, havia bispos e cardeais contrários, e outros favoráveis. Dessa forma, a decisão para a Igreja Universal deve ser aplicada pelas Conferências episcopais, ou seja, pelos bispos individuais (IHU, 17 mai. 2019).

A grande novidade que trouxe o Papa Francisco em relação às mulheres foi, inicialmente, ter dado cargos decisórios a algumas mulheres, e mais recentemente, modificar o Cânon 230, § 1º do Código de Direito Canônico, permitindo que as mulheres assumam os ministérios de leitor e de acólito. O primeiro, relacionado com a Palavra, e o outro, com a Eucaristia. Para o prof. Pe. Antônio J. de Almeida, as mulheres agora podem ser instituídas, o que é diferente de ordenadas. “Para alguém se tornar bispo, presbítero, ou diácono são-lhe impostas as mãos, e realizada a oração consagratória que introduz ao ministério pastoral, na hierarquia da Igreja; e para os outros ministérios, a pessoa é estabelecida numa determinada posição”. Segundo Almeida, as viúvas, e as mulheres, em geral, não eram ordenadas até a Idade Média, e sim instituídas (IHU, 2021).

Esta modificação no cânon, provocou muitas reações, pois, para alguns, o impedimento legal foi removido, e isto, vai além do que possibilitou para as mulheres, neste momento, e simbolicamente é muito importante. Para os progressistas, foi um passo importante para as mulheres virem a assumir os ministérios principais. Afinal, para eles, homens e mulheres cristãos são, pelo batismo, iguais em dignidade. Para os conservadores, isto é inconcebível (IHU, 2021).

É importante dizer, que as mulheres se encontram ainda mais ativas, organizando-se, dentro e fora da Igreja, em diferentes movimentos, e cada dia conseguindo mais vitórias em relação aos seus direitos.

Dentro da Igreja Católica são vários os movimentos de mulheres existentes. Uns mais independentes, e outros mais ligados ao clero. Entre eles, cito o Conselho Mundial de Mulheres Católicas (CATHOLIC WOMEN'S COUNCIL - CWC), onde sou uma das representantes brasileiras junto com Ivenise Santinon; e a União Mundial das Organizações femininas católicas. Ambos têm trabalhado, incessantemente, para que os bispos recebam as suas reivindicações, de modo que possam ser debatidas, no Sínodo, em outubro de 2023, e em 2024. Entre as mulheres teólogas, vários grupos também têm se formado. Cito aqui, duas redes das quais faço parte: a rede *Teomulher*, em que sou uma das fundadoras. Ela existe, desde 2018, e busca unir e divulgar os trabalhos realizados pelas teólogas; e a recém-formada, Rede Brasileira de Teólogas, que já conta com mais de 90 participantes.

As reivindicações das mulheres têm chegado ao Vaticano, e o Papa Francisco não se mostra indiferente a estas ações. Ao contrário, foi publicado um documento que convocou

70 pessoas entre padres, religiosas, diáconos e leigos católicos, que foram escolhidos para as Conferências Episcopais Nacionais (CNN. BRASIL, 26 abr. 2023). Destes 50% são mulheres que têm direito a voto. Entre as mulheres encontra-se Sonia Gomes de Oliveira, Presidente do Conselho Nacional do Laicato do Brasil. (G1. Grande Minas, 8 jul. 2023).

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

O retrospecto histórico, neste artigo, mostra-nos: - o quanto o processo de inferiorização e invisibilidade da mulher tem acompanhado a história da mulher, e como o cristianismo tem colaborado para isso. - Como o movimento feminista, sempre apontado como subversivo, e criticado pelos setores conservadores, dentro e fora da Igreja, foi e é crucial, na luta pelos direitos das mulheres. - A teologia feminista ou teologias feministas são um marco na produção das mulheres na Igreja, e crucial para a pluralidade teológica hoje existente. - A importância do conhecimento para as mulheres, e de sua organização em grupos de mulheres. - E finalmente, o quanto as mulheres são importantes para a Igreja, e para o mundo.

A luta da mulher na sociedade, na teologia e na Igreja Católica Apostólica Romana continuará por longo tempo. Quanto mais a mulher estudar, produzir, e se encontrar nos espaços públicos, universitários e pastorais, seus trabalhos e ações abrirão mentes e corações, e ela contribuirá para a Igreja, em saída, tão desejada pelo Papa Francisco e como ele próprio diz:

Escuta, meditação, ação amorosa: esses são os elementos constitutivos de uma alegria que se renova e se comunica aos outros, através do olhar feminino, no cuidado da Criação, na gestação de um mundo mais justo, na criação de um diálogo que respeite e valorize as diferenças. (PAPA FRANCISCO, 08 out. 2020)

Para a continuidade da luta, algumas mulheres que foram fundamentais no passado, precisam ser lembradas para continuarem a inspirar as mulheres, da atualidade. Vanildes Gonçalves dos Santos (s/data), professora da Universidade Católica de Brasília (UCB), pede em oração:

Que a coragem e sabedoria de Maria Madalena e de tantas mulheres, que fizeram parte do movimento de Jesus, continuem a nos inspirar na luta contra todas as formas de violências contra as mulheres (nas casas, nas ruas, favelas, campos, florestas, templos, trabalhos, escolas, redes sociais...)”.

Como mulher, católica, só posso desejar e rogar para que todas as mulheres, inspiradas na coragem de Maria Madalena, e como ela, envolvidas pelo amor incondicional de Deus, continuem a anunciar que viram Jesus, e o que Ele disse (Jo.20,18). E sob o manto de Maria, em oração com todos os irmãos e irmãs, digamos, “façam tudo o que Mestre Jesus mandar” (Jo 2,3-5).

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASÍLIO, Raissa. *30 milhões de mulheres sofreram abuso em 2022, aponta pesquisa*. Claudia. Disponível em: 30 milhões de mulheres sofreram abusos no Brasil em 2022, aponta pesquisa | CLAUDIA (abril.com.br). Acesso em 9 de julho de 2023.

*BÍBLIA DE JERUSALÉM*. São Paulo: Paulus, 2006.

- BINGEMER, M. C. L. et al. *Otherness as Path toward Overcoming Violence: A Comparative Study of Emmanuel Lévinas and Simone Weil*, v.3, 2008. Disponível em: <https://philpapers.org/rec/BINOAP-3LévinasStudies>. Acesso em 30 de julho de 2023.
- BINGEMER, M. Clara. O Batismo, fonte do ministério cristão. O caso das Comunidades Eclesiais de base (CEBs). *Revista Concilium*, n.334, 2010.
- CAVALCANTI, Tereza Maria. Relações Interpessoais em uma narrativa do evangelho de Marcos. *Revista Atualidade Teológica*, n. 12, 2002.
- CNN. BRASIL. Papa Francisco permite que mulheres votem no Sínodo de Bispos. Disponível em: [Papa Francisco permite que mulheres votem no Sínodo de Bispos \(cnnbrasil.com.br\)](http://www.cnnbrasil.com.br). Acesso em: 30 de julho de 2023.
- CWC. Roma 2023. Disponível em: <https://www.catholicwomenscouncil.org>. Acesso em 07 de julho de 2023.
- DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente (1300-1800)*. São Paulo: Comp. das Letras, 2001.
- FIORENZA, Elisabeth S. *As Origens Cristãs a partir da Mulher: uma nova hermenêutica*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1992.
- FURLIN, Neiva. Teologia feminista: uma voz que emerge nas margens do discurso teológico hegemônico. *Rever*. Ano 11, n.01, Jan/Jun. 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.21724/rever.v11i1.6034>. Aces. 24 mar. 2022.
- FURTADO, Maria Cristina. A hermenêutica do feminino na teologia: suas lutas e conquistas. *Ephata*, 4, n.2, 2022a.
- FURTADO, Maria Cristina S. *A inclusão de todas/os/es*. Uma leitura teológica da violência de gênero: mulheres e LGBTQIA+. De Girard e Lévinas à ética da inclusão. Recriar: São Paulo, 2022b.
- G1. *Grande Minas*. Montes-clarense é escolhida para participar do Sínodo dos Bispos. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/grande-minas/noticia/2023/07/08/montes-clarense-e-escolhida-para-participar-do-sinodo-dos-bispos.ghtml>. Acesso em: 15 de julho de 2023
- IHU. Instituto Humanitas Unisinos. *Phyllis Zagano: sobre as mulheres diaconisas o Papa quer uma ampla discussão*. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/589247-phyllis-zagano-sobre-as-mulheres-diaconisas-o-papa-quer-uma-ampla-discussao>. Acesso em 07 de julho de 2023.
- IHU. Instituto Humanitas Unisinos. *Mulheres leitoras e acólitas: Significado da mudança*. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/publicacoes/78-noticias/606927-mulheres-leitoras-e-acolitas-significado-da-mudanca#:~:text=Mulheres%20agora%20podem%20ser%20E%20%9Cinstitu%C3%ADdas,assu%20oficialmente%20numa%20fun%C3%A7%C3%A3o%20eclesial>. Acesso em 10 de julho de 2023
- MACY, Gary. *A igreja deveria cogitar o retorno à ordenação de mulheres*. Entrevista concedida a Márcia Junges. Disponível em: [http://www.lhuonline.unisinos.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=2596&seção=295](http://www.lhuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2596&seção=295). Acesso em 13 de julho de 2023
- NEXO. *Com 91 deputadas eleitas, Câmara terá recorde de mulheres*. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/grafico/2022/10/03/Com-91-deputadas-eleitas-C%C3%A2marater%C3%A1-recorde-de-mulheres>. Acesso em 03 de julho de 2023.
- O'CONNOR, Jerome Murphy. *Paulo, biografia crítica*. São Paulo: Loyola, 1996.
- PINTO, Céli Regina Jardim. Feminismo, história e poder. *Revista de Sociologia e Política*, v. 18, p. 15-23, 2010. Acesso em 30 de julho de 2023.
- SANTOS, Vanildes Gonçalves dos Santos. *Maria de Magdala e as mulheres do movimento de Jesus. E-book*. Campanha Nacional de enfrentamento aos ciclos de violência contra a mulher. Disponível em: <https://pj.org.br/wp-content/uploads/2019/05/Maria-de-Magdala-e-as-Mulheres-no-Movimento-de-Jesus.pdf>. Acesso em 27 de julho de 2023.
- TAMEZ, Elza. *Religião, gênero e violência*. *Koinonia: Agenda Latina Americana*, 2011. Disponível em: <https://www.servicioskoinonia.org/agenda/archivo/portugues/obra.php?ncodigo=353>. Acesso em 20 de julho de 2023.

TEPEDINO, Ana Maria. *As discípulas de Jesus*. Petrópolis: Vozes, 1990.

UNIÃO MUNDIAL DOS ORGANISMOS FEMININOS CATÓLICOS. Disponível em: [https://pt.everybodywiki.com/Uni%C3%A3o\\_Mundial\\_dos\\_Organismos\\_Femininos\\_Cat%C3%B3licos](https://pt.everybodywiki.com/Uni%C3%A3o_Mundial_dos_Organismos_Femininos_Cat%C3%B3licos). Acesso em 30 julho de 2023.

*Vatican News*. PAPA FRANCISCO: As mulheres são protagonistas de uma Igreja em saída. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2020-10/papa-francisco-mensagem-conselho-mulheres-pontificio-cultura-out.html>. Acesso em 28 julho de 2023.

\* Teóloga, professora, doutora e mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. Química e Pós-Graduada em Bioquímica. Membro e pesquisadora da Rede Latino-Americana de Estudos Pentecostais (RELEP) pesquisadora do Fenômeno do Protestantismo e Pentecostalismo Brasileiro. Membro e pesquisadora do Grupo de Pesquisa Teologia no Plural. Cooperadora como pesquisadora com o Instituto Tecnológico Social (ITS), uma ONG hispano-brasileira atuando em Guiné Bissau desde 2010. Compõem junto a outros, a diretoria da ONG OIKOS, Escola da Vida. Tem trabalhado com missionária no Brasil, Peru, Espanha, Portugal e Guiné Bissau.

Email: prof.angela.maringoli@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0003-1844-6492>

Recebido em 29/07/2023

Aprovado em 22/10/2023



## O DEUS QUE AGE NAS FRONTEIRAS SOCIAIS DO HUMANO

A narrativa bíblica e as questões  
sobre gênero

## THE GOD WHO ACTS ON THE SOCIAL BORDERS OF THE HUMAN

The biblical narrative and questions  
about gender

Ângela Maringoli\*

**Resumo:** O artigo quer refletir o encontro de Jesus com uma mulher do povo que vivia em Samaria. Apesar das diferenças sociais a samaritana foi ousada ao entabular uma conversa com um homem judeu. O recorte está no Evangelho de João no capítulo 4 que apresenta algumas mulheres que atuaram ao lado de Jesus como protagonistas em algumas narrativas do Evangelho. A narrativa bíblica aborda questões interessantes sobre gênero, segregação, preconceito racial e religioso. A perícopes aborda a vida das mulheres das províncias da capital de Samaria em específico "a mulher samaritana" texto bastante conhecido no meio cristão. Releitura de textos antigos é sempre um processo investigativo que busca por preciosas descobertas que ao serem encontradas serão usadas na história presente. Entre essas pepitas encontramos as ações restauradoras de Jesus, o Deus encarnado. Desprezado e sofrido vivia na marginalidade da sociedade de sua época com um *status quo* semelhante ao da personagem samaritana. Mulher determinada em esclarecer suas dúvidas religiosas ela é cativada por Jesus, tornando-se discípula e missionária.

**Palavra-chave:** Samaria. Mulher Samaritana. Evangelho. Jesus.

**Abstract:** The article wants to reflect the encounter of Jesus with a woman of the people who lived in Samaria. Despite the social differences the Samaritan woman was daring to engage in conversation with a Jewish man. The cut is in the Gospel of John in chapter 4 that presents some women who acted alongside Jesus as protagonists in some Gospel narratives. The biblical narrative addresses interesting questions about gender, segregation, racial and religious prejudice. Pericope addresses the life of women in the provinces of the capital of Samaria in specific "the Samaritan woman" text well known in the Christian milieu. Rereading of ancient texts is always an investigative process that seeks for precious discoveries that will be used in present history. Among these nuggets we find the restorative actions of Jesus, the incarnate God. Despised and suffering he lived in the marginality of society of his time with a status quo similar to that of the Samaritan character. Woman determined to clarify her religious doubts she is captivated by Jesus, becoming a disciple and missionary.

**Keywords:** Samaria. Samaritan Woman. Gospel. Jesus;

## INTRODUÇÃO

Os samaritanos eram um povo segregado por parte dos judeus e das autoridades religiosas. Os judeus e samaritanos eram inimigos de longa data antes mesmo de Judá ir para o exílio babilônico. Devido aos acontecimentos históricos e a miscigenação de Samaria após a invasão militar dos assírios e da implantação da política devastadora de dominação aplicada pelos bárbaros assírios aos povos da região de Samaria. Os assírios invadiram o Norte do país de Israel, dominaram a cultura, a religião, os costumes, levaram os homens como prisioneiros de guerra e subjugaram as mulheres em atrocidades, gerando filhos bastardos durante a tomada e queda o reinado do rei Jereboão II (722 a. C.).

A tradição oral preservou os textos e as memórias que através de testemunhos oculares evocam o passado do cristianismo. Jesus, mestre e rabino interagindo com o dia a dia das comunidades entra em cena, quando ao conversar com a mulher, desconstrói as barreiras culturais, étnicas e religiosas fomentadas pelos judeus a respeito dos samaritanos. O diálogo entre Jesus e a mulher samaritana, que no texto é apresentada sem uma identidade ou nome, acontece em meio ao nada, em um poço onde costumeiramente as mulheres das aldeias, caravanas e viajantes paravam para beber água.

Na narrativa da “mulher samaritana” houve uma recuperação identitária através de uma conexão entre ensinamentos de Jesus com a realidade cultural da mulher uma história da relação entre dois povos. Jesus, em terras carregadas de séculos de história, guerras, lutas, mortes e derrotas. Samaria e o monte Geresim considerado o local sagrado para os samaritanos. Para os povos antigos se dirigirem a locais sagrados era comum essa atitude de adorar, faz parte do diálogo de Jesus com a mulher samaritana. Jesus desconstrói quando ensina que adorar a Deus em Espírito é mais importante que estar em um local geográfico.

## 1 ESTRANGEIROS EM ISRAEL

Em Israel os estrangeiros eram divididos em dois grupos. O primeiro são os de passagem, aqueles que usufruem da hospitalidade, porém não são protegidos pela lei e o segundo são os estrangeiros residentes em Israel chamados de *geri* e esses sim contavam com a proteção da lei. O *geri* era o estrangeiro vivia estável em meio à comunidade e usufruía de certos direitos. Ele era menos associado social e religiosamente. Abraão foi um *geri* em Hebron (Gn 23,4), Moisés em Mídiã, (Ex 22) 87 e Elimeleque era um homem de Belém, que foi com sua família se estabelecer como *geri* em Moabe (Rt 1,1). Moabe (Rt 1,1). O redator retrata os estrangeiros em Moabe (Rt 1,1) como uma alusão ao patriarca Abraão o arameu que se tornou o pai de muitas nações, em especial a dos hebreus). Bom lembrar que Rute a moabita é descendente de Ló. Os moabitas serviam ao deus Milcon (de Camos) mas Rute tem um encontro com o Deus de Noemi sua sogra.

### 1.1 O Ritual das Águas - Batismo na religiosidade judaica

João 4 inicia com Jesus se retirando do ajuntamento de fariseus porque não desejava participar do embate entre os judeus religiosos e os discípulos sobre a questão do batismo. Se evidencia uma discussão sobre o número de batizados de Jesus sendo superior aos de João Batista (cf. Jo 4,1). O que se questiona é se o batismo praticado por Jesus é lícito ou não. E o autor alerta que Jesus não era quem batizava, mas os seus discípulos.

Jesus, esquivando-se da conversa, se dirige a caminho da Judéia em direção para a Galileia. Por que naquele momento do embate entre fariseus e discípulos Jesus não quis reagir teologicamente e discorrer a respeito significado do rito do batismo? Por que os

grupos religiosos dos fariseus se encontravam por perto daquele local? Talvez a resposta seja porque essa seria uma discussão em torno dos costumes culturais judaicos sobre a lei mosaica ou a respeito da maneira com a qual o batismo era praticado pelos povos antigos.

O batismo é um ritual religioso com lavagens cerimoniais feitas por imersão nas águas purificadoras. Para a religião judaica o batismo significava a conversão do paganismo para o judaísmo. O rito era praticado uma única vez. João Batista, o profeta, ao batizar, pregava o batismo e o arrependimento aos não judeus para que esses se convertessem ao judaísmo e obtivessem o perdão dos pecados, anunciando que o Reino de Deus estava próximo. O batismo não era um ritual comum, havia no rito a intencionalidade de que o pecador durante o momento libertário do batismo entendesse que existia nele necessidade de uma mudança em sua “atitude mental” e que era necessário ao pecador convergir para uma direção correta que o levasse ao encontro de Deus. João Batista queria dizer aos povos judeus e não judeus, que era necessário que todos eles se batizassem para o perdão e arrependimento dos pecados. O que poderia soar ofensivo aos ouvidos religiosos, onde dominava a crença entre eles sobre salvação única para os judeus por serem o único povo nascido sobre a Lei de Deus. João Batista apregoava que todos que quisessem vir a Deus deveriam se batizar. Prevendo que uma longa discussão religiosa o aguardava e que para aquele momento essa conversa seria pouco proveitosa faz com que Jesus se retire do ambiente religioso farisaico para priorizar sua saída do território da Judéia em direção à Região da Galileia. Chegando à Samaria onde inicia um diálogo sobre águas batismais e arrependimento, outras paragens com outros ouvintes. Jesus priorizara falar sobre o Espírito da Verdade, aquele que liberta (Jo 4,1-41).

Jesus o Senhor, é o Kyrios, que controla os acontecimentos decidiu que era necessário ir à Samaria por um caminho não costumeiro que margeava o Rio Jordão, ele mudou a rota e mudou de espaço geográfico, porém a conversa e o ensino continuam sendo o mesmo, libertar os cativos, fracos e oprimidos. Jesus é recebido na Galileia. João, o apóstolo, testemunha ocular do episódio, fornece informações para que o leitor construa em sua mente o ambiente onde a cena da chegada da mulher samaritana ao poço e Jesus lhe pede água para beber.

A água ainda era o tema central. Logo, inicia a conversa entre Jesus e a mulher e o tema da água viva. O preconceito dos discípulos os endurecia e os cegava. Jesus cruza fronteiras geográficas - culturais rígidas e se dirige em direção ao itinerário que para Ele era necessário. Necessário me é passar por Samaria, diz Jesus. Por que me é necessário? Necessário fazer o que nessas paragens? Por que não ir para a Galileia pelo caminho tradicional seguindo pela Transjordânia? Para que complicar? Por que ir por uma rota onde gente desinteressante cruzaria o caminho? Jesus escolhe a rota mais difícil é a que o dirige para a sua missão de reconciliar a humanidade, é a nova aliança que nasceu durante o casamento que ficou conhecido nos textos bíblicos como as Bodas de Caná que é aplicada, Jesus tinha que passar por Samaria (4,4). O manancial citado nesse versículo mais tarde ficou conhecido na história como o “poço de Jacó”. A localização do poço de Jacó ficava perto dessa aldeia que no tempo de Jesus chamava-se Sicar onde ficava o terreno que Jacó deu ao seu filho José e que nos tempos de Jacó tinha o nome de Siquém, atual Nablus, localizada entre os montes Gerizim e Ebal, região de Samaria, ficou sendo a capital do Reino do Norte (Israel ou Samaria), quando as tribos de Israel se dividiram em duas nações na época dos sucessores do rei Salomão. O texto busca fazer o leitor lembrar que a terra é dos herdeiros de Jacó.

Concluído o diálogo a mulher se dirige para avisar aos de sua aldeia que havia conhecido um profeta. Enquanto a mulher corre euforicamente para avisar os seus

conterrâneos sobre a presença do Messias entre eles os samaritanos, Jesus aproveita para entabular uma conversa com ensino com os discípulos, que não estavam entendendo o que se passara ali e menos ainda do porquê o mestre, um judeu se dirigira a uma mulher samaritana em assunto e prosa.

## 2 DIREITOS LEGAIS DA MULHER NO MUNDO ANTIGO

Na época patriarcal, o costume do casamento era monogâmico e o homem possuía somente uma mulher igual como foi no início, no relato da criação onde os casamentos eram monogâmicos (Gn 2,21-24). Abraão possuía apenas uma mulher. Nos escritos históricos, encontram-se as mulheres, principalmente no papel de mãe, que ensinavam e nutriam o continuar da história do povo e mesmos as que assumiam o papel de esposa e ajudante de seu marido. Os patriarcas seguiam os mesmos costumes do oriente e dos seus ambientes em relação ao casamento. Era na Palestina da Idade Média do Bronze, e não a Palestina do Império Egípcio.

A situação dos direitos legais da mulher israelita era então diferente da mulher escrava. Um homem poderia vender sua escrava ou até sua filha legítima (Ex 21,7), mas não poderia vender a sua esposa, ou nem mesmo aquela esposa que houvesse sido cativa de guerra (Dt 21,14). O marido podia repudiar sua esposa, mas o documento e repúdio a protegiam e lhe restituíam a liberdade. O provável é que depois do repúdio, a mulher recebesse apenas o usufruto do marido, mas também uma parte do *mohar* que veio com ela, por meio de seus pais (Jz 15,19; Jz 1,15). (MARINGOLI, 2014 p.98).

A estima dos parentes pela mulher sempre era maior quando a mesma gerava filhos o que gerava herdeiros para a posteridade (Gn 16,4; 29,31; 30,24); se fosse menino, o respeito de seu marido aumentava, pois o menino tinha o direito da herança da terra e de preservar a família pela progenitora. A lei condenava tanto o homem como a mulher, pela falta de filhos (Ex 21,17; Lv 20, 9; Dt 21, 18-21) e o decálogo insiste no respeito aos pais (Ex 20,12), essa orientação é repassada nos escritos dos livros sapienciais, como os de Provérbio. No código de Hamurabi (1700 a.C.), marido não poderia tomar uma segunda mulher a não ser em caso de esterilidade da primeira.

A mulher estéril era quem arrumava uma concubina escrava para o seu marido. A esposa titular era única e só ela possuía o direito de esposa. Segundo Ana M. Tepedino, as mulheres fazem com que as histórias aconteçam tanto no presente quanto no passado ou em qualquer lugar que estejam. No Oriente, em geral, segundo a autora, havia uma mentalidade bastante preconceituosa em relação à mulher, e em muitos textos bíblicos, muitas vezes, nem o nome do personagem feminino é citado. (MARINGOLI, 2014, p.98).

Em outras situações, como no caso da mulher samaritana o nome da pessoa não é mencionado explicitamente, por se encontrar inserido no coletivo, iguais aos das citações: “povo”, “multidão”, “discípulos” e outros. Ivoni Richter Reimer [...] comenta em uma de suas palestras que existem maneiras de se fazer a história se calar e uma delas é mencionar alguém rapidamente e se centrar então em pessoas e acontecimentos aparentemente mais importantes. (REIMER, 2008)<sup>1</sup>. Para encobrir a história verdadeira será através da interpretação da história tradicional.

A história interpretativa de um texto pode silenciar ou deixar de perguntar por algum elemento pertencente a ela. Nesse sentido, essa herança acaba legitimando na história o poderio do homem sobre a mulher. A teologia feminista tem uma leitura

1 Reimer Ivoni Richter, Tema: Jesus e a tradição das transgressoras, II Congresso Internacional de Estudos Bíblicos, PUC, São Paulo, 2008.

própria de natureza alternativa que se constitui como uma intervenção política, religiosa, mas que vivenciada muito mais nos meios acadêmicos que nas próprias ruas. É uma teologia que dialoga e provoca um enfrentamento de luta nos valores e verdade, com os seus discursos opostos a essa opressão *kyriarcal*. (MARINGOLI, 2014, p.97).

Fiorenza comenta que as pesquisas hermenêuticas bíblicas no viés feminino ainda são interpretativas do que linguísticas, havendo a necessidade de se fazer uma pesquisa histórico-exegéticas das narrativas. (FIORENZA, 1992).

Sob o ponto de vista social, jurídico e político, a mulher em Israel e na circunvizinhança possuía menos privilégios que as mulheres dos grandes países vizinhos. Poucas foram as mulheres que se destacaram e que tiveram uma identidade algumas as conhecemos pelo seu nome Miriam, as parteiras do Êxodo, Débora, Rute e a Sulamita são alguns dos poucos exemplos de prestígio e identificação feminina.

No Egito, a mulher comumente aparece com os mesmos direitos de um chefe de família. Na Babilônia, quando no cativeiro a mulher judia passou a adquirir posses, agir judicialmente e ter partes na herança de seu marido. Na colônia de Elefantina, sob a influência estrangeira, a mulher judia adquiriu direitos de representar o seu *bet 'ab* na assembleia. Na Babilônia ela podia adquirir posses, agir judicialmente e ter partes na herança de seu marido. E, ao mesmo tempo, essas mesmas mulheres constituíam, por vezes, uma ameaça, quer em uma apostasia externa, quer na liderança interna, como é o exemplo da mulher cuxita, esposa de Moisés, que suscitou a ira dos irmãos de Moisés, Mirian e Arão por ser uma estrangeira e idólatra. Estes consideravam o casamento de Moisés com uma cuxita uma ligação sexual fora da vontade de Deus (Nm 12,1-5). Um israelita ligado a uma estrangeira era severamente condenado às maldições com pragas e doenças. Entretanto, Mirian, quando contestou a liderança e autoridade de Moisés, foi desvestida das suas funções de liderança e punida com uma doença. Mesmo assim, o campo da história das mulheres e das relações de gênero mantém-se como “um campo” na história.

No Oriente Próximo não era comum, que uma mulher andasse sozinha por uma questão de precaução dos muitos casos de abusos sexuais e estupro como os citados no livro de Juízes no Antigo Testamento, as mulheres quando se dirigiam para realizar qualquer tarefa doméstica como os exemplos da mulher samaritana, que era retirar água do poço, caminhavam em pequenos grupos ao irem buscar água. (Gn 29.10). É intrigante pensar uma mulher sob o sol escaldante ir ao poço para buscar água sozinha.

Pedir água a essa mulher seria um flerte? Com certeza não naquelas paragens. Isaque e Jacó ficaram conhecendo suas mulheres junto a poços (Gn 29.10), mas através do servo de Abraão, o Eleazar. A noção importante (Jo 4,10) desse versículo é o significado de “o dom de Deus” para alguns biblistas esse “dom” é a “água viva” que Jesus oferecia à mulher, a água espiritual que lhe daria a vida eterna (Jo 4,14). Havia um confronto racial entre eles e foi desta maneira que a mulher avaliou esse encontro com Jesus. Para as leis judaicas Jesus, judeu, não poderia tocar a comida e até mesmo a vasilha que ela carregava que eram consideradas impuras. Foi com essa mulher impura e estigmatizada que Jesus abriu um diálogo. Acaso tu és maior do que nosso Pai Jacó que nos deu o poço, do qual ele mesmo bebeu e, bem assim, seus filhos e seu gado.? Que audácia da mulher ao comparar Jesus com Jacó ela entende que Jacó iniciara naquele local um povo fundante e Jesus queria uma só nação e uma só raça.

### 3 VIDA E A CONVERSÃO DA SAMARITANA

Não tenho marido, Jesus se admira da resposta da mulher, frase que demonstra vergonha e Ele não a quis envergonhar, mas precisa mostrar a gravidade do assunto a ser revelado. Vai buscar teu marido- Eu não tenho marido! A experiência da coragem de ser apesar da angústia de não ser! Dissestes a verdade, esse que tem não é seu. Esse é o que te oprime. Parece-nos que na frase esse não é seu marido está embutido o conselho de Jesus que quer dizer que esse marido não é bom para você, porque ele não lhe cuida, não zela por sua vida humana nas suas necessidades, não é seu cúmplice e nem lhe protege. Jesus introduz a mulher, um sujeito isolado e discriminado, demonstrando a presença desses novos sujeitos, no cristianismo e sugerindo a inserção de novos conceitos bem como de novas abordagens para esse novo modelo religioso.

A mulher estava em crise, cinco maridos - senhores (baal), com os quais ela foi casada, no grego a palavra está como “marido” e não amante, ela não foi uma concubina, mas “esposa” desses cinco maridos com quais ela fez uma aliança de casamento e que a tripudiaram por muito (o) tempo, talvez por setecentos anos e o atual não era seu governo, não era responsável por cuidar e tratar dela, não era o esposo, mas era o poder militar dos romanos.

Quem são os cinco maridos? Como foi dito, a situação dos direitos legais da mulher israelita era então diferente de uma mulher que fosse uma escrava. Um homem poderia vender sua escrava ou até sua filha legítima (Ex 21,7), mas não poderia vender a sua esposa, ou nem mesmo aquela esposa que houvesse sido cativa de guerra (Dt 21,14). O marido podia repudiar sua esposa, mas o documento e repúdio a protegiam e lhe restituíam a liberdade. O provável é que depois do repúdio, a mulher recebesse apenas o usufruto do marido, mas também uma parte do *mohar* que veio com ela, por meio de seus pais (Jz 15,19; Jz 1,15). Paralelamente, o exército assírio invadia e conquistava cruelmente as nações circunvizinhas espoliando-as e dominando-as à escravidão.

A ação militar da Assíria e o cerco de Samaria dura por três anos e meio sob o reinado do rei Salmaneser, que sujeitou até a queda do reino do Norte no ano nono do reinado de Oseias rei de Israel. O rei da Assíria após ter implantado a sedimentação das muitas raças e religiões em Samaria mandou buscar gente da Babilônia, (primeiro marido) Cuta (segundo marido) Ava (terceiro marido) Hamate (quarto marido) e Sefar (quinto marido) e fez com que se estabelecessem nas cidades de Samaria, em lugar dos Israelitas, e eles tomaram posse de Samaria e habitaram em suas cidades (2Rs 17,24). Uma centralidade matrimonial aparece. Babilônia, (primeiro marido) Cuta (segundo marido) Ava (terceiro marido) Hamate (quarto marido) e Sefar, são os cinco maridos da Samaria que parece ainda estar de insatisfeita com suas relações conjugais, Samaria quer a oportunidade de saciar a sede. Poucos deuses não bastam e então, “cada nação fabricou para si os seus próprios deuses e os colocou nos templos dos lugares altos, que os samaritanos haviam feito; assim fez cada povo nas cidades em que habitou” (2Rs 17,29-32). Desde 722 a.C. aos romanos e até conhecer Jesus, Samaria foi dominada por uma falsa religiosidade o que a fez permanecer isolada da religião judaica. Samaria abandonara o Deus de Israel e por ter sido dominada por forças invasoras territoriais havia corrido atrás de outros deuses. Depois mandou o rei de Assíria buscar um sacerdote dos que haviam sido exilados para ensinar como esses estrangeiros deveriam adorar o Deus da terra.

#### 4 QUEM SÃO OS CINCO MARIDOS

O Método Histórico-Crítico é um método de estudo exegético para a interpretação dos textos bíblicos que pretendia ser isento de pressupostos. A ciência moderna usa o método como ferramenta para análise literária visando se aproximar do texto original. Dessa forma, este método retirou da Bíblia o status de texto sagrado, tornando-o uma coleção com o testemunho do povo antigo de Israel e dos cristãos do primeiro século, sujeito a críticas como qualquer outro texto<sup>2</sup>.

Essas ciências têm como tarefa auxiliar o entendimento do texto respeitando sua cultura. Uwe Wegner define que a exegese possui três funções: a primeira é aclarar as situações descritas nos textos, ou seja, redescobrir o passado bíblico de tal forma que o que foi narrado nos textos se torne transparente e compreensível para nós que vivemos em outra época e em circunstâncias diferentes; a segunda é permitir que pudesse ser ouvida a intenção que o texto teve em sua origem; e a terceira função da exegese é verificar em que sentido opções éticas e doutrinárias. (WEGNER, 2009).

Os cinco maridos não são homens humanos, mas são os povos das terras distantes, são as cinco nações que invadiram a nação de Israel. Nações que por doze séculos roubaram, abusaram sexualmente das mulheres, mataram a espada homens crianças e mulheres. O texto de 2Rs 17,24, ilumina a questão. Povos que invadiram a Samaria e a sitiaram tomando-a à força e alterando-a em seus valores. Babilônia, (primeiro marido) Cuta (segundo marido) Ava (terceiro marido) Hamate (quarto marido) e Sefar (quinto marido). O redator do texto não poderia expressar de maneira melhor para simbolizar o abuso que Samaria sofreu fazendo-a passar por uma mulher.

Cada nação edificou para si colocando os seus deuses nos montes que os samaritanos tinham como sagrado. Assim procedeu cada povo adorando segundo a sua cultura. Foi assim formado o sincretismo religioso em Samaria, até os tempos de Jesus. Eles temiam a Yahweh, mas nomeavam qualquer religioso que se prontificasse a servir como sacerdotes nos altares idólatras” (2Rs 17,28-32). Como ensinar sobre a unidade do amor de Deus? Então, Jesus retoma o diálogo e explicando à mulher que “Mulher, podes crer-me, está próxima a hora quando nem neste monte, nem em Jerusalém adorareis o Pai”. Durante a conversa a mulher demonstra certa dúvida ao afirmar: “Nossos pais adoravam sobre este monte, mas vós, judeus, dizeis que Jerusalém é o lugar onde se deve adorar”. E Jesus lhe responde: “Vós adorais o que não conheceis; nós adoramos o que conhecemos, porque a salvação vem dos judeus. Mas a hora está chegando, e de fato já chegou, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai, em espírito e em verdade; pois são esses que o Pai procura para seus adoradores. Deus é espírito, e é necessário que os seus adoradores o adorem em espírito e em verdade”. A prioridade de Jesus é restaurar o Reino de Deus na Terra. Instituir o Reino de Deus é uma ação humana, e feita de forma individual de um em um, nada massificado ou em produção de série. A implantação do Reino de Deus por sua voz e participação vem acompanhada por um ensino que tem como propósito produzir a cura física, mental e espiritual e uma didática com uma metodologia. No Antigo Testamento (Is 44,3; Ez 36,25), temos passagens que nos citam o Espírito de Deus sendo derramado como água para ungir o povo na implantação do Reino de Deus capacitando o povo a falar em seu nome.

2 Fee Stuart (1984, p.245) in Lopes (2004, p.189).

## CONSIDERAÇÕES GERAIS

No desafio de um estudo sobre a narrativa da mulher samaritana o artigo optou por pesquisas realizadas por biblistas feministas porque para esse grupo de pesquisadoras é fundamental interpretar a Bíblia a partir de uma visão que respeite as relações de gênero dentro do que ele representa na história e no tempo, e para isso o auxílio da exegese e o método histórico-crítico são imprescindíveis.

Os samaritanos eram um povo de religião heterodoxa que desprezada pelos judeus acolhem os ensinamentos de Jesus destituindo todo outro tipo: templo, sincretismo religioso, culto, simbolismos e substituindo a relação com o Espírito. É sobre isso que Jesus conversa com os discípulos, sobre a comida, a colheita abundante e sobre a fé dos rejeitados e excluídos samaritanos.

Nas narrativas bíblicas é comum encontrar um perfil androcêntrico. Por outro lado, as interpretações hermenêuticas dos primeiros pais da igreja dessas narrativas viam a figura feminina de maneira estereotipada, evidenciando estruturas que relegavam as mulheres a uma posição de segundo plano como aquela que engana, como “Eva” no livro de Gênesis (Gn 3,1-7) adultera a palavra sendo ela a pecadora, ou como as filhas de Ló que embriagam o pai no intuito de procriarem (Gn 19,30-35) ou o exemplo de Maria Madalena (Lc 8,1-2) muitos outros exemplos poderiam ser citados. Androcentrismo que apresentavam as mulheres por meio de narrativas que as concebiam como invisíveis, insignificantes e marginalizadas. Entretanto, em Jesus as mulheres silenciadas ganharam vozes e deixaram suas mensagens de maneira por vezes metaforizadas como no caso da mulher samaritana. Narrativa que discute o poder majoritário de forças invasoras sobre uma nação fraca.

Profundamente ligado à história social e cultural de cujas perspectivas tem se apropriado e ao mesmo tempo para cujas discussões teórico-metodológicas tem grandemente contribuído, conforme admitem historiadores e cientistas sociais. Talvez porque a violência contra a mulher seja sustentada por estruturas multiplicadoras de controle opressoras e desumanas.

A implicação nessa associação de gênero à herança das culturas judaico-cristã europeias, na leitura dos textos, cultura que centralizam na sociedade o antropocêntrico e a visão dicotômica e biológica de homens e mulheres como seres socialmente diferentes no poder de decisão. Nesse sentido, a mulher samaritana cuja voz soa através da história e dos séculos como um grito que ecoa “eu sou livre” carrega na sua bagagem a força libertadora do cristianismo de Jesus, que relembra que o Deus encarnado acolheu o fraco incluindo-o como igual, conversou e dialogou com “ela” ouvindo-a e instruindo-a não o com os homens, mas com ela. Durante muito tempo as mulheres não foram consideradas sujeitos da história e, portanto, estiveram excluídas das narrativas dos historiadores ou quando usadas por essa era de uma forma pejorativa e segregativa. Livro do profeta Oseias é um desses exemplos. Felizmente o panorama da historiografia por Jesus parece ter mudado. Jesus, igual aos redatores do Antigo Testamento metaforiza simbolicamente com a mulher, mas diferentemente desses ele restaura a dignidade simbólica do gênero. Para alguns estudiosos trata-se de uma metáfora. Jesus queria tratar de um assunto político religioso que se arrastava por sete séculos de história dos samaritanos e essa miscigenação racial separava os judeus dos samaritanos de uma maneira segregativa. Jesus queria resolver essa peleja e diplomaticamente ele toma uma mulher como exemplo e a usa como um símbolo para o seu ensino.

A mulher não representa o gênero feminino, mas sim a nação de Samaria. Jesus não estava falando do ser humano de gênero feminino, mas está explicando sobre o

comportamento das muitas alianças erradas feitas pelo povo de Samaria. Jesus o único que poderia restaurar Samaria realiza esse feito para que mais tarde ao dizer: Indo, por todo o mundo ensinando os a guardar tudo o que vos tenho dito a começar por Jerusalém, Judéia Samaria e confins da Terra. Se Samaria não houvesse sido restaurada por Jesus o seu método restaurativo e inclusivo de conviver com o diferente nunca teria chegado até nós.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, Gilvan Leite de. Jesus e a Samaritana. *Revista de Cultura Teológica*, n.87, p.231-249, 2016. Acesso em 15 de julho de 2023.
- BORTOLINI, José. *Como ler o Evangelho de João: o caminho da vida*. Paulus: São Paulo, 1990.
- BRENNER, Athalya. *Gênesis a partir de uma leitura de gênero*. Trad. Fátima Regina Durães Marques. São Paulo: Paulinas, 2000.
- CAPOSSA, Romão Felisberto Joaquim. *A mulher na comunidade do Discípulo Amado e sua dinâmica*. 2006.162f. Dissertação (Mestrado). Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Teologia - Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2006.
- FIORENZA, Schüssler Elizabeth. *As origens cristãs a partir da mulher: uma nova hermenêutica*. Paulinas: São Paulo, 1992
- KONINGS, Johan. *Evangelho Segundo João: amor e fidelidade*. Petrópolis: Vozes, São Leopoldo: Sinodal, 2000.
- MARINGOLI Ângela. *Rute Sofrimento do Tempo Presente*. Ed. Fonte Editorial. São Paulo, 2014.
- MEYERS, Carol L; TRIBLE, Phyllis. A mulher na Bíblia. *Estudos Bíblicos*, vol. 20. Petrópolis. Vozes, 1988.
- SCHWANTES, Milton. *História de Israel – Local e origem*. São Leopoldo, Faculdade de Teologia da Igreja Evangélica de Confissão Luterana, 1984, (série exegese 7).
- SILVA, Airton José da. *Leitura sociológica da Bíblia*. Estudos Bíblicos. Petrópolis/ São Leopoldo, Vozes/Sinodal, 1991.
- TEPEDINO Ana Maria. *As discípulas de Jesus*. Petrópolis: Vozes, 1990.
- WEGNER, Uwe. *Exegese do Novo Testamento: manual de metodologia*. São Leopoldo: Sinodal, 2009.

\* Professora no Instituto de Teologia e Pastoral (Itepa) na área da Mariologia. Doutoranda em teologia na PUCRS (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul). Possui Mestrado em Teologia Sistemática pela PUCRS e graduação em Pedagogia pela Universidade Paulista (2005) Religiosa da Congregação das Irmãs de Notre Dame. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação Musical, Ensino Religioso e Orientação Vocacional, com aprofundamento principalmente nos seguintes temas: Vida Religiosa Consagrada, Pluralismo Religioso, Santidade, Mulher, Juventudes e Cristianismo.

Email: marialuisa@notredame.org.br

 <https://orcid.org/0000-0003-1629-6814>

\*\* Bacharel em Direito pela Universidade Cândido Mendes (RJ). Bacharelanda em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Mestranda em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Membro do Grupo de Pesquisa de Análise Retórica Bíblica Semítica, constante no Diretório do CNPq e da Rede de Teólogas Brasileiras (RBT).

Email: marcelamvtorres@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-1922-3613>

Recebido em 26/07/2023

Aprovado em 10/10/2023



## “VI O SENHOR!”

A dimensão feminina do relato da primeira aparição de Jesus ressuscitado no Quarto Evangelho e um Papa que acolhe o testemunho das mulheres

## “I SAW THE LORD!”

The feminine dimension of the account of the first apparition of the risen Jesus in the Fourth Gospel and a Pope who welcomes women's testimony

*Luísa de Lucas\**

*Marcela Machado Vianna Torres\*\**

**Resumo:** Este artigo estuda o texto de Jo 20,1-2.11-18 motivado pelos atuais debates sobre o protagonismo feminino na Igreja e na sociedade. É pertinente repensar o papel das mulheres nestas esferas a partir dos relatos evangélicos, em especial, Maria Madalena reconhecida pela Tradição como “Apóstola dos Apóstolos”. À luz da autoridade que Jesus confere a ela, em 2016, ano da Misericórdia, o Papa Francisco elevou a celebração de Santa Maria Madalena, no dia 22 de julho, ao nível de festa no Missal Romano. Este constitui um gesto simbólico que ilustra o debate sobre a importância fundamental da mulher na vida sócio eclesial.

**Palavras-chave:** Maria Madalena. Quarto Evangelho. Papa Francisco. Protagonismo feminino na Igreja.

**Abstract:** This article studies the text of Jo 20,1-2.11-18 motivated by the current debates about the feminine frontline role in the Catholic Church and in society. It is pertinent to rethink the women's role in both these spheres from the Gospel's accounts, particularly, the one of Mary Magdalene, recognized by Tradition as “Apostle of the Apostles”. In the light of the authority that Jesus confers on her, Pope Francis raised, on July 22nd, 2016 – the Year of Mercy, the celebration of Saint Mary Magdalene to the level of a feast in the Roman Missal. This symbolic gesture illustrates the debate on the fundamental importance of women in socio-ecclesial life.

**Keywords:** Mary Magdalene. Fourth Gospel. Pope Francis. Female leadership in the Church.

## INTRODUÇÃO

O presente artigo foi realizado com base em pesquisa bibliográfica. Este se inicia com a tradução do texto grego de Jo 20,1-2.11-18 para o português, cuja temática verte sobre Maria Madalena e sua visita ao sepulcro e depois seu encontro com o Ressuscitado.

O Quarto Evangelho segue uma tradição independente dos sinóticos. Maria Madalena aparece em todos os relatos pascaís, porém no Quarto Evangelho, ela está em relevo. Ela é apresentada por João no final de seu Evangelho, em momentos decisivos da missão de Jesus: na cruz (Jo 19,25-27) e na ressurreição (Jo 20,1-2.11-18).

Em seguida, comenta-se o contexto anterior próximo, formado de duas narrativas, e o contexto posterior próximo. O primeiro contexto anterior próximo, Jo 19,38-42, prepara o relato da aparição de Jesus por meio do tema do cuidado com o corpo, no qual, se desenvolvem a narrativa sobre a retirada do corpo de Jesus da cruz e a preparação do mesmo para o sepultamento. O segundo contexto anterior próximo, Jo 20,3-10, relata a ida de Pedro e do discípulo amado ao sepulcro após receberem a notícia por parte de Maria Madalena sobre o desaparecimento do corpo de Jesus. O contexto posterior próximo é a narrativa da aparição do Ressuscitado à comunidade dos discípulos, sem a presença de Tomé (Jo 20,19-23), ocorrido na tarde do primeiro dia da semana.

Em seguida, analisa-se os sentimentos e atitudes de Maria Madalena no relato de Jo 20,1-2.11-18 e a temática do corpo de Jesus. Posteriormente, estuda-se a intertextualidade *ad intra* e na sequência, a intertextualidade *ad extra* ao texto de Jo 20,1-2.11-18.

Depois de abordar literariamente Maria Madalena e os aspectos narrativos do texto, parte-se para um breve apanhado sobre o desenvolvimento do tema do protagonismo feminino no Pontificado do Papa Francisco, que completou 10 anos em fevereiro de 2023. A conclusão do artigo versa sobre a maneira pela qual Maria Madalena interpela e influencia as mulheres junto à Igreja do século XXI.

### Tradução e segmentação

Τῇ δὲ μιᾷ τῶν σαββάτων Μαρία ἡ Μαγδαληνὴ ἔρχεται πρῶτῃ σκοτίας ἔτι οὕσης εἰς τὸ μνημεῖον	1a	No primeiro dia da semana, Maria Madalena vai ao sepulcro cedo, ainda (estando) escuro
καὶ βλέπει τὸν λίθον ἡρμένον ἐκ τοῦ μνημείου	1b	E vê a pedra removida do sepulcro.
τρέχει	2a	Então corre
οὕτως καὶ ἔρχεται πρὸς Σίμωνα Πέτρον καὶ πρὸς τὸν ἄλλον μαθητὴν	2b	E vai até Pedro e até o outro discípulo que Jesus amava
ὃν ἐφίλει ὁ Ἰησοῦς καὶ λέγει αὐτοῖς·	2c	E diz a eles:
ἦραν τὸν κύριον ἐκ τοῦ μνημείου	2d	Removeram o Senhor do sepulcro
καὶ οὐκ οἶδαμεν <sup>1</sup>	2e	E não sabemos
ποῦ ἔθηκαν αὐτόν.	2f	onde o puseram

<sup>1</sup> O autor coloca a primeira pessoa do plural nos lábios de Maria Madalena "não sabemos". Anteriormente ele descreve que ela foi sozinha ao sepulcro no v.1a.

Μαρία δὲ εἰστήκει πρὸς τῷ μνημείῳ ἔξω	11a	Mas Maria estava de pé diante do sepulcro, fora,
Κλαίουσα.	11b	chorando
ὡς οὖν ἔκλαιεν	11c	Enquanto, pois, chorava
παρέκυσεν εἰς τὸ μνημεῖον	11d	Inclinou-se para olhar o sepulcro
καὶ θεωρεῖ δύο ἀγγέλους ἐν λευκοῖς	12a	E vê dois anjos de branco,
καθεζομένους, ἓνα πρὸς τῇ κεφαλῇ καὶ ἓνα πρὸς τοῖς ποσίν	12b	sentados, um na cabeceira e o outro aos pés,
ὅπου ἔκειτο τὸ σῶμα τοῦ Ἰησοῦ.	12c	Onde jazia o corpo de Jesus.
καὶ λέγουσιν αὐτῇ ἐκεῖνοι:	13a	E dizem-lhe estes:
γύναι, τί κλαίεις	13b	Mulher, por que choras?
λέγει αὐτοῖς	13c	Diz-lhes
ὅτι ἤρασαν τὸν κύριόν μου,	13d	Porque levaram o meu Senhor,
καὶ οὐκ οἶδα	13e	E não sei
ποῦ ἔθηκαν αὐτόν.	13f	onde o puseram.
Ταῦτα εἰποῦσα	14a	Dito isto,
ἐστράφη εἰς τὰ ὀπίσω	14b	virou-se para trás
καὶ θεωρεῖ τὸν Ἰησοῦν	14c	E vê Jesus
ἐστῶτα	14d	Que estava <sup>2</sup> de pé
καὶ οὐκ ᾔδει	14e	Mas não sabia
ὅτι Ἰησοῦς ἐστίν.	14f	que era Jesus.
λέγει αὐτῇ Ἰησοῦς	15a	Diz-lhe Jesus:
γύναι, τί κλαίεις	15b	Mulher, por que choras?
τίνα ζητεῖς;	15c	A quem buscas?
ἐκεῖνη δοκοῦσα	15d	Ela pensando
ὅτι ὁ κηπουρός ἐστίν	15e	que era o jardineiro
λέγει αὐτῷ	15f	Diz-lhe
κύριε, εἰ σὺ ἐβάστασας <sup>3</sup> αὐτόν,	15g	Senhor, se tu o levaste.
εἰπέ μοι	15h	Diga-me

2 O verbo se encontra no particípio perfeito, a tradução na língua de chegada "estava de pé" mantém a ideia de algo que aconteceu e continua acontecendo.

3 (LN 15.201) βαστάζω: Mesmo campo semântico e tradução para "levar", porém trata-se de remover algo relativamente pesado.

ποῦ ἔθηκας αὐτόν	15i	onde o puseste
κἀγὼ αὐτὸν ἄρῶ.	15j	E eu o levarei.
λέγει αὐτῇ Ἰησοῦς Μαριάμ.	16a	E diz-lhe Jesus: Maria!
στραφεῖσα	16b	Virando-se
ἐκεῖνη λέγει αὐτῷ Ἑβραϊστί ραββουνι,	16c	Esta disse-lhe em hebraico: Raboni!
ὃ λέγεται διδάσκαλε.	16d	Que quer dizer: Mestre.
λέγει αὐτῇ Ἰησοῦς	17a	Diz-lhe Jesus:
μή μου ἄπτου,	17b	Não me retenhas,
οὐπω γὰρ ἀναβέβηκα πρὸς τὸν πατέρα	17c	porque ainda não subi ao Pai
πορεύου δὲ πρὸς τοὺς ἀδελφούς <sup>4</sup> μου	17d	Mas vai aos meus irmãos
καὶ εἶπέ αὐτοῖς	17e	E dize-lhes
ἀναβαίνω πρὸς τὸν πατέρα μου καὶ πατέρα ὑμῶν καὶ θεὸν μου καὶ θεὸν ὑμῶν.	17f	Subo ao meu Pai e vosso Pai e meu Deus e vosso Deus.
Ἔρχεται Μαριάμ ἡ Μαγδαληνῆ	18a	Foi Maria Madalena
ἠγγέλλουσα τοῖς μαθηταῖς <sup>5</sup>	18b	anunciando aos discípulos
ὅτι ἠέώρακα τὸν κύριον,	18c	que "Vi o Senhor"
καὶ ἅταῦτα εἶπεν αὐτῇ. <sup>x</sup>	18d	E estas coisas [que Jesus] lhe disse (a ela).

## 1 MARIA MADALENA NO QUARTO EVANGELHO

Maria Madalena é uma personagem bíblica e histórica, frequentemente confundida com outras personagens, especialmente as outras Marias, nos Evangelhos. Maria de Betânia e Maria Madalena foram confundidas e associadas à mulher que ungiu Jesus. Maria de Betânia é mencionada em João 12,1-8, por isso ela foi associada à mulher que ungiu Jesus nos Evangelhos, cujo nome não é mencionado. Maria de Magdala e Maria de Betânia foram interpretadas por muitos como a mesma pessoa, apesar destes marcadores geográficos distintos em seus nomes.

O Papa Gregório Magno proclamou em um sermão no ano de 591 d.C.: "Aquele que Lucas chama de mulher pecadora, a quem João chama de Maria [de Betânia], acreditamos ser Maria, da qual Marcos diz que foram expulsos sete demônios". O Papa condensou três personagens distintas, cujos nomes eram Maria e daí surgiu a confusão sobre a figura de Maria Madalena. Esta exegese desatenta do Papa Gregório praticamente se tornou doutrina

4 Irmãos está relacionado aos crentes, os discípulos (μαθηταῖς) presente no v. 18b.

5 O nome "Μαριάμ/ *Mariam*" aparece 10 vezes no Evangelho de João a partir do capítulo 11 até o capítulo 20. O nome "Μαριάμ ἡ Μαγδαληνῆ/ *Mariam de Mágdala*" aparece somente em 20,18. O nome "Μαρία/ *Maria*" aparece 4 vezes no quarto Evangelho, sendo que duas ocorrências grafado como "Μαρία ἡ Μαγδαληνῆ/ *Maria de Mágdala*" (Jo 19,25; 20,1). As outras duas ocorrências são localizadas Jo 19,25, Μαρία ἡ τοῦ Κλωπᾶ/ *Maria de Cleófas*". Em 20,11 o nome aparece grafado como "Μαρία/ *Maria*" referindo-se à Maria Madalena.

e por consequência, Maria Madalena foi confundida com a pecadora que ungiu os pés de Jesus narrada em Lc 7,36-50 e referida implicitamente como Maria de Betânia, irmã de Lázaro e Marta (Jo 12,1-3) (CLARK-SOLES, 2013, p.626). Ao longo dos séculos, várias interpretações surgiram a respeito de sua identidade e história. Ela é reconhecida como uma discípula de Jesus e testemunha de eventos cruciais em sua vida, morte e ressurreição.

A primeira menção à Maria Madalena no Quarto Evangelho ocorre no final do mesmo, quando ela e as mulheres encontram-se de pé, próximas à cruz. Ela está junto com Maria, a mãe de Jesus, Maria de Cléofas, irmã de sua mãe, e o discípulo amado (19,25) (PÉREZ-MILLOS, 2016, p.1706)<sup>6</sup>.

Depois ela é citada em Jo 20,1.2.11-18. No v.1, ela vai sozinha ao sepulcro no primeiro dia da semana, de madrugada. Ao chegar no local, depara-se com a pedra do sepulcro rolada. No v.2 sai em disparada para comunicar este fato a Pedro e ao discípulo amado.

No v.11, ela é novamente citada, como protagonista da narrativa da aparição do Ressuscitado. Não há explicação de onde e nem por que voltou ao sepulcro, mas ela é posicionada no mesmo local do v.1. A última menção à Maria Madalena no Evangelho de João se dá no v.18, em que ela é comissionada por Jesus para ir ao encontro dos discípulos.

No Evangelho de João, Maria Madalena foi testemunha ocular da paixão, morte e ressurreição de Jesus. Enquanto nos Evangelhos, a experiência com o Ressuscitado é vivida primeiramente pelas mulheres e o anúncio da Boa Nova foi confiado primeiro a elas (Mt 28,7-8.10; Mc 16,10; Lc 24, 9-10; Jo 20,18), no Quarto Evangelho ela está em relevo, é a primeira testemunha do Ressuscitado, a escolhida por Jesus para anunciar aos discípulos sobre a sua ressurreição. Deste modo, percebe-se que João tende a personalizar os encontros de Jesus com seus interlocutores: Nicodemos (Jo 3,1-36); Samaritana (Jo 4,1-42); Mulher adúltera (Jo 7,53-8,11); Maria Madalena (Jo 20,1.2.11-18) e, também destaca vários personagens femininos (Maria, a Samaritana (Jo 4,1-27); as irmãs de Lázaro Marta (Jo 11,1.5.19.20.21.24.30.39; Lc 12.2) e Maria [de Betânia] (Jo 11,2.19.20.28.31.32.45; 12.3); a mulher adúltera (Jo 7,53-8,11); Maria Madalena e as mulheres aos pés da cruz (Jo 19,25).

## 1.1 Contexto anterior próximo

O contexto anterior próximo é formado de duas narrativas distintas e interligadas pelo tema do corpo. A primeira (19,38-42) relata que José de Arimateia pediu autorização a Pilatos para retirar o corpo de Jesus da cruz. O corpo de Jesus foi envolvido em faixas de linho e embalsamado com perfumes trazidos por Nicodemos (19,41). Ele e José de Arimateia prepararam o corpo conforme o costume judaico (19,40). Jesus havia sido crucificado e sepultado num jardim, num túmulo novo (19,41). Era dia de preparação dos judeus para o grande sábado, isto é, o *shabbat* solene porque coincidia com a Páscoa judaica (19,31). Os personagens desta narrativa são: o narrador, Pilatos, José de Arimateia, Nicodemos e o corpo de Jesus. O local é o jardim e o tema é o sepultamento do corpo conforme o costume dos judeus.

O segundo contexto anterior próximo narra a ida de Pedro e do discípulo amado ao sepulcro após receberem a notícia por parte de Maria Madalena sobre o desaparecimento do corpo de Jesus (20,3-10). Eles vão correndo para o local do sepultamento, sendo que o amado chega antes de Pedro. Ele o espera do lado de fora, inclina-se para olhar dentro do sepulcro e vê as faixas de linho no chão, mas não entra. Pedro então entra no sepulcro e

<sup>6</sup> Samuel PEREZ-MILLOS questiona se há três ou quatro mulheres aos pés da cruz. São citadas sua mãe, a irmã de sua mãe, as outras duas são Maria, a esposa de Cleofas, e Maria Madalena. Porém alguns autores entendem que são apenas três, desta forma, a irmã de sua mãe tinha que ser Maria, a esposa de Cleofas (19,25). Perez-Millos argumenta que seria difícil duas irmãs possuírem o mesmo nome.

observa as faixas de linho no chão e o pano que tinha coberto a cabeça de Jesus enrolado num lugar à parte. O outro discípulo, o amado, entrou, viu e creu. Eles voltam para casa. Esta narrativa se desenvolve a partir da iniciativa de Maria Madalena. Os personagens do contexto imediatamente próximo dos vv.1-2 são o narrador, Pedro e o discípulo amado. O local é o sepulcro e o tema é a procura do corpo de Jesus, a visão dos panos e a crença do discípulo amado.

## 1.2 Contexto posterior próximo

O contexto posterior próximo é a narrativa da aparição do Ressuscitado sem a presença de Tomé (Jo 20,19-23). Na tarde daquele dia, o primeiro dia da semana, os discípulos encontravam-se fechados num lugar com medo dos judeus e Jesus coloca-se no meio deles, oferecendo a paz como dom, mostra as mãos e o lado para os discípulos que se alegraram em vê-lo. Jesus dá a paz mais uma vez, envia os discípulos e sopra sobre eles o Espírito Santo, dando-lhes o poder de perdoar os pecados, bem como o de retê-los.

No sentido narrativo, parece que a notícia de Maria Madalena (v.18c) não teve repercussão entre os discípulos que continuavam com medo no v.19. Nota-se, portanto, que não há continuidade entre o testemunho de Maria Madalena e o sentimento dos discípulos no v.19. Entretanto, o tema da aparição do Ressuscitado é continuado.

## 2 MARIA MADALENA: SEUS SENTIMENTOS E ATITUDES NO RELATO DA PRIMEIRA APARIÇÃO DE JESUS RESSUSCITADO

No v.1, Maria Madalena vai sozinha ao sepulcro no primeiro dia da semana, de madrugada. Ela teve a iniciativa de ir para onde Jesus havia sido sepultado. O texto não diz o motivo da ida ao sepulcro, mas pode-se imaginar que tenha ido visitar seu amado, chorar sua morte ou mesmo estar perto do seu corpo, mesmo que do lado de fora (v.1). É difícil se separar de quem se ama. Ao chegar no local, depara-se com a pedra do sepulcro rolada e sai em disparada para comunicar este fato a Pedro e ao discípulo amado: "Levaram o Senhor do sepulcro, e não sabemos onde o puseram" (v.2). Maria usa a primeira pessoa do plural, entretanto, ela é apresentada sozinha nos vv.1-2. Os discípulos acreditam nela, pois correm para o sepulcro. Ela torna a aparecer no texto no v.11 sem explicação de onde ela voltou, mas é posicionada no mesmo local do v.1: "ἔξω/fora" do sepulcro. O narrador não diz porque ela se encontra ali após a visita dos dois discípulos<sup>7</sup>. A mesma raiz verbal é utilizada no v.11 "εἰστήκει/estivera" de pé da mesma forma que esteve com as outras mulheres na cruz em Jo 19,25 "εἰστήκεισαν/estiveram"<sup>8</sup>.

A narrativa joanina neste ponto integra história e teologia em um relato no qual a ação divina é apresentada aos leitores/ouvintes do relato, no entanto, não é claro se esta mesma percepção é tida pelos personagens. Ela chora, abaixa-se para olhar dentro do sepulcro e vê dois anjos de branco ladeando o local onde o corpo de Jesus havia sido colocado. Um à cabeceira e outro aos pés, sinalizando que a presença divina testemunha que o corpo de Jesus ali jazera. O ato de inclinar-se para olhar dentro do sepulcro pode indicar ao mesmo tempo reverência por estar diante do sagrado, ou, que ficava num local baixo, como afirma Brodie, próprio da sepultura dos pobres (BRODIE, 1993, p.561).

7 Existe um hiato narrativo no qual não se explica o que aconteceu com Maria Madalena após a visita dos discípulos ao sepulcro. Não se diz, por exemplo, se ela segue os discípulos.

8 *Εἰστήκεισαν* δὲ παρὰ τῶν σταυρῶν τοῦ Ἰησοῦ ἡ μήτηρ αὐτοῦ καὶ ἡ ἀδελφὴ τῆς μητρὸς αὐτοῦ, Μαρία ἡ τοῦ Κλωπᾶ καὶ Μαρία ἡ Μαγδαληνὴ (Jo 19,25).

Maria Madalena é fiel a Jesus, ela não sai de perto do sepulcro, ao contrário dos discípulos que voltam para casa, como afirma Clark-Soles, ela permanece (CLARK-SOLES, 2013, p.636). Ela está angustiada, triste, chora porque descobre que o corpo de Jesus desaparecera. Sua angústia é tamanha que nem mesmo a visão de seres celestiais no sepulcro desviam o foco de sua preocupação ou mesmo ela está tão absorta em sua dor e tristeza que não os percebe como anjos<sup>9</sup>.

Maria Madalena é uma personagem fragilizada pela dor, mas forte pelo amor que a impele a buscar o corpo do Senhor. O texto grego enfatiza o verbo chorar, da mesma forma que insiste em pontuar suas atitudes de protagonista diante de uma situação desafiadora. Em determinadas situações, a dor pode despertar forças desconhecidas naquele que sofre.

## 2.1 Maria Madalena e o corpo de Jesus

Há uma continuidade do tema do zelo com o corpo de Jesus que se inicia na preparação e sepultamento realizados por Nicodemos e José de Arimateia (Jo 19,38-42). Em Jo 20,1-2.11-15, Maria Madalena vai ao sepulcro por causa do seu amor por Jesus. A sua motivação não é explicitada, porém ao atestar a pedra rolada e a ausência do corpo, a motivação pela procura deste se torna prioridade.

No que tange às obscuridades encontradas no relato sobre o sepulcro vazio, García (GARCÍA, 2015, p.57) destaca que no v.1a o narrador diz que Maria Madalena foi ao sepulcro de madrugada, no primeiro dia da semana (v.1a) e vê a pedra rolada (v.1b), mas não diz que ela olhou para dentro do sepulcro ou que entrou nele. No v.2a ela corre e vai a Pedro e o amado (2b) contar que removeram o Senhor do sepulcro (2cd). O autor chama a atenção de que se ela não havia olhado dentro do sepulcro, portanto, soa estranho que vá aos discípulos e afirme categoricamente sobre o desaparecimento do corpo de Jesus. As palavras de Maria "não sabemos" (2e) "onde o puseram" (v.2f) sinalizam incongruência entre esta conjugação de terceira pessoa do plural e todo o restante do relato que Maria fala em primeira pessoa do singular.

A temática do corpo de Jesus nessas passagens enfatiza tanto sua humanidade quanto sua ressurreição. O corpo de Jesus foi crucificado e sofreu, mas agora ele está ausente do túmulo, indicando sua vitória sobre a morte. A ressurreição de Jesus é uma afirmação poderosa de sua divindade e do cumprimento de sua missão redentora. Por sua vez, a busca de Maria Madalena pelo corpo se faz de duas maneiras narrativas que se desenvolvem da mesma forma na qual o Ressuscitado é revelado. Em um primeiro momento, Maria busca um cadáver, deseja manter o vínculo físico, com o Jesus histórico, seu Mestre, a quem seguiu, viveu tantas experiências e aprendizados, como último elemento que os vincula. Em um segundo momento, ela encontra aquilo que busca, mas não um corpo morto e sim, o Vivente. Uma nova perspectiva de vida se abre na percepção de Maria Madalena que entende que Jesus vive, além desta história, mas continua presente na força de seus atos e palavras dos quais ela é agora portadora.

<sup>9</sup> O narrador mostra aos leitores que a angeologia do relato evidencia um acontecimento sobrenatural, no qual a personagem Maria Madalena não necessariamente percebe ou compreende. Os motivos podem ser a insipiência de sua fé pascal ou, seu estado emocional diante da cena, ou ainda uma estratégia retórica de preparação para a revelação do Ressuscitado.

## 2.2 Intertextualidade ad intra

Como dito, o Evangelho de João apresenta diversas personagens femininas que têm um encontro pessoal com Jesus. Algumas narrativas nas quais elas são protagonistas, se assemelham narrativamente e tematicamente com Jo 20,1-2.11-18.

Um primeiro relato narra o encontro de Jesus com uma mulher samaritana no poço de Jacó, onde ele conversa a sós com ela (Jo 4,1-42). O diálogo se inicia em torno do assunto da água e do poço e se desenvolve no debate sobre qual seria a verdadeira cidade de culto, Samaria ou Jerusalém. A mulher se fixa em torno dos conflitos históricos, mas Jesus lhe revela que quem bebe da água da vida não tem mais sede. Depois, a conversa converge para a questão sponsal, na qual ela o reconhece como um profeta. Jesus então diz a ela que há um novo jeito de adorar a Deus, independente do lugar em que o santuário se encontra, isto é, em Espírito e Verdade. Em seguida, ela indaga sobre a questão messiânica e então, Jesus se revela como o Messias. Neste ponto da narrativa, a mulher sai para anunciar, esquecendo o cântaro cheio da água. Muitos creram nela em sua aldeia (Jo 4,39), indicando que houve uma boa acolhida pelos samaritanos, elemento que se contrasta com o ambiente hostil de Jerusalém (MAZZAROLLO, 2015, p.123).

Percebe-se que no sentido de estrutura literária, alguns elementos importantes transparecem nesta narrativa assim como no relato da aparição do Ressuscitado à Maria Madalena: Jesus encontra-se dialogando a sós com uma mulher, há um ensinamento, uma revelação, um anúncio e um elemento de intimidade.

Da mesma forma, como na narrativa da samaritana, percebe-se a presença de elementos comuns entre o episódio da reanimação de Lázaro e da aparição de Jesus à Maria Madalena. O contexto é de morte e vida em ambas as narrativas. Primeiro, o tema do corpo de Lázaro que morreu e foi sepultado e o corpo de Jesus que desaparecera do sepulcro; assim como Maria Madalena vai ao sepulcro e toma a iniciativa de achar o corpo de Jesus, Marta e Maria têm a iniciativa de mandar um recado a Jesus sobre a doença de seu irmão (Jo 11,3); as emoções de Maria Madalena são evidenciadas da mesma maneira que os sentimentos de Jesus, como o amor que ele sente por Lázaro (Jo 11,3), por Marta (Jo 11,5), a reação comovida ao choro de Maria (Jo 11,33), o seu choro (Jo 11,35) e a cumplicidade diante da morte de seu amado amigo (Jo 11,36). O diálogo de Jesus com Marta (Jo 11,21-27) desencadeia num ensinamento de que ele é a ressurreição e a vida (Jo 11,25-26), o que parece ser uma prolepse do que ocorrerá no encontro do Ressuscitado com Maria Madalena. Assim como Marta professa sua fé no Messias (Jo 11,27), Maria Madalena reconhece Jesus como Senhor e o anuncia (v.18). Há semelhança na postura de Maria que se prostrou aos pés de Jesus (Jo 11,32) e Maria Madalena que se inclinou para olhar dentro do sepulcro (v.11) e na visão de alguns exegetas, Jesus teria evitado seu toque porque ela teria se jogado aos seus pés, tentando tocá-lo (v.17a). Maria e Jesus choram por Lázaro (Jo 11,33.35) e Maria Madalena chora por Jesus (v.1.11). Ambas narrativas se encontram próximas ao contexto pascal. No fim predomina a vida e não a morte.

As narrativas do encontro de Jesus com a samaritana e da reanimação de Lázaro desencadeiam à adesão da comunidade, já o anúncio de Maria Madalena aos "irmãos" parece não ter repercussão direta na narrativa, uma vez que nada é dito sobre isto nos episódios seguintes. Dada a importância do relato da aparição de Jesus à Maria Madalena parece que o objetivo principal está conectado mais ao ouvinte-leitor do que à narrativa em si mesma, pois ela não tem repercussão posterior.

### 2.3 Interxrtualidade ad extra

A busca de Maria Madalena pelo Senhor Jesus (20,1.11ss) é comparada por alguns estudiosos à procura do amado pela amada em Ct 3,1-4, que retoma o tema nupcial do livro. A voz da amada responde à do amado no jardim (Jo 20,16). Segundo Mateos e Barreto, Maria Madalena, no seu papel de esposa, representaria a comunidade da nova aliança, que começa na cruz (Jo 20,15) (MATEOS; BARRETO, 1989, p.35). Metaforicamente, a dimensão do diálogo entre o amado e a amada em Cântico dos Cânticos pode ser relida, como um pano de fundo, no diálogo estabelecido entre Maria e Jesus no jardim. Maria escuta a voz de Jesus e o confunde com o jardineiro (Jo 20,15), no entanto, só o reconhece quando ele a chama por seu nome (Jo 20,16). Nesta comparação, o amado diz "Maria" (Jo 20,16a) e a amada responde "*Rabouni*" (Jo 20,16c) com alegria (Ct 3,29), sendo este um sinal da restauração da vida/união anunciada.

Segundo Mateos e Barreto, Jesus e Maria Madalena representariam o casal primordial que dá início à uma nova humanidade. Ao reconhecer a voz de Jesus, Maria é impelida a segui-lo (Jo 20,16a), ela chama-o de "Meu Mestre" e pensa que este primeiro encontro já significaria a união definitiva, a etapa final. No entanto, com uma catequese dirigida a ela, mostra que seu lugar é junto do Pai a partir daquele momento. Jesus a envia para anunciar a sua mensagem (20,17s) (MATEOS; BARRETO, 1989, p. 200). E ela vai, como sinal de um recomeço.

Segundo Léon-Dufour, alguns estudiosos relacionam o jardim onde Jesus foi morto e sepultado (Jo 19,41) ao jardim do Éden (LÉON-DUFOUR, 1998, p. 157). Mazzarollo amplia ainda mais a conexão com o Éden ao afirmar que ali era um lugar criado com vida e abundância, um local agradável de se estar; no centro deste jardim havia a árvore da vida, árvore do conhecimento do bem e do mal (Gn 2,9); o pecado entrou no jardim, a vida foi ameaçada, por causa da desobediência do primeiro casal. Para este autor, a cruz no quarto Evangelho é o lenho verde plantado no Éden. Este lenho verde é capaz de sustentar novos ramos que produzem muitos frutos (Jo 15,1-17). O Pai, através do Filho, restaurou a criação, fazendo brotar outra vez a vida (MAZZAROLLO, 2015, p.302.306).

Ao relacionar a narrativa de Maria Madalena e o encontro com o Ressuscitado, percebem-se ecos da tradição veterotestamentária que podem ter sido apresentados como pano de fundo para o desenvolvimento da narrativa. De modo geral, as imagens dialogam com a temática do amor, da busca e do encontro. A dificuldade de Maria Madalena era distinguir a morte da vida. Ela buscava um corpo, mas encontra o Ressuscitado.

### 3 O PAPA FRANCISCO E O PROTAGONISMO FEMININO NA IGREJA DO SÉCULO XXI

Com o Concílio Vaticano II (1961-1965), a Igreja pretendeu entrar numa nova fase de diálogo com a sociedade moderna. A partir das reformas do Concílio, houve uma redescoberta de Maria Madalena, que, por muitos séculos, foi celebrada na liturgia da Igreja como pecadora arrependida por causa da interpretação equivocada do Papa Gregório Magno. Ao longo da história foi sendo criada uma personagem estranha à seguidora fiel, corajosa e amorosa de Jesus (MAIA, 2023, p.15).

Em 2019, o Papa Francisco elevou a celebração, memória de Santa Maria Madalena ao nível de festa no Missal Romano, ressaltando sua importância como primeira testemunha da ressurreição e o papel das mulheres na evangelização. A decisão foi tomada durante o Jubileu da Misericórdia, no ano de 2016, e destaca o amor de Maria Madalena por Cristo. Um novo prefácio foi elaborado e inserido no missal romano, próprio para a festa em que Maria

Madalena recebeu o título de Apóstola dos apóstolos, que Santo Tomás de Aquino (1225-1274) já havia aplicado a ela MAIA, 2023, p.15). A festa promoveu uma reflexão mais profunda sobre a dignidade da mulher, a nova evangelização e a misericórdia divina. A data da celebração continua sendo no dia 22 de julho (ANDREATTA, ROCCA, 2019).

Segundo a teóloga Elizabeth Johnson, ao elevar o *status* do dia de Maria Madalena para uma festa importante, o Papa Francisco destaca sua relevância como testemunha primordial da Ressurreição e enfatiza como sua história foi subvertida e seu papel de liderança injustamente retirado. Corrigir essa injustiça permite que Maria Madalena seja vista como um modelo de seguidora fiel, líder forte e independente na Igreja primitiva. Seu protagonismo desafia a Igreja a permitir a participação igualitária das mulheres como discípulas no século XXI (JOHNSON, 2016).

Nos seus 10 anos de pontificado, o Papa Francisco tem enfatizado o papel das mulheres na Igreja e na sociedade e tem se pronunciado em favor da valorização, inclusão e participação ativa das mulheres em todos os aspectos da vida eclesial. Ele tem abordado o papel das mulheres na Igreja em diversas ocasiões, tanto em seus discursos públicos como em documentos oficiais. Francisco também tem feito críticas à exploração e à subordinação das mulheres, defendendo o respeito por sua dignidade e serviço em todos os níveis. Ele vem pedindo a oferta de novos espaços às mulheres na Igreja e na sociedade, promovendo sua participação e envolvimento em responsabilidades pastorais. O Papa destaca que a mulher é portadora de harmonia na Igreja e no mundo, e ressalta a importância do testemunho das mulheres na transmissão da fé. Sua mensagem enfatiza a valorização do papel das mulheres e a busca pela igualdade e justiça (GISOTTI; SILVONEI, 2018).

Na Exortação Apostólica "Evangelii Gaudium/*Alegria do Evangelho*", de 2013, o Papa Francisco reconhece a contribuição indispensável das mulheres na sociedade, destacando sua sensibilidade, intuição e capacidades peculiares. Ele ressalta a importância da presença feminina em todos os âmbitos, incluindo o trabalho e as decisões importantes na Igreja e na sociedade (EG 103). O Papa também expressa preocupação com os maus-tratos e a desvalorização das mulheres, pedindo defesa de seus direitos. Ele reconhece a necessidade de ampliar os espaços para uma presença feminina mais incisiva na Igreja. No entanto, o Papa reafirma que o sacerdócio reservado aos homens não está em discussão, mas destaca que a dignidade e a santidade vêm do batismo, acessível a todos. Ele enfatiza que as funções não justificam a superioridade, e a autoridade do sacerdócio é um serviço ao povo. O Papa desafia os pastores e os teólogos a refletirem sobre o possível lugar das mulheres nas decisões importantes nos diferentes âmbitos da Igreja (EG 104).

No discurso aos participantes na Plenária do Pontifício Conselho para a Cultura, em 7 de fevereiro de 2015, o Papa Francisco destaca a importância de estudar critérios e modalidades que permitam às mulheres serem plenamente participantes na vida social e eclesial, sem se sentirem apenas como hóspedes. Ele ressalta a necessidade de superar os modelos de subordinação e igualdade absoluta, buscando um novo paradigma de reciprocidade na equivalência e na diferença entre homens e mulheres. Ele destaca a importância de eliminar a violência e a degradação sofridas pelas mulheres, além de promover uma presença feminina mais difundida e incisiva nas comunidades e nas responsabilidades pastorais. Francisco reconhece o papel insubstituível da mulher na família, enfatizando suas qualidades de delicadeza, sensibilidade e ternura, que contribuem para a serenidade e harmonia familiar. Ele encoraja a presença eficaz das mulheres em diferentes esferas públicas, no mundo do trabalho e nas tomadas de decisões importantes, ao mesmo tempo em que ressalta a importância da família. Ele pede que todas as instituições, incluindo a comunidade eclesial, garantam a liberdade de escolha para as

mulheres, para que possam assumir responsabilidades sociais e eclesiais em harmonia com a vida familiar (FRANCISCO, 2015).

Na Audiência Geral de 15 de abril de 2015, o Papa Francisco destacou a importância de ouvir a voz das mulheres e reconhecer sua autoridade tanto na sociedade como na Igreja. O Pontífice enfatizou a necessidade de compreender profundamente o que as mulheres podem oferecer à sociedade. Ele encorajou a explorar essa perspectiva com mais criatividade e audácia (FRANCISCO, 2015).

Na Exortação Apostólica pós Sínodo da Família, “*Amoris Laetitia/ Sobre o Amor na Família*”, publicado em 2016, o Papa Francisco discute a família e o papel das mulheres dentro dela e enfatiza a sua importância como mães e esposas, bem como a necessidade de sua participação na vida da Igreja. O documento, no parágrafo 54, aborda os direitos das mulheres e a importância de sua participação no espaço público.

Numa entrevista, a teóloga Ivone Gebara foi questionada sobre sua posição à reflexão do documento no tange às mulheres. Ela afirma que o uso do termo “mulher” de maneira abstrata é problemático, pois ignora a diversidade de experiências vividas por mulheres (AL 54). Além disso, ela aponta para o fato de que a teologia e a ideologia cristã têm contribuído para essa hierarquia de gênero ao longo da história. O texto da AL 54 (FRANCISCO, 2016, p.49). menciona formas inadequadas de feminismo, mas não oferece informações sobre as formas adequadas ou o que essas formas pedem do governo da Igreja (GEBARA, 2016).

No discurso para os membros da União Internacional das Superiores Gerais em 2016, o Papa expressou sua gratidão pela presença e serviço das religiosas na Igreja. Ele as encorajou promover uma maior participação das mulheres nos Conselhos Pastorais e Comissões Diocesanas, a fim de ampliar sua contribuição nas tomadas de decisões (FRANCISCO, 2016).

Em 2017, o Papa enfatizou que ao falar das mulheres, não devemos considerá-las apenas em termos de funcionalidade. A mulher traz uma riqueza única, algo que os homens, a criação como um todo não possuem. Explorar a mulher é uma forma de destruição que vai além de um simples delito (FRANCISCO, 2017).

O Papa Francisco institucionalizou o acesso das mulheres aos ministérios do leitorado e acolitado na Igreja por meio da Carta Apostólica “*Spiritus Domini*” (2020). Ele modificou o cânon 230 do Código de Direito Canônico para permitir que homens e mulheres exerçam essas funções de forma estável e com um mandato especial. Anteriormente, esses ministérios eram reservados apenas para seminaristas durante sua preparação para o ministério ordenado. Com essa mudança, o Papa abriu oficialmente essas posições para leigos, tanto homens como mulheres (PERETTI, C.; QUEIROZ, 2021, p.146).

Na Encíclica “*Fratelli Tutti/Todos Irmãos*” - Sobre a fraternidade e a amizade social (2020), Francisco ressalta a necessidade de promover a igualdade de gênero e a participação das mulheres em todos os níveis da vida social. O Papa reconhece que as mulheres ainda enfrentam desigualdade, exclusão, abusos e violência e afirma que a igualdade não é alcançada apenas com palavras, mas requer ações concretas. A Encíclica recebeu críticas por não incluir vozes femininas nas notas de rodapé e por não mencionar mulheres escritoras, pensadoras e ativistas como fontes de inspiração. Isso suscitou preocupações sobre a falta de representatividade, como disse a Irmã Mary John (JOHN, 2021). Apesar disso, o Papa utiliza uma linguagem inclusiva ao se dirigir aos leitores como “irmãos e irmãs”, mostrando abertura e inclusão. A escolha do título foi considerada por alguns como discriminatório, no entanto, foi explicado que a palavra “irmãos” é uma citação exata de São Francisco que quer entender tanto os irmãos como as irmãs (COLAGRANDE, 2016). Ele reconhece o

papel e a dignidade das mulheres bem como a sua importância na construção de uma sociedade mais justa e fraterna. Embora encíclicas anteriores tenham sido direcionadas principalmente a homens, a *Fratelli Tutti* busca compensar o título controverso e reconhecer o papel e a dignidade das mulheres (JOHN, 2021).

O Papa escreveu o prefácio do livro “Mais liderança feminina para um mundo melhor: o cuidado como motor para a nossa casa comum”, organizado por Anna Maria Tarantola. O Papa comentou: “este livro fala de mulheres, dos seus talentos, das suas habilidades e competências, e das desigualdades, violências e preconceitos que ainda caracterizam o mundo feminino. As questões da mulher são particularmente importantes para mim.” Francisco enfatizou no prefácio, “é justo que elas possam expressar essas habilidades em todos os âmbitos, não apenas naquele familiar, e possam ser remuneradas igualmente com os homens por papéis iguais, compromisso e responsabilidade” (COLLET, 2023).

Em 1º de junho de 2023, o Pontífice teve uma audiência histórica com mulheres indígenas da Amazônia, representantes da Conferência Eclesial da Amazônia (CEAMA) e da Rede Eclesial Pan-Amazônica (REPAM). Durante o encontro, as mulheres indígenas compartilharam suas preocupações sobre a situação na Amazônia, incluindo questões ambientais, direitos indígenas e o papel das mulheres na região. Elas enfatizaram a importância de dar voz aos territórios indígenas e expressaram sua gratidão pelo apoio do Papa Francisco (MODINO, 2023).

Entretanto, a teóloga Mary Hunt critica o Papa Francisco afirmando que ele tem uma compreensão limitada das mulheres e se sente mais confortável lidando com questões relacionadas a homens gays. Ela questiona se o Papa realmente compreende a situação das mulheres e argumenta que ele não tem se reunido com lésbicas, famílias lésbicas ou freiras norte-americanas com problemas no Vaticano. Hunt reconhece algumas melhorias durante o pontificado de Francisco, mas não vê uma mudança significativa nas relações de poder entre o Vaticano e as Congregações Religiosas. Ela critica a visão pontifícia de perceber as mulheres como dóceis e acredita que isso marginaliza aquelas que não se encaixam nesse estereótipo, tais como as mulheres migrantes, mães solteiras e mulheres pobres. Ela defende uma perspectiva feminista que busca igualdade de gênero, raça, salários e preocupações ambientais. Hunt não apoia a ordenação de mulheres, mas sim um modelo mais horizontal de liderança nas comunidades de base. Ela destaca a existência de grupos que ordenam mulheres, mas expressa preocupação com a possibilidade de uma reinvenção do clericalismo. Hunt sugere a nomeação de mulheres cardeais como um gesto simbólico de compartilhamento de poder. Ela argumenta que permitir que as mulheres ocupem espaços de tomada de decisão seria fundamental para abordar os problemas estruturais e morais da Igreja (MACHADO, 2018).

A teóloga Francilaide Ronsi afirma que o Papa Francisco tem insistido na necessidade de reflexão e mudança em relação ao papel das mulheres na Igreja. Ele reconhece a importância da presença feminina e a igual dignidade entre homens e mulheres. Houve avanços, como a nomeação de mulheres para cargos importantes e a criação de comissões de estudo. No entanto, ainda é necessário que os apelos do Pontífice sejam ouvidos e acolhidos em toda a Igreja, promovendo uma maior participação e valorização das mulheres em todos os âmbitos da vida eclesial e social. O objetivo é que as mulheres se sintam plenamente integradas e ativas na vida da Igreja e da sociedade (RONSI, 2020, p.71).

As teólogas Clélia Peretti e Ivoneide Queiroz destacam a importância de oferecer espaços às mulheres na Igreja, valorizando sua presença e reflexão teológica. Elas reconhecem que Francisco se esforça em propor mudanças para que as mulheres possam

assumir responsabilidades sociais e eclesiais. Segundo elas, a ordenação feminina é vista como um gesto corajoso e inclusivo, mas a mudança mais significativa deve ocorrer na compreensão e exercício do poder, incorporando valores e formas diferentes. O fazer teológico feminista é essencial, pois as contribuições das mulheres muitas vezes são invisibilizadas. As mulheres desempenham papéis importantes não apenas na Igreja, mas também em movimentos sociais, buscando justiça e igualdade. Sua atuação é fundamental na construção de um mundo mais justo e fraterno. Segundo as autoras, a Teologia Feminista surge ao reconhecer o cotidiano como um lugar teológico significativo. Ele é visto como um espaço onde as contradições da vida podem ser compreendidas e superadas, desafiando visões dualísticas e dicotômicas (PERETTI; QUEIROZ, 2021, p.146-147).

Para a teóloga Maria Clara Bingemer, o Papa Francisco reconhece a importância de ampliar a presença e visibilidade das mulheres na Igreja, inclusive em posições de autoridade e tomada de decisões. Ele valoriza o gênio feminino e reconhece a contribuição vital das mulheres para a missão da Igreja. A autora comenta que o Papa adota uma postura acolhedora, buscando a inclusão e a participação das mulheres na comunidade eclesial e reconhece que o machismo tem sido um obstáculo e adverte contra uma filosofia feminista que poderia prejudicar a riqueza da diferença entre homens e mulheres. O Papa Francisco deseja que a Igreja seja uma mãe fecunda que acolhe e cuida da vida, e ressalta a importância de comportamentos positivos e de uma reflexão teológica mais profunda sobre a mulher na Igreja. No entanto, a teóloga acredita que de Francisco não se deve esperar mudanças estruturais que transformem radicalmente a letra da lei da Igreja, mas sim uma mudança de atitude e perspectiva em relação às mulheres. Ele procura exorcizar a culpabilização e a suspeita eterna que historicamente recaíram sobre as mulheres em relação ao pecado e à sexualidade. Deste modo, para a teóloga, Francisco inaugura uma nova era de carinho, proximidade e colaboração mútua na missão da Igreja. Jesus de Nazaré também tratava as mulheres com respeito e carinho, e o Papa Francisco promete que a Igreja será um espaço onde as mulheres possam expressar seu gênio, criatividade e sabedoria no projeto da construção do Reino de Deus (BINGEMER, 2015, pp.199.203.206-209).

Kate Mc Elwee é diretora-executiva da "Women's Ordination Conference/Conferência de Ordenação de Mulheres", um movimento de base que promove ativismo, diálogo e testemunho de oração para pedir a ordenação de mulheres e igualdade de gênero na Igreja Católica Romana. Comentando os 10 anos de pontificado de Francisco, ela publicou um artigo intitulado "A evolução do Papa Francisco sobre as mulheres: algum movimento, mas mais necessário, na *National Catholic Reporter* em 07 de março de 2023. Mc Elwee destaca que o Papa é sinodal e tem mostrado uma liderança que escuta e está aberta a mudanças. Embora sua abordagem tenha sido criticada por ser obscura, confusa e insatisfatória para muitas pessoas, ele demonstrou uma capacidade de mudar de ideia e adotar uma liderança sensível a este tema. Ele tem mostrado um crescente entusiasmo em dar às mulheres papéis de liderança e tomada de decisão na administração da Igreja. Embora as nomeações de mulheres tenham sido fragmentadas, mais mulheres estão ocupando posições de liderança no Vaticano. Quanto ao ministério, Francisco fez mudanças canônicas para permitir maior envolvimento das mulheres em ministérios dentro da Igreja. No entanto, sua posição em relação à ordenação de mulheres ao sacerdócio tem sido uma fonte de frustração para muitos, pois ele tem mantido a posição estabelecida pela Igreja de não permitir a ordenação de mulheres como padres. Sua compreensão da teologia mariana também tem sido criticada por reduzir as mulheres a metáforas abstratas e colocá-las em um pedestal, negando sua plena humanidade. Apesar das críticas, há sinais de progresso e oportunidades crescentes para que as vozes das mulheres sejam ouvidas sob o papado de Francisco (MC ELWEE, 2023).

Em suma, o Papa Francisco tem expressado a importância da inclusão e valorização das mulheres na Igreja, reconhecendo sua contribuição única. Para Francisco Jesus tinha uma visão muito especial e respeitosa em relação às mulheres. Sua abordagem lançava uma luz poderosa sobre elas, destacando sua importância e valor. Essa visão iluminava um caminho que tinha um alcance significativo, mas do qual conhecemos apenas uma pequena parte até agora. Apesar desses apelos, ainda há desafios a serem enfrentados para alcançar a plena participação das mulheres na vida eclesial.

## CONCLUSÃO

Como a narrativa da aparição de Jesus à Maria Madalena pode nos iluminar na compreensão do papel das mulheres na Igreja? Maria Madalena viveu no obscurantismo por muitos séculos. Nem mesmo os equívocos com outras personagens bíblicas que a "confundiram" com uma prostituta, apagaram a força do seu testemunho "Vi o Senhor!". Segundo Elizabeth Johnson, Maria Madalena "é tanto uma discípula (alguém que segue) quanto uma apóstola (alguém que é enviado). Com base em sua relação com Jesus, sua liderança em ambos os papéis deu uma contribuição destacada na origem do cristianismo" (JOHNSON, 2016).

Na lógica aplicada por Elizabeth Johnson, Maria Madalena é modelo feminino na Igreja primitiva, uma vez que seu apostolado reúne os aspectos essenciais do seguimento de Jesus. Ela é a primeira enviada por Jesus aos seus discípulos, tornando-se apóstola daqueles que serão mais tarde enviados, tornando-se assim "Apóstola dos Apóstolos".

Ela foi a escolhida pelo Senhor para anunciar a Boa Nova. Jesus restaura nela a dignidade da mulher numa sociedade patriarcal em que seu testemunho não era válido segundo a Lei Mosaica. Sabendo de sua situação frente à Lei, ela busca duas testemunhas legalmente válidas para atestarem que o túmulo se encontrava vazio<sup>11</sup>. No entanto, ela é elevada à qualidade de primeira testemunha da ressurreição, pelo próprio Jesus Ressuscitado. Deste modo, em Maria Madalena, Jesus valoriza as mulheres e as qualifica para a missão. Jesus demonstra que as mulheres são dignas para servir a Igreja sem serem subservientes. Serviço sim, submissão, não, diz o Papa Francisco (GISOTTI; SILVONEI, 2018).

Ao se deparar com a pedra rolada no túmulo, a primeira evidência da Ressurreição, Maria Madalena vai correndo relatar o desaparecimento do corpo a Pedro, líder da comunidade dos discípulos, e ao amado, o discípulo ideal. Pedro representa a autoridade, a instituição, é mais lento. Há de se admitir que não se pode esperar de Francisco algo que dependa de toda uma estrutura que traz séculos de bagagem patriarcal. As mudanças estruturais sempre demoram a acontecer, talvez por isso em Jo 20,4, Pedro seja mais lento do que o amado para chegar ao túmulo; entretanto, apesar de ser "cabeça dura", a ele é confiado o rebanho do Senhor. Assim é a Igreja que Francisco nos mostra e oferece como proposta de vivência do Reino de Deus, que já se inicia neste mundo. A fim de viver esta tensão escatológica, Francisco propõe uma Igreja em saída, um lugar cheio de pontes que liguem as pessoas em sua pluralidade. A mudança de perspectiva e atitude com relação às mulheres, nos revela que Francisco promove comportamentos éticos e evangélicos para o mundo atual (GEBARA, 2016). Há de se pensar nas mulheres em toda a sua diversidade, sem excluir aquelas que não são perfeitas, que não correspondem à mulher valorosa de Provérbios 31, pois, a exemplo de Jesus, o apostolado se faz de pessoas imperfeitas, capacitadas pela graça. Que a Igreja seja lugar de acolhimento e credibilidade na capacidade e dignidade feminina de "ser Igreja".

<sup>11</sup> Segundo Dt 17,6; 19,15, o sistema jurídico de Israel exigia a presença de pelo menos dois homens como testemunhas.

Maria Madalena nos ensina que, assim como Pedro e o amado, ela é Igreja e tem sua missão e importância dentro da comunidade. O Quarto Evangelho nos mostra que cada indivíduo tem sua função e importância no discipulado.

As ideias e atitudes de Francisco mostram seu empenho em dar visibilidade e participação às mulheres dentro e fora da Igreja. Oxalá as sementes plantadas em prol das mulheres nesses dez anos de pontificado floresçam em liberdade, acolhimento, diálogo, dignidade, autonomia, reconhecimento, participação, nomeação, administração, igualdade, respeito e que muito mais aconteça para que a Igreja do século XXI se assemelhe cada vez mais ao Reino de Deus pregado por Jesus. A festa de Santa Maria Madalena, em 22 de julho, leva toda Igreja a refletir profundamente sobre a dignidade da mulher, a nova evangelização e a misericórdia divina.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDREATTA Cleusa Maria; ROCCA, Susana; AZEVEDO; Wagner Fernandes. *Mulheres na Igreja: Vozes que desafiam*. IHU: Unisinos. 30 junho 2019. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/590456-por-completar-mulheres-na-igreja-vozes-que-nos-desafiam>>. Acesso em: 23 de junho de 2023>.

BINGEMER, Maria Clara. *Francisco y las mujeres*. De la Abuela Rosa una nueva mujer. In Silva, José Maria. Papa Francisco. Perspectivas y expectativas de un papado. Petrópolis: Vozes, 2014; Barcelona: Herder Editorial, 2015.

BRODIE, Thomas L. *The Gospel According to John*. A Literary and Theological Commentary. New York: Oxford University Press, 1993.

CHAMBERLAIN, William Douglas. *Gramática Exagética do Grego Neo-Testamentário*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1989.

CLARK-SOLES, Jaime. Mary Magdalene: Beginning at the End. In: HUNT, Steven A.; TOLMIE, D. Francois; ZIMMERMANN, Ruben. *Character studies in the Fourth Gospel: narrative approaches to seventy figures in John*. Mohr Siebeck, 2013.

COLAGRANDE, Fabio. *Irmã Smerilli comenta Fratelli Tutti: presença feminina e "neoliberalismo"*. 18 de abril de 2016. Disponível em <<https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2020-10/fratelli-tutti-papa-francisco-smerilli-mulheres-neoliberalismo.html>>. Acesso em 2 de julho de 2023.

COLLET, Andressa. *Papa: se é a mulher que promove a paz, precisa ser valorizada como homem*. Disponível em <<https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2023-03/papa-francisco-prefacio-livro-lideres-mulheres-anna-tarantola-it.html>>. Acesso em 23 de junho de 2023.

LÉON-DUFOUR, Xavier. *Leitura do Evangelho segundo João*. vol.4. São Paulo: Loyola. 1998.

FRANCISCO. *Amoris Laetitia*: Sobre o amor na família. São Paulo: Paulinas, 2016.

FRANCISCO. *Audiência Geral*, 15 de abril de 2015. Disponível em: <[http://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiencias/2015/documents/papa-francesco\\_20150415\\_udienza-generale.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiencias/2015/documents/papa-francesco_20150415_udienza-generale.html)>. Acesso em: 22 de junho de 2023.

FRANCISCO. *Evangelii Gaudium* – A alegria do Evangelho: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2013.

FRANCISCO. *Meditações Matutinas na Santa Missa Celebrada na Capela da Casa Santa Marta*. A mulher é a harmonia do mundo. 9 de fevereiro de 2017. Disponível em: <[http://www.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2017/documents/papa-francesco-cotidie\\_20170209\\_mulher-harmonia-mundo.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2017/documents/papa-francesco-cotidie_20170209_mulher-harmonia-mundo.html)> Acesso em: 25 de junho de 2023.

FRANCISCO. *Plenária do Pontifício Conselho para a Cultura*, 07 de fevereiro de 2015. Disponível em: <[http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/february/documents/papa-francesco\\_20150207\\_pontificio-consiglio-cultura.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/february/documents/papa-francesco_20150207_pontificio-consiglio-cultura.html)>. Acesso em: 23 de junho de 2023.

GARCÍA, José Miguel. La aparición de Jesús Resucitado a María Magdalena (Jn 20,11-18). *Estudios Bíblicos*, LXXIII (2015), pp.57-77.

- GEBARA, Ivone. *A Igreja solteira, masculina e hierárquica que fala à família*. IHU on-line, São Leopoldo, 18 de abril de 2016. Disponível em: <https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/6399-ivone-gebara-4>. Acesso em 27 de junho de 2023.
- GISOTTI, Alessandro.; SILVONEI, José. *Francisco e o papel das mulheres na Igreja*. 7 de março de 2018. Disponível em <<https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2018-03/francisco-e-o-papel-das-mulheres-na-igreja.html>>, acessado em 22/06/23.
- JOHN, Mary. Fratelli Tutti: Da Perspectiva da Mulher, 8 de março de 2021. Disponível em <<https://www.mssps.org.br/single-post/fratelli-tutti-da-perspectiva-da-mulher-dia-internacional-da-mulher-2021>>. Acesso em 25 de junho de 2023.
- JOHNSON, Elizabeth. *As faces femininas de um cristianismo sem véu*. IHU On-line, São Leopoldo, 18 julho de 2016. Disponível em <<http://www.ihuonline.unisinos.br/edicao/489>>. Acesso em: 26 de junho de 2023.
- LOUW, Johannes; NIDA, Eugene. (eds.) *Léxico Grego-Português do Novo Testamento baseado em domínios semânticos*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013 (LN).
- MACHADO, Ricardo. *O lugar das mulheres no pontificado de Francisco*. Entrevista com Mary Hunt. Disponível em: <<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/159-entrevistas/579720-o-lugar-das-mulheres-no-pontificado-de-francisco-entrevista-especial-com-mary-hunt>>. 8 de junho de 2018. Acesso em 14 de junho de 2023.
- MAIA, Gilson Luiz. *Maria Madalena: discípula predileta do Senhor*. São Paulo: Paulinas, 2023.
- MAZZAROLLO, I. *Nem aqui, nem em Jerusalém. Evangelho de São João - exegese e comentário*. 2.ed. Rio de Janeiro: Mazzarollo Editor, 2015.
- Juan MATEOS; Juan BARRETO, *Vocabulário Teológico do Evangelho de São João*. São Paulo: Paulinas, 1989.
- MCELWEE, Kate *A evolução do Papa Francisco sobre as mulheres: algum movimento, mas mais necessário*. 7 de março de 2023. Disponível em: <[https://www.ncronline-org.translate.google.com/opinion/guest-voices/evolution-pope-francis-women-some-movement-more-needed?\\_x\\_tr\\_sl=en&\\_x\\_tr\\_tl=pt&\\_x\\_tr\\_hl=pt-BR&\\_x\\_tr\\_pto=sc](https://www.ncronline-org.translate.google.com/opinion/guest-voices/evolution-pope-francis-women-some-movement-more-needed?_x_tr_sl=en&_x_tr_tl=pt&_x_tr_hl=pt-BR&_x_tr_pto=sc)>. Acesso em 26 de junho de 2023.
- Luís Miguel MODINO. *Diálogo sobre a Amazônia com três mulheres indígenas*. 7 de junho de 2023. <<https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2023-06/dialogo-sobre-amazonia-tres-mulheres-indigenas.html>>. Acesso em 13/6/2023.
- PÉREZ-MILLOS, Samuel. *Juan: comentário exegético al texto Griego del Nuovo Testamento*. Barcelona: Editorial CLIF, 2016.
- PERETTI, Clélia.; QUEIROZ, Ivoneide. Mulher e Ministérios na Igreja Católica à luz do pensamento do Papa Francisco. *Revista de Cultura Teológica*. n. 98, 2021.
- RONSI, Francilaide Queiroz. A mulher na Igreja e na sociedade: a procura pelo direito de 'ser'. *Encontros Teológicos*. n. 35, 2020.

\* Doutora em Teologia Sistemática. Faz parte da Rede brasileira de teólogas. Professora da PUC/RJ até 2022 atuando nas disciplinas de Ética Cristã, Departamento de Teologia. Esteve na Equipe Teológica da CRB Nacional (ERT), Equipe de Teólogos de Assesores da Presidência (ETAP) e da Confederação Latino-Americano e Caribenho dos Religiosos (CLAR).

Email: buckerpataro@gmail.com

 <https://orcid.org/0009-0006-8831-2560>

Recebido em 26/07/2023

Aprovado em 07/10/2023

## IMPLICAÇÕES DA SORORIDADE NA SINODALIDADE

## IMPLICATIONS OF SORORITY IN SYNODALITY

*Bárbara P. Bucker\**

**Resumo:** Este artigo explora a interseção da sinodalidade e sororidade na vida religiosa feminina, destacando a importância de reconhecer as distintas experiências e perspectivas das mulheres. A reflexão parte da compreensão de que modos históricos de interpretação ainda permeiam o inconsciente coletivo, dificultando a legitimidade de vivências específicas das mulheres. Abordando a necessidade de ampliar horizontes na busca por sentido na vida, o texto destaca a sinodalidade como uma oportunidade para investir no presente, alinhando-se com o chamado à comunhão e ao discernimento. Cada pessoa deste projeto com suas lideranças é desafiada a ser portadora da esperança, revelando “rostos de luz” no caminho a ser percorrido na sinodalidade. Se questiona se a sinodalidade incluirá a sororidade, argumentando que a linguagem e atitudes devem refletir uma mudança essencial no pensamento, promovendo uma semântica inclusiva. Destaca-se a importância da sororidade como o feminino da fraternidade, demandando uma compreensão distinta da experiência feminina. O artigo destaca a necessidade de redescobrir e valorizar a Igreja como uma “casa inclusiva”, enfatizando a importância da partilha e do reconhecimento mútuo. A autora propõe um caminho de retorno à autenticidade e simplicidade, afastando-se de estruturas clericalistas e patriarcais. Além disso, o texto explora a ideia de “viver em casa sem se sentir em casa”, citando o Papa Francisco, e destaca a importância da comensalidade como um elemento fundamental na construção de comunidades autênticas. O resumo conclui ressaltando a necessidade de abraçar a vulnerabilidade, reconhecendo que a transformação e a verdadeira felicidade surgem da autenticidade e da aceitação mútua. A sororidade na sinodalidade é apresentada como uma dimensão profunda no aprendizado mútuo, promovendo a igual dignidade entre homens e mulheres.

**Palavras-chave:** Sinodalidade. Sororidade. Vida Religiosa Feminina. Comensalidade. Comunhão. Linguagem Inclusiva.

**Abstract:** This article explores the intersection of synodality and sisterhood in women's religious life, highlighting the importance of recognizing women's distinct experiences and perspectives. The reflection is based on the understanding that historical modes of interpretation still permeate the collective unconscious, hindering the legitimacy of women's specific experiences. Addressing the need to broaden horizons in the search for meaning in life, the text highlights synodality as an opportunity to



invest in the present, aligning with the call to communion and discernment. Each person in this project with their leaders is challenged to be a bearer of hope, revealing “faces of light” on the path to be followed in synodality. It is questioned whether synodality will include sisterhood, arguing that language and attitudes must reflect an essential change in thinking, promoting an inclusive semantics. The importance of sorority as the feminine of fraternity stands out, demanding a distinct understanding of the female experience. The article highlights the need to rediscover and value the Church as an “inclusive home”, emphasizing the importance of sharing and mutual recognition. The author proposes a path to return to authenticity and simplicity, moving away from clerical and patriarchal structures. Furthermore, the text explores the idea of “living at home without feeling at home”, citing Pope Francis, and highlights the importance of commensality as a fundamental element in building authentic communities. The summary concludes by highlighting the need to embrace vulnerability, recognizing that transformation and true happiness arise from authenticity and mutual acceptance. Sisterhood in synodality is presented as a profound dimension in mutual learning, promoting equal dignity between men and women.

**Keywords:** Synodality. Sorority. Female Religious Life. Commensality. Communion. Inclusive Language.

## INTRODUÇÃO

Distinção necessária na formulação do tema para a compreensão de uma vida vivida e tecida majoritariamente por mulheres, não só pelo que caracteriza modos distintos de ser e de se relacionar, mas porque, historicamente ainda permanece no inconsciente coletivo, muitos modos de compreensões que inviabilizam o possível e viável, dificultando no constituído como legítimo, o que faz parte somente de uma parte da humanidade.

Em geral como seres humanos, somos todos “chamados a buscar horizontes cada vez mais amplos”, e a explorar novos caminhos de sentido para a vida, e não só o de se contentar em reciclar a própria vida dentro de um projeto para fazê-lo valer como sobrevivência a todo custo, uma vez que o ‘Projeto de vida religiosa consagrada’ se caracteriza como um estilo de ser e expressar a fé cristã na Igreja, e sua subsistência não pode consistir em manter uma aparência de perseverança.

Mais ou menos assim, expressou-se recentemente uma das lideranças da vida religiosa, concluindo uns dias de reflexão que teve como lema: “**rostos de luz**”, que me inspirou para esta reflexão fazendo emergir a lembrança da vocação de Israel na História da Salvação, e o modo como Jesus Cristo, o “Servo de Deus”, foi sustentado e escolhido para ser a concretização de uma promessa de seguir existindo na história, através de seus seguidores, um presente da presença amorosa e comprometida de Deus, Pai Maternal para todos os seus filhos e filhas (cf. Is 42,1).

Vivemos em um contexto de globalização, e já não podemos deduzir que existe muita divergência no modo de coexistência caracterizado por variadas culturas em uma geografia extensiva, uma



vez que tudo está *'interligado'* em correspondência do humano a ser conquistado, apreendido e desenvolvido.

O Sínodo da Sinodalidade é ocasião propícia para se investir no *'agora'* como melhor momento de tornar realidade o *profetismo dos sábios e experientes* no caminho do *'discernimento'*, para se viver de mãos dadas com os profetas da Tradição Bíblica, de modo que a *sabedoria* e o *profetismo* possam coexistir como forma de comunhão à serviço ao bem comum, e no processo de tecer uma *'nova humanidade'* em eixos de identidades que ao longo dos séculos se buscou constituir como expressão da essência da vida religiosa na Igreja.

Deste modo é que, a afirmação de que *"Quem não antecipa o futuro, não encontrará seu lugar"*, emerge como exigência e urgência de que sejam as mulheres da vida religiosa, neste tempo propício da história, as interlocutoras da esperança, na medida em que deixem transparecer em seus rostos reais, *"a luz daquele que as iluminam"*, e sejam elas com suas próprias vidas, estes *"rostos de luz"* na sinodalidade da comunhão, e no percurso de não medir esforços na colaboração e aprendizado do humano.

O dever de armar-se de coragem para apontar com a lucidez de suas vidas, a verdade e o amor existente nas dificuldades, perdendo o pudor de dar nomes aos conflitos nos diálogos, mas sem deixar de lado a cumplicidade de colaboração como modo certo de reconhecer as luzes ocultas nos rostos sem brilho dos encontros humanos de muitos seres no caminho do seguimento de Jesus Cristo.

Em última instância, viver este projeto de vida religiosa, na aquisição de uma identidade humana, espiritual e carismática como resposta específica de identificação e personalização para com o *"modelo de referência"* que é Jesus Cristo, o Filho de Deus, presente que se faz presença na missão de *"fazer irmãos"*, tecendo a irmandade de todos filhos e filhas de Abbá.

### **SURGE UMA PERGUNTA: A SINODALIDADE INCLUIRÁ A SORORIDADE?**

Faz-se necessário, como trabalhou a teóloga Elisabeth A. Johnson em seu livro *"Aquele que é"* (JOHNSON, 1995), que se harmonize os ouvidos para uma semântica inclusiva, que haja expressões de linguagens e atitudes, que façam valer no singular e no plural das existências, uma verdadeira mudança essencial do pensamento como realidade de conversão, crescendo em humanidade para participar de uma sinodalidade corresponsável, e de poder se revisar, todos, como seres humanos.

Sororidade é palavra equivalente ao feminino da fraternidade, termo ainda muito estranho no vocabulário comum de muitas comunicações oficiais dentro e fora do contexto comunicacional dos seres humanos; e uma das razões para que não se considere importante incluí-la, é que o termo mais usado *'fraternidade'*, foi cunhado culturalmente como o que inclui homens e mulheres.

Mesmo assim, é importante a compreensão do termo já que o encontramos em vários idiomas: latim-*sororitas*, inglês-*sorority*, francês-*sororité*, espanhol-*sororidad*, português-*sororidade*, fazendo vir à luz em seu conteúdo de significado e sentido próprio, que é diferente da que é mais usual *'fraternidade'*, e que por isso acaba por ser excludente. As mulheres de fato, são portadoras de uma experiência, uma perspectiva, uma dignidade, um olhar que não pode ser subentendido, inclusa ou resolvida de um ponto de vista masculino considerado superior e inclusivo. As mulheres e as irmãs devem ser nomeadas e não subentendidas nos homens e nos irmãos, daí que a sororidade deve ser explicitamente dita e não absorvida na *'fraternidade'* (FRIGÉRIO, 2021).

Por isso, é que afirma Tea Frigerio (2021), que a correção linguística de considerar a igual dignidade entre homens e mulheres também deve ser afirmada no nível linguístico. Seria hoje anacrônico usar os termos fraternidade - irmãos, ignorando ou desconsiderando os termos sororidade - irmãs.

Sororidade não é um duplo de fraternidade nem uma coqueteria feminista, motivada pela vontade de explicitar agora tudo pelo feminino. O termo explicita o desejo de aderir na concretude da existência, o que é real em suas vidas, sabendo que as mulheres não são de forma alguma homologáveis aos homens e que a diferença entre elas também marca a esfera existencial de suas vidas no âmbito emocional e espiritual como modo de se concretizar a sinodalidade deste caminho eclesial (FRIGÉRIO, 2021).

O que pressupõe um longo aprendizado para uma Igreja de irmãs e irmãos em Cristo, onde a sororidade somada com a fraternidade cheguem a se constituírem uma dimensão profunda no mútuo aprendizado da sinodalidade, já que a sororidade constitui um estilo de relações entre as pessoas que fazem parte do humano como Povo de Deus, e entre estas, a de toda a família humana. Mas, infelizmente '*sororidade*' fica completamente ausente nos discursos e documentos, nos quais somente a fraternidade padece de uma inflação desgastada na eficácia do simbólico que não consegue se fazer perceptível no concreto de inúmeras vivências.

Faz-se necessário redescobrir e valorizar a Igreja na dimensão de '*casa inclusiva*' tanto de mulheres, como de homens, jovens, crianças, adultos, de todos de boa vontade, etc. Redescobrir a Igreja doméstica de Atos 2,46 que diz: "Diariamente, todos juntos frequentavam o Templo e nas casas partilhavam o pão, comendo com alegria e simplicidade de coração"; *partilha* como sinal desta nova identidade sinodal, onde não se deixa de *ensinar* e de *anunciar* a Boa Notícia de Jesus Messias, recurso para desenhar uma outra face da Igreja como '*casa*' na crise que atravessam nossas comunidades, dentro das quais mais do que irmãos/irmãs somos estranhos e nos encontramos em uma atmosfera dos anônimos e desconhecidos.

É nas casas que nascem as comunidades cristãs. É na casa que Jesus celebra a sua Páscoa. É a *eklesia* que se reúne nas casas que as discípulas e os discípulos do Crucificado Ressuscitado se reconhecem, uns aos outros, umas às outras, como frates (irmãos) e soros (irmãs), membros da família de Deus. É na casa que a Divina Ruah irrompe como vento impetuoso sobre todos, homens e mulheres dando origem à Igreja, família universal reunida.

A mesma Ruah Inovadora como ativa criatividade nos desafia a experimentar, ousar novas formas de ser Igreja, diversamente ligadas ao território, ousando linguagem nova e antiga, voltando a ser *Laos*, povo laical, povo de Deus. Novas células, reais lugares do acontecimento eclesial, espaços alternativos das formas existentes, não para deixá-las como são, mas para promover uma transformação radical e quem sabe substituí-las, uma vez adquiridas autoridade e competência.

É a "*Presença*" da *Divina Ruah* que fortalece a consciência profunda de que só começando desde a simplicidade de existir, com gestos e atitudes que nasçam da vida, na transparência do que se é, e no despojamento pobre de uma casa que acolhe e partilha, poderemos voltar a ser um sinal de respeito e de atenção. Mas para que isso aconteça, é necessário excluir definitivamente toda forma de clericalismo, toda forma de patriarcalismo, toda hierarcologia indevida. É necessário apropriar-se do conteúdo da boa nova para devolver aos pobres, abrir-se à fraternidade e sororidade universal sem a pretensão de seres superiores e abandonando toda espécie de discriminação.

Chegar a ser apenas comunidades laicais no sentido original do termo, em plena reciprocidade entre homens e mulheres, incluindo carismas e ministérios, para poder recriar na Igreja do presente e do futuro o que é próprio do Evangelho.

### **O FRÁGIL DE MANTER A APARÊNCIA É: “VIVER EM CASA SEM SE SENTIR EM CASA”**

Tema de reflexão do Papa Francisco em uma de suas alocações de 14 de março de 2020: “Viver em casa sem se sentir em casa”, e que lembra o episódio de um sacerdote idoso e sábio, um grande confessor, um missionário, homem que amava tanto a Igreja, falando com um sacerdote jovem, que era muito seguro de si mesmo, muito crente... que se julgava valoroso e que tinha direitos na Igreja. Então, o idoso disse-lhe: “Rezo por isto, para que o Senhor lhe coloque uma casca de banana no caminho e o faça escorregar, isto far-lhe-á bem”. Como se dissesse, embora pareça blasfêmia: “Far-lhe-á bem pecar, porque depois deverá pedir perdão e assim encontrará Deus como Pai Maternal, misericordioso e compassivo”.

Esta parábola expressa algumas das vivências do Senhor, em resposta aos que o criticavam por andar com os pecadores; e outras tantas vivências dos que também hoje como pessoas da Igreja, sofrem a crítica, porque ousam aproximar-se de pessoas diferentes e necessitadas de uma nova humanidade, de pessoas humilhadas por situações que degradam sua dignidade, que trabalham e não são valorizadas, e até daquelas que trabalham para nós. Este é um tempo privilegiado para buscar entender qual é o ‘problema de se viver em casa sem se sentir em casa’, porque não há relação de filiação e sororidade, apenas existe a relação de companheirismos e de trabalho, respondendo às exigências normativas da ordem estabelecida de um estilo de vida que falta alma.

E, ainda pra compreender a Igreja em atmosfera sinodal, e sua extensão no âmbito dos aprendizados relacionais de comunidades religiosas como “casa”, recordo um escrito de Leonardo Boff que fala da comensalidade como caminho de refazer a humanidade (BOFF, 2008). Comensalidade que significa comer e beber ao redor da mesma mesa, uma das referências mais ancestrais da familiaridade humana, pois nela se fazem e refazem continuamente as relações que sustentam o viver e o conviver.

E segue explicitando: a mesa, mais que um móvel, remete-nos a uma experiência existencial e a um rito. É o lugar privilegiado dos elos da família, da comunhão e da irmandade. Nela partilha-se o alimento e com ele comunica-se o que se é, e a alegria de encontrar-se, o bem-estar sem disfarces, a comunhão direta que se traduz nos comentários sem cerimônia dos fatos cotidianos, nas opiniões sem censura dos acontecimentos.

Os alimentos são mais que coisas materiais, e nos remetem à qualidade e profundidade da troca que sai da trivialidade dos assuntos que faltam propósito, são sacramentos de encontro e de comunhão. O alimento é apreciado e é objeto de comentários, constituindo a maior alegria quando se nota a satisfação de quem consome o que chega à mesa através dos que dela participam e partilham a vida como é percebida.

Mas, também é importante reconhecer que a mesa pode ser lugar de tensões e conflitos, onde as coisas se discutem abertamente, explicitam-se as diferenças e podem estabelecer-se acordos, onde existem também silêncios que podem ser perturbadores e que revelam o mal estar coletivo. A cultura contemporânea modificou de tal forma a lógica do tempo cotidiano em função do trabalho e da produtividade que enfraqueceu a referência simbólica da mesa, ficando reservada para os domingos, ou para os momentos especiais de festa e aniversário, apelo para a sororidade em sua capacidade de aglutinação dos elementos.

Afirma L. Boff (2008) que a comensalidade é tão central que está ligada à própria essência do ser humano enquanto humano. A especificidade do ser humano surgiu de

forma misteriosa e de difícil reconstrução histórica. No entanto, etnobiólogos e arqueólogos chamam nossa atenção sobre um fato singular: quando nossos antepassados antropoides saíam a recoletar frutos, sementes, caça e peixes, não comiam individualmente o que conseguiam reunir, eles tomavam os alimentos e os levavam ao grupo, e praticando a comensalidade distribuíam os alimentos entre eles que os comiam comunitariamente.

Deste modo, a comensalidade, que supõe a solidariedade e a cooperação mútua, permitiu o primeiro salto da animalidade em direção à humanidade. Foi só um primeiro passo, mas decisivo, porque lhe coube inaugurar a característica básica da espécie humana: a comensalidade, a solidariedade e a cooperação no ato de comer.

Essa comensalidade que ontem nos fez humanos, e continua ainda hoje fazendo-nos sempre de novo humanos, solicita e faz o apelo de reservar tempo para o encontro, de modo que a 'mesa' em seu sentido pleno de significado nas variadas trocas, e na construção de vínculos de pertença, seja uma das fontes permanentes de renovação da humanidade hoje globalmente anêmica de vínculos.

### CONSIDERAÇÕES PARA COMPREENDER ALGUMAS IMPLICAÇÕES DA SORORIDADE NA SINODALIDADE COM ROSTOS DE LUZ

1. A luz do equilíbrio, que pode ajudar no aprendizado de integração das tensões, para mostrar ainda mais o núcleo íntimo, maduro e sereno da vida em processo de integração. Ideal que se persegue nos variados modos de vida, e que dentro da vida religiosa feminina requer uma tomada de decisão saindo do negativismo dos esquemas normativos da jurisdição, que proíbe e suscita suspeita, e muitas máscaras, ao invés da transparência gratuita das vinculações.

Fazendo memória do papel da máscara - "*Prosophon*" - que no teatro... os atores representavam distintos papéis... costumava-se cobrir os rostos com máscaras; a máscara neste contexto constitui tudo aquilo que oculta a verdadeira forma de ser, tanto para os demais como para si mesmo, conjunto de autoenganos, justificações, mentiras, que se diz ao próprio ser e aos demais, para não se ver a realidade, porque custa mostrar a realidade do que se é com simplicidade, preferindo ocultar com uma determinada aparência, tomando o caminho mais fácil para o conformismo e mentindo para si mesmo. Neste contexto, a vida religiosa feminina é convidada pela sinodalidade sororal a viver uma transformação profunda, de dentro para fora, e de recordar que a vida é um processo. A tarefa e responsabilidade que se apresentam é a de descobrir no caminho, e de afrontar acompanhada, todos os medos e incertezas que nos habitam, "trazê-las à luz, colocá-las de frente e nomeá-las".

A fidelidade e a felicidade só poderá ser real e fazer-se vida, se nos animamos a cultivar uma honestidade e sinceridade profunda em primeiro lugar conosco mesma; já que na origem da consagração está o amor, e não a disciplina. Em muito suprimimos a falta de amor com o voluntarismo da busca de perfeição radicada no dever, e hoje para a vida religiosa em geral, o caminho de volta não são os projetos organizativos, mas o de *propiciar espaços de trocas de experiências* para que desde a sororidade nós possamos olhar no espelho do amor mútuo.

A máscara, surge também porque não queremos ver a realidade das coisas, custa mostrar a realidade do que somos, com simplicidade, e a ocultamos com uma aparência para ser aceita e considerada. Os seres humanos são frágeis diante da majestade da vida e dos seus acontecimentos. Muitas vezes sucedem situações que são produto de nossa responsabilidade, mas que não queremos enfrentar, e deste modo, tomamos o caminho mais fácil e mentimos para nós mesmas.

Podemos dentro desse contexto perguntar-nos: Qual poderia ser a tarefa que temos daqui por diante? Que convite profundo percebemos que nos faz Deus para nossa humanidade consagrada?

Creio que o caminho de abraçar a própria vulnerabilidade; amar a própria vida tal como é, e não como gostaríamos que fosse; mover-se rumo a uma transformação profunda, de dentro para fora, tendo presente que a vida é um processo, e que nada sucede de um momento para o outro, inclusive a transformação não é a resolução acabada dos problemas. As tarefas e responsabilidades que se apresentam para a vida religiosa feminina, são as de nos descobrirmos no caminho, e a de nos encorajarmos no confronto de reconhecermo-nos enfrentando de mãos dadas com Jesus, todos os medos e incertezas que nos habitam, “fazendo vir à luz, e colocar-nos de frente, nomeando o que ocorre e vislumbrando o passo seguinte.

Qualquer caminho de empatia, de proximidade e de sinodalidade que queiramos fazer com os demais, motivará para abraçar nossa vulnerabilidade, porque sabemos que: quando nos sabemos fracas, então somos fortes (2Cor 12,10); que as últimas serão as que vão ‘primeriar’ (Mt 20,16); e que, as que queiram economizar e proteger sua vida, a perderão e as que decidirem ‘perder’ a sua vida à causa de Jesus Cristo, a encontrarão (Mt 16,25).

O abraço de nossa vulnerabilidade permitirá: crer com humildade; entrar em contato com nosso potencial criativo; curar e transformar nosso coração; viver uma mística profunda; recuperar a sensibilidade e viver com sentido; renovar o primeiro amor e viver enamoradas; crescer em pertença; amar e atualizar o carisma, que descansa na plena consciência de saber-nos escritas no coração de Deus, único que evoca o significado do verdadeiro amor, original e livre sem prestação de contas a pagar e de respostas a serem dadas, porque se nos exige, trata-se de um modo de amor incondicional. Não é necessário fazer nada para ser amada, mas decidir fazer tudo, porque somos amadas; e deste modo, aceitar que somos constituídas para a interrelação sinodal.

Recordar-nos mutuamente que na origem da consagração está o amor, não a disciplina nem o voluntarismo. Hoje, é hora de diagnosticar e propor caminhos de volta à felicidade nos conscientizando que temos demasiadas ferramentas; muitos ‘egos’, porque justamente se silenciou, ou se fez o vazio para a experiência do amor, e o caminho de volta é o de olharmo-nos no espelho do amor (DÍEZ, 2021, p.59-60). Assim, o “rosto de luz” irá emergindo desde o interior libertando a aparência de um modelo assimilado de existência e cultuado culturalmente, mas pleno de alma que evidencia a verdade de cada qual no espaço e tempo.

2. A luz que vem dos outros, que faz com que o outro/outra se converta em um referencial, tanto quando ‘escurece’ ou dói, porque os processos são distintos, como quando animam e estão dando apoio, porque os outros também nos realizam, nos confirmam e nos fazem perceber que existimos. Fazem parte de nosso recorrido vital e nos devolvem a paixão de compreender a aventura humana como uma aventura sagrada. Os outros e suas aventuras animam a beber mais desde o sumo do ramo maduro na busca de existir com sentido e, sobretudo, concedendo-nos a graça da confirmação de que não acedemos ao projeto de seguimento de Jesus, projetando interesses do inconsciente necessitado e carente de reconhecimento.

Nascemos constitutivamente humanos, e nosso modo de ser humanos é ir sendo junto aos demais, e no atuar podemos reconhecer se vamos nos humanizando ou desumanizando. Também somos seres culturais, e temos modos de nos relacionar conosco mesmas, com os demais, com a criação e com o Outro que nos distingue e nos dá identidade própria. Fala-nos Juvenal Arduini que para compreender o ser humano, exige-

se ginga inteligente (ARDUINI, 2002). Nos diz com propriedade, que o ser humano se desata no olhar, no sorriso, no semblante acolhedor, no aceno sororal e fraterno. Desata-se nas emoções, no amor, na alegria, na expansividade, na irreverência, na cólera, desata-se na criatividade, na estética, na esperança, na utopia, na audácia, nas buscas, e nos avanços.

Quem não se desata interna-se na solidão para proteger a opacidade existencial. Quem não se desata cria presídios psicológicos, confina-se no egocentrismo fechado e condena-se a ser monólogo. Torna-se estranho a si mesmo, traumatiza-se e se machuca na interioridade do existir. E, a existência que não se desata, torna-se existência engasgada, asfixiada por falta de oxigenação solidária. Desatar-se é ventilar-se, é romper cercos, é liberar a voz abafada e emancipar a consciência cativa.

Querer a sororidade na sinodalidade inclui a dimensão solidária, que é capaz de ser para alguém no singular e plural das inúmeras convivências, esquecer-se para amar e expressar-se beneficiando quem necessita. Amar sem cobrar amor. Ninguém se basta a si mesmo, ninguém vive sem os outros nem é possível realizar-se sozinho, daí a importância da reciprocidade, porque o amor acorrentado leva à loucura e à derrota. A reciprocidade da sororidade na sinodalidade é vital para o enriquecimento mútuo da vida eclesial e religiosa ao estilo do que estamos tratando.

A gestação desse “rosto de luz” vem também dos outros como referente, tanto quando sentimos a dor que escurece o horizonte de nossa compreensão, como quando nos anima e está ao nosso lado, porque os outros são presentes ofertado nas vivências cotidianas que podem sim nos fazer perceber que somos parte de um universo de direito para os demais, formamos parte de nosso recorrido vital que nos devolve a paixão de compreender a aventura humana como uma aventura que se torna sagrada no reconhecimento da dignidade do outro, e que este outro existe como espelho que nos reflete através de suas reações.

O caminho sagrado que as pessoas forem tecendo, ofertando o mistério de Deus através de suas vidas, se expressa desta maneira; a de poder contar com os outros para realizar-nos, eixo daquilo que de forma profética a vida religiosa consagrada mantém como constitutivo em seu modo relacional de existir. Os outros e suas aventuras nos animam a beber mais desde o âmago da experiência amadurecida, para forjar “rostos de luz” na vida nas relações que estabelecemos em casa.

3. “A luz de nosso olhar”, em um “tríplice olhar sinodal”, formada pelo olhar ecológico, com tudo o que exige para o momento presente, e que nos permite ser mais suscetíveis no contexto atual de mudanças aceleradas e diversas, permeadas pelos efeitos da pandemia que em alguns aspectos nos paralisaram, e em outros nos revelaram novas possibilidades e modos de relação. Tendo como pano de fundo, o temor e a ameaça permanente da guerra que revela as tensões que vivem as nações em diversas partes do mundo, a crise ecológica que nos preocupa, as mudanças de paradigma, e os avanços tecnológicos e as consequências de tudo isso.

É dentro deste contexto, que somos convidadas a construir uma Igreja Sinodal e uma vida religiosa em sinodalidade, que se aproximam mais ao sonho do reinado de Deus que nos comunicou Jesus; o olhar feminino em voz de mulher que se integra plenamente no conjunto da vida consagrada, daquela que contribui cuidando com o modo que lhe é próprio em ternura, tato e delicadeza. Mas, também com paciência e valentia profética de se ausentar do flagelo das competições e comparações invejosas que sugam as energias favoráveis da cumplicidade na vida religiosa feminina.

Aproximando-nos deste modo, o nosso olhar para aqueles que estão à margem do mundo, e que nos descoloca e nos situa de outra maneira na hora de configurar nosso

modo de vida. Reconhecendo com gratidão o que se recebe de cada uma dessas pessoas de respeito e confiança, pelo fato de procurarmos aprender o que cada uma delas tem a nos revelar do seu potencial de luta e superação dos obstáculos em sua vida, e assim colocar-nos em disposição de vincular-nos às suas forças de superação. Luz que nos mostra a beleza de Deus, porque o belo do rosto de Deus sempre será o de seu Filho Unigênito que transparece nos demais que nos são confiados.

A luz de nossos modos de olhar, é o que irá configurando nosso próprio “rosto de luz”, ao fixar com coragem nossos olhares, mantendo este tríptico olhar sinodal, e desde aí perceber melhor os ‘sinais dos tempos’. O olhar ecológico, com tudo o que esse olhar exige no momento presente, e que nos faz mais suscetíveis. O olhar feminino na voz de mulher que se integra plenamente no conjunto da vida consagrada, e que contribui com a audácia necessária. E, o olhar daqueles que foram colocados à margem do mundo, e que é duro encarar, porque dói sua carência e necessidade também em nós, e sem desviar o olhar, ou preferir fixar em realidades menos dolorosas.

4. A luz de estarmos dispostas para chegar nos limites de nossos carismas. Não somos só o que fazemos, e temos que cuidar ainda mais das pessoas vivendo a cotidianidade da acolhida. Queremos ser pessoas de esperança, testemunhas do Evangelho na medida em que deixemos transparecer nossos ‘rostos de luz’, e isto exige constância no exercício de atenção à fecundidade da graça, que opera esse dinamismo no profundo daquilo que desejamos. A esperança não se improvisa, mas vai amadurecendo nas tensões da vida e nos desafios do momento presente de cada uma.

Chamadas a seguir a Jesus Cristo com esperança nos propomos a ‘despertar o mundo’ e iluminar o futuro. O Papa Francisco nos recorda que, o que Deus nos pede é a saída do ninho das seguranças do saber, para aprender, e que nos permitamos ser enviadas às fronteiras do mundo onde a vida é novidade e surpresa do inédito que revela o que de Deus nos pertence.

Este é o desafio de uma vocação que cada uma de nós oferece ao próprio Jesus Cristo, como experiência e resposta dinâmica às perguntas pela fidelidade a ser comungada. Em cada situação de escuta renovada através do convite de ‘iluminar a vida’, ‘acolher a luz’, e ‘agradecer o caminho’ em dinâmica permanente de renovação, se faz duradoura e ativa no tempo ‘cronos’, o que é sustentado pelo tempo de Deus ‘kairós’, como Senhor da História, iniciada por pessoas que acreditaram no amanhã de sua realidade, tecida em cada família religiosa e sinalizando um específico do dom da Ruah na Igreja, que chamamos dom carismático.

Há um valor de sabedoria nos carismas para fazer sustentável a vida que se identifica nos traços proféticos que o momento histórico deixa entrever em cada Congregação, o que anima a vida para a missão. Essa luz mostra-nos a beleza de Deus, porque o ‘rosto de Deus é belo, e por isso devemos atrever-nos a tocar a beleza de Deus no rosto dos demais.

A modo de conclusão, finalizo fazendo referência ao lema da Confederação Latino-Americana de Religiosos (CLAR) que oferece o ícone das “mulheres com ousada esperança no despontar da aurora”, porque se trata de tecer o caminho de abraçar nossa vulnerabilidade, movidas pela esperança no ressuscitado.

A ousadia que conhecemos vem de mãos dadas com a coragem do coração. A vida consagrada feminina tem coração e não precisa esconder, pois com o coração e com os pés no seguimento de Jesus Cristo, queremos ser tomadas pela nossa vulnerabilidade para que a sua misericórdia e compaixão, nos ajudem no processo de integração para estar e viver mais conectadas com nossa humanidade, e com o clamor dos mais necessitados de nosso amor e amizade, e os gritos da ‘casa comum’. A fidelidade e a felicidade só vamos viver, se

nos animamos a cultivar a honestidade e sinceridade profunda conosco mesmas para transluzir em nossos rostos a verdade da luz que nos habita.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARDUINI, Juvenal. *Antropologia: Ousar Para Reinventar a Humanidade*. 2.ed. São Paulo: Paulus, 2002.

BOFF, Leonardo. Comensalidad: rehacer la humanidad. 18 abr. 2008. Servicios Koinonia. Disponível em: <https://www.servicioskoinonia.org/boff/articulo.php?num=272>. Acesso em: 26 de setembro de 2023.

DÍEZ, Luis Alberto Gonzalo. *¡Crucemos a la otra orilla!* El diálogo y el cambio de la vida consagrada. Madrid: Perpetuo Socorro, 2021.

FRIGÉRIO, Tea. A Sinodalidade incluirá a Sororidade? 27 nov. 2021. *Portal das CEBs*. Disponível em: <https://portaldascebs.org.br/a-sinodalidade-incluire-a-sororidade/>. Acesso em: 30 de agosto de 2023.

JOHNSON, Elizabeth. *Aquela Que é: O Mistério de Deus no Trabalho Teológico Feminino*. Petrópolis: Vozes, 1995.

\* Possui mestrado e doutorado em Teologia Sistemática; licenciatura em Filosofia, graduação em Teologia e especialização em Pastoral e Comunicação Social. Integrante da Congregação das Irmãs Catequistas Franciscanas, da Rede Brasileira de Teólogas e do Núcleo Mujeres y Teología de Guatemala. Atua como docente da Faculdade de Teologia na Universidade Rafael Landívar; na Escola de Teología Monseñor Gerardi, para Leigos; no Diplomado em Teologia Feminista promovido pelo Núcleo de Mujeres y Teología de Guatemala, na Conferência de Religiosas/os de Guatemala, no Curso de Formação Bíblica para Leigas y Leigos da Paróquia Nuestra Señora de los Ángeles.

Email: alziramunhoz2@gmail.com

 <https://orcid.org/0009-0003-8769-9191>

Recebido em 02/08/2023

Aprovado em 27/10/2023

## MINHA EXPERIÊNCIA COM MARIA DE NAZARÉ

## MY EXPERIENCE WITH MARY OF NAZARETH

*Alzira Munhoz\**

**Resumo:** Este artigo busca apresentar ressonâncias da minha experiência com Maria de Nazaré, a partir da caminhada missionária que faz parte da história de trinta anos de formação teológica que desenvolvo junto a mulheres de diversas classes e etnias. A teologia mariana na qual me fundamento perpassa uma perspectiva metodológica narrativa como forma de teologizar a vida e o culto, partindo da Sagrada Escritura e de vivências. Para aprofundar esse tema, parto do princípio da origem humilde de Maria em Nazaré, Maria, como uma *anawin* de Israel, mulher pobre, integrante de um povo que esperava pela vinda do Messias, comprometida com a justiça e a salvação prenunciada, inspira todas as mulheres em todos os tempos a ocuparem seu espaço na teologia e no ministério da Igreja.

**Palavras-chave:** Maria. Experiência. Mulheres. Basileia.

**Abstract:** This article searches to present resonates with my experience with Mary of Nazareth, based on the missionary journey that is part of the thirty-year history of theological formation that developed with women from different classes and ethnicities. The Marian theology on which I base myself permeates a narrative methodological perspective as a way of theologizing life and worship, starting from Sacred Scripture and experiences. To explain this theme, it starts from the principle of Mary's humble origins in Nazareth. Mary, as an Anawin of Israel, a poor woman, member of a people who waited for the coming of the Messiah, committed to justice and the salvation foretold, inspires all women in all times to occupy their space in the theology and ministry of the Church.

**Keywords:** Maria. Experience. Women. Basel.



## INTRODUÇÃO

As reflexões que aqui compartilho antes de tudo expressam minha relação e experiência com Maria, uma mulher admirável, que assumiu livremente participar do projeto do Reino de Deus junto com seu povo<sup>1</sup>, e a ele se entregou total e conscientemente. Como pobre e com os pobres, e sobretudo com as mulheres judias de sua época, ela também sonhava e buscava o Reinado amoroso de Deus como um mundo alternativo de justiça, paz e solidariedade<sup>2</sup>.

Revisitando o caminho que percorri com Maria, desde o que aprendi com minha mãe, passando pelos cursos acadêmicos que recebi, enriquecidos com a marialogia feminista e latino-americana, sinto que é uma trajetória muito interessante. São alguns aspectos dessa experiência “com” Maria que quero aqui compartilhar, utilizando uma metodologia mais narrativa que especulativa.

A narração é um método ou “um modo de estar na vida e compreendê-la, muito semelhante ao princípio feminino” (CENTRO PIGNATELLI-CHINI, 1988) muito apreciado pelas mulheres, embora não seja utilizado exclusivamente por elas. As narrativas mostram a vida com suas complexidades, convívios e insubordinações subjetivas e coletivas, muito além da pura razão especulativa. A narrativa é uma forma de teologizar sobre o processo quente da vida. A própria razão teológica crítica tem uma estrutura narrativa (cf. METZ, 1973). O método narrativo tem a mesma legitimidade do especulativo, o mesmo fundamento, porém mais próximo da realidade, mais orgânico e temperado pelo húmus da vida (cf. BOFF, 1984, p.11).

Entendida como uma história do que acontece com as pessoas, o que elas sofrem, vivem e desejam, a narração está muito presente na criação teológica das mulheres, permitindo uma nova forma de compreender e interpretar a realidade. A metodologia narrativa permite destacar as falas, ações e articulações das mulheres, em sua maioria ocultas pela narrativa oficial (civil e eclesial) e pela reflexão teológica dominante. A teóloga Elisabeth Schüssler Fiorenza afirma que uma primeira forma de roubar o poder de autonomia das mulheres e, por conseguinte, de sua autodeterminação, implica a perda da memória histórica (cf. FIORENZA, 1985). Mas, se o processo de dominação começa com o mau uso e a eliminação da memória histórica, o processo de libertação, ao contrário, segue o caminho da resistência, tentando reunir os fragmentos ou as brasas da memória subversiva que estão sob as cinzas da opressão, com o intuito de reacender a esperança e nutrir práticas transformadoras. A partir destas breves considerações introdutórias volto meu olhar para Maria.

### 1 MARIA DE NAZARÉ: UMA MULHER IDENTIFICADA COM O SEU POVO

Vejo Maria de Nazaré como uma mulher judia que emerge no primeiro século da era cristã, provavelmente analfabeta como muitas outras do seu tempo; viveu em Nazaré, um pequeno vilarejo da Galileia. Uma mulher simples, cuja fé foi delineada pelas promessas das Escrituras Hebraicas. Sua espiritualidade foi forjada na vivência e na prática dos deveres religiosos comuns do lar, como acender as velas do Sabbath, por exemplo.

1 Na Bíblia aparecem dois termos para significar a palavra Reino: o hebraico *malkut* e o grego *basileia*. Em português correspondem a: *reino, reinado e realeza*. **Reino** teria uma conotação mais espacial indicando países governados por monarquias. **Reinado** teria a ver com tempo. **Realeza** tem a ver com supremacia e domínio. No hebraico e no grego não há distinção entre esses conceitos. Na Bíblia, o sentido do **Reino de Deus** vai se firmando como **poder divino** no contexto de uma sociedade contrária ao projeto de Deus. Neste texto prefiro utilizar o termo *basileia* para referir-me ao Reinado amoroso de Deus.

2 Jesus não apenas falou da *Basileia*, mas a tornou o centro de sua missão, mediante atitudes e ações que foram uma constante manifestação de sua preferência pelos simples, pobres e excluídos. Anunciar a Basileia implica em trabalhar pela libertação de todo tipo de mal, reconhecendo que o dinamismo divino transformador já está presente na história humana.

Em outras palavras, compreendo Maria como uma mulher atenta à Palavra das Escrituras que escutava na sinagoga de Nazaré; que a assimilou e a manifestou em suas atitudes, agindo sob seu impulso durante toda a sua vida. Ela não somente assumiu ser mãe de Jesus e cuidar dele, mas também mantinha relações com o grupo das mulheres que o seguiram e ficaram junto dele em suas horas mais difíceis, e também testemunharam sua ressurreição, como atestam todos os evangelhos. Mesmo sem entender plenamente os acontecimentos ela não abandonou seu filho em sua missão. Ainda que sejam poucas as referências à sua pessoa, os escritos do Novo Testamento a configuram como uma mulher de fé, consciente, decidida e corajosa, aglutinadora da comunidade cristã nascente, junto com as discípulas da primeira geração crista (Cf. At 1,14).

Com suas amigas discípulas Maria não deixou o projeto de Jesus cair no vazio após sua morte, justamente porque ele já estava bem “gravado e guardado em seu coração”. A comunidade lucana preservou esse detalhe fixando-o nas primeiras páginas do Evangelho, onde Maria aparece junto à comunidade dos pobres que aguardavam a realização das promessas divinas configuradas na Basileia, o reinado amoroso de Deus. Em Atos 1,14 ela é apresentada, metaforicamente, esperando firme, em oração, a epifania e reviravolta do Pentecostes, junto com a comunidade das discípulas e discípulos.

Portanto, é justo ver Maria como uma mulher que fez uma escolha livre e consciente de participar da espera messiânica junto com seu povo, e não como um exemplo de submissão passiva a uma vontade divina absoluta à qual ela tinha que aderir inconscientemente. O escritor lucano captou essas características da vida de Maria e, no Magnificat (1,46-55), coloca em sua boca não apenas um hino de louvor, mas também de indignação e proclamação da visão subversiva e alternativa da Basileia, onde os primeiros e poderosos seriam os últimos e os últimos e humildes, os primeiros<sup>3</sup>. Nesse sentido, a pastora batista Odja Barros me chama a atenção quando contempla a voz ativa de Maria no Magnificat, a forma

“como todo o seu corpo e seus sentidos estão envolvidos na ação divina. O corpo de uma mulher pobre e oprimida torna-se o centro da experiência reveladora e salvadora de Deus. Portanto, o Magnificat é de grande importância para as mulheres para outros grupos oprimidos que sofrem opressão produzida por sistemas e estruturas que geram e sustentam desigualdades e injustiças” (BARROS, 2023).

É importante destacar que nesse cântico Maria é apresentada como uma mulher israelita que diz “não” ao projeto dos poderosos, em atitude solidária com seu povo, como suas antecessoras bíblicas que também proclamaram a ação misericordiosa de Deus em favor dos pobres: Miriam, a irmã de Moisés (Ex 15,21); Débora, a profetisa (Jz 5,12); Ana, a mãe de Samuel (1Sam 2,1), e Isabel (Lc1,39-45) uma anciã que necessita de apoio numa gravidez de risco, como a própria Maria, que também enfrenta a difícil situação de gerar um filho em condições não comuns. Mais à frente Lucas apresenta uma viúva anciã, Ana, nomeada como profetisa (Lc 2,36-38), que também aguardava firmemente a plenitude da esperança messiânica.

Maria está situada junto dos pobres e humilhados porque sente que Deus não apoia o projeto dos poderosos que os explora e oprime, mas assume a defesa dos humilhados e indefesos (Lc 1,52). Ela é uma anunciadora da esperança porque seu útero carrega a esperança messiânica dos "anawim" de ontem e de hoje que permanecem crendo e anunciando o Deus que lhe revelou. Ela acredita firmemente que os famintos do seu povo

3 O tema da Basileia é tratado amplamente por diversos autores. Aprecio muito a abordagem de Elisabeth Schüssler Fiorenza principalmente em sua obra: *As origens cristãs a partir da mulher: uma nova hermenêutica*. São Paulo: Paulinas, 1992, p.134-166. As reflexões dessa autora muito me iluminaram na reflexão sobre Maria no contexto da Basileia.

não serão abandonados de mãos vazias (Lc 1,53); por isso, luta e espera com fé um mundo expressado nas promessas da Basileia de Deus. Essa composição do Magnificat nos ajuda a vê-la ligada a uma tradição judaica de justiça e profecia. A espada que Simeão prevê atravessar seu coração ainda atravessa os corações de muitas mães cujos filhos perecem sob a tirania dos poderosos de hoje.

“Quantas pessoas se sentem desprezadas, desanimadas e desesperadas diante da realidade de injustiça sem poder vislumbrar horizontes e futuros. Na experiência de Maria de Nazaré e na profecia por ela cantada, somos chamados a fortalecer o nosso espírito e a renovar a nossa fé e esperança no Deus de Maria de Nazaré, o Deus que age pelos "anawim", os pobres de Deus no mundo” (BARROS, 2023).

Em sua condição de mãe Maria tentou compreender muitas coisas humanamente “impossíveis”, como também determinadas escolhas de seu filho. Ela “guardava tudo em seu coração”, observa o evangelho lucano. E não obstante seja apresentada nos bastidores, podemos imaginá-la inserida na comunidade dos discípulos e discípulas de Jesus após a Páscoa. A identidade de discípula e profetisa a situa na comunhão das seguidoras e seguidores de Jesus, no âmago da tradição eclesial. Não é por acaso que a devoção popular mariana é rica em orações, ladainhas e outras invocações que mostram uma Maria solidária com pessoas e grupos humanos abandonados e explorados por sistemas dominantes; isto acontece em todos os países latino-americanos e em outras partes do mundo, como mostra o significativo canto de José Freitas Campos, cantado com tanta fé pelas Comunidades Eclesiais de Base:

“Mãe dos oprimidos, dos perseguidos, dos desvalidos, rogai por nós! Mãe dos despejados, dos abandonados, dos desempregados, rogai por nós! Mãe dos pescadores, dos agricultores, santos e doutores, rogai por nós! Mãe dos boias-frias, causa da alegria, mãe das mães, Maria, rogai por nós! Mãe dos humilhados, dos martirizados, marginalizados, rogai por nós! Mãe do céu, clemente, mãe dos doentes, do menor carente, rogai por nós! Mãe dos operários, dos presidiários, dos sem-salário, rogai por nós!”

Realmente, em Maria muitas pessoas pobres e sofredoras, principalmente mulheres, de todos os tempos se encontram. Para Maria elas acorrem com fé, confiança e esperança. Por conseguinte, a devoção e o culto a Maria não podem ser desvinculados desses clamores. Ela é a inspiração para as discípulas e discípulos na Igreja missionária que deseja ser a serva dos pobres, como tem insistido muitas vezes o Papa Francisco. De fato, nas narrações das aparições ela é identificada com os interesses dos pequenos e oprimidos e a sua própria experiência de fé está ancorada num Deus que está do lado deles.

## 2 MARIA DE NAZARÉ: UMA ANAWIN COMPROMETIDA COM A JUSTIÇA SOCIAL

Similaridades entre a vida de Maria e a vida dos pobres, denominados coletivamente como *anawin*, são uma importante referência de espiritualidade mariana, sobretudo para as mulheres que vivem em situação de pobreza. Para elas, assim como para mim, Maria não é uma rainha do céu, mas uma mulher da terra, que compartilha das nossas vidas como irmã, mãe, inspiradora e companheira solidária.

Como Maria, muitas mulheres parem seus filhos em situações muito precárias ou mesmo desabrigadas; muitas são forçadas a fugir de seu bairro, de sua cidade ou de sua terra-natal, como migrantes ou refugiadas, com seus filhos e filhas. Inúmeras perdem seus filhos e filhas para as guerras, a prostituição, o tráfico de pessoas, as drogas, o trabalho

escravo e muitas outras formas de dominação e opressão. Há uma certa empatia e identificação dessas mulheres com Maria. Dessa convergência nascem espiritualidades e devoções marianas, bíblicamente bem fundamentadas, comprometidas com o serviço às pessoas em situação de vulnerabilidade, na presença ético-solidária e no cuidado da vida em todas as suas expressões, diferentemente de algumas devoções marianas alienantes e desconectadas da realidade.

Maria também é apresentada em solidariedade com as mulheres na sua luta por criar uma nova ordem social, como muito bem expressa o Magnificat, que é uma síntese da visão alternativa da Basileia, tão sonhada e esperada, como vimos acima, pelos *anawin* de Israel. Assim, a tradição judaica da Basileia, entendida como uma visão de justiça, de dignidade humana, e de salvação para todas as pessoas, em um mundo regido pelos poderes da dominação, opressão e desumanização, permite-nos identificar Maria como uma *anawin* que não se resignou, justamente porque estava comprometida com a transformação da sociedade em que vivia.

### 3 MARIA DE NAZARÉ: UMA MULHER QUE ESPERA E FAZ A BASILEIA ACONTECER

A cosmovisão político-religiosa da Basileia como o *império do bem-comum*, diferente dos impérios dominadores daquela época, foi realmente determinante e inclusiva para Jesus e seus discípulos e discípulas, portanto também para sua mãe. A maior mudança introduzida pela visão messiânica da Basileia ocorreu principalmente pela “comunhão de mesa” entre pobres, gentios, pecadores, mulheres e judeus-cristãos; e teve especial impacto e adesão entre as mulheres, que se sentiram incluídas e perceberam que na Basileia inaugurada por Jesus elas podiam ocupar um lugar central e serem respeitadas em sua dignidade, como pessoas e como mulheres (cf. FIORENZA, 1992, p. 134-186).

O movimento de Jesus experimentou um Deus de benevolência e inclusivo, que aceitava a todos, sem exceção, suscitando justiça e bem-estar para todas as pessoas, como Maria proclama no Magnificat. Os seguidores e seguidoras de Jesus entenderam que deviam tornar presente o *Reinado amoroso de Deus* como acontecimento salvífico coletivo inclusivo, conforme os princípios e critérios da Basileia, curando, libertando de todo tipo de opressão, animando e reunindo todas as pessoas para participar alegremente da mesa da vida. A presença e atuação de Maria no casamento em Caná, memória da comunidade joanina em Jo 2,1-12, situa-se nessa perspectiva. Nesse texto a figura de Maria não é a de uma mulher que aceita cumprir passivamente uma vontade divina absoluta; ao contrário, ela é apresentada intervindo diretamente e por iniciativa própria, na concretização festiva da Basileia de Deus, que irrompe de formas inusitadas na história dos pequenos através do poder criativo da *Ruah Divina*, com a qual Maria mantinha profunda intimidade e diálogo, como Lucas mostra na cena da anunciação.

Portanto, é surpreendente a espiritualidade mariana que brota a partir da contextualização bíblica da Basileia. Nela Maria é vista no seu devido lugar, não apenas como mãe, mas também como uma profetisa, mulher de fé e coragem, que não tem medo de se expor porque sabe que Deus, por meio dela, faz “grandes coisas” (Lc 1,39-56). Ela sabe reconhecer os sinais de Deus atuando na história do seu povo para libertá-lo. A memória da luta de muitas mulheres, suas antecessoras, pela libertação do seu povo está bem viva no seu coração. Por isso, ela cultivava uma espiritualidade atenta aos seus clamores e não desanima diante da violência e opressão dos poderosos; é uma espiritualidade que restabelece a força dos fracos e afirma a coragem de quem luta na defesa da vida dos pobres.

Assim é, também hoje, a espiritualidade das mulheres e de todas as pessoas que se colocam a serviço do povo oprimido: uma espiritualidade que desafia as forças opressoras e dominadoras porque sabe que o seu Deus não abandona seus filhos e filhas, e quer uma “vida com abundância para todas as pessoas” (Jo 10,10). Cabe a nós, como servidoras e servidores do Reinado amoroso de Deus, potencializar a ação de Maria entre os “pequeninos”, amados de Jesus e causa da sua missão.

Outro aspecto que considero importante é que a pessoa de Maria, como vimos acima, une e potencializa todas as pessoas que a ela recorrem, sobretudo as mulheres, tornando-as persistentes e corajosas, capazes de enfrentar e superar obstáculos. A devoção mariana, nessa perspectiva, adquire uma dimensão profético-libertadora, já que é uma espiritualidade histórica, capaz de ler os sinais de Deus na história pessoal e coletiva, e atuar na realidade de hoje em consonância com os princípios e critérios da Basileia de Deus.

Desde esta perspectiva, uma “Igreja em saída”, como propõe o Papa Francisco, não pode assumir e/ou alimentar nenhuma prática devocional mariana que retire Maria do seu contexto antropológico, sócio-histórico, político e religioso. Os *anawim*, ainda hoje, têm o sagrado direito de se aproximar de Maria a partir de sua real situação, ou seja, de seus sofrimentos e suas esperanças, e de se identificar com ela em sua fé, sua força, sua coragem e persistência, seu serviço solidário e sua entrega ao projeto libertador de Javé, tão bem expresso no Magnificat, constituído de justiça, paz e solidariedade universal. Há que se questionar, portanto, muitas devoções Marianas que não têm essa dimensão bíblico-missionária libertadora e não conduzem à transformação da realidade das pessoas pobres e sofredoras, as amadas e preferidas de Jesus e de Maria.

#### 4 MARIA E OS PROJETOS DE SORORIDADE ENTRE MULHERES

A Igreja Católica tem grande apreço pela pessoa de Maria e, por isso, incentiva e orienta, através de documentos e pronunciamentos, o culto mariano. Mas, as práticas devocionais criadas e propagadas por muitos clérigos e leigos não condizem com a orientação dos documentos. Em muitas paróquias, grupos e movimentos eclesiais há um devocionismo mariano ingênuo e fanático, que não educa nem conduz a uma fé mariana adulta, comprometida e libertadora.

É comum, na tradição cristã, apresentar Maria como *mulher, virgem e mãe*. Esses atributos ou identificações de sua pessoa parecem ser indiscutíveis, sobretudo na tradição dos antigos Padres da Igreja. É a partir dessa tríplice condição identitária que os fiéis se achegam a ela, dobram os joelhos, cantam, pedem, choram, fazem promessas e peregrinações, a proclamam e coroam rainha do céu, mudam periodicamente suas roupas demonstrando-lhe respeito, cuidado e reverência. Diante da imagem de Maria, todos se transformam em crianças ou mendigos, como se ela fosse o último recurso para sair de uma situação extrema, sem perspectivas. As relações com ela nunca são rompidas, mesmo que os fiéis não tenham seus pedidos satisfeitos. O desejo de superar a orfandade e o abandono, em suas diferentes formas, está sempre presente nessa relação.

Além dessas identificações de Maria, a nós, mulheres, nos apresentam a figura de uma Maria humilde, silenciosa, serva, que nada questiona e sempre diz “sim” a todos. Uma Maria “puríssima”, que nunca passou pelas dificuldades que a maioria das mulheres têm que enfrentar em sua vida sexual e em suas relações conjugais. Essa figura idealizada e estereotipada de Maria não nos faz bem. A história e a espiritualidade das mulheres estão repletas de experiências de auto culpabilização que leva a um distanciamento da Maria histórica, que passou pelas mesmas dificuldades das mulheres de seu tempo. Por isso, quero

concluir este texto apresentando Maria desde outra perspectiva. Uma Maria necessitada da sororidade de outras mulheres, identificada por Lucas na pessoa de Isabel e de outras mulheres como vemos a seguir:

“...Fique sabendo que a sua parenta Isabel está grávida, mesmo sendo tão idosa. Diziam que ela não podia ter filhos, no entanto agora ela já está no sexto mês de gravidez. Porque para Deus nada é impossível” (...) “Alguns dias depois, Maria se levantou e, às pressas, se pôs a caminho de uma cidade da região montanhosa da Judéia. Entrou na casa de Zacarias e cumprimentou Isabel. Quando Isabel ouviu a saudação de Maria, a criança se agitou no seu útero. Então, cheia do poder do Espírito, Isabel proclamou bem alto: - Você é abençoada entre todas as mulheres, e a criança que você vai ter é abençoada também! Quem sou eu para que a mãe do meu Senhor venha me visitar?! Quando você me cumprimentou, a criança ficou alegre e se agitou no meu útero. Você é abençoada, pois acredita que vai acontecer o que o Senhor lhe disse”. (Lc 1,36-37; 39-45 - Bíblia na Linguagem de Hoje).

Não vamos refletir aqui sobre a questão amplamente discutida a respeito da historicidade dos fatos mencionados neste texto. Sabemos que os evangelhos são narrativas de alento espiritual, iluminação da fé e sustento para a vivência das primeiras comunidades cristãs, assim como para nós hoje. Portanto, são narrativas que apontam para realidades teológicas, muito mais que para os fatos descritos.

O texto acima retrata com singeleza e vigor o dinamismo de duas mulheres, uma adolescente e a outra idosa, buscando, reciprocamente, a confirmação e o fortalecimento de seu ser mulher, seu poder, sua autoridade e autonomia. Elas não necessitam de nenhuma permissão ou confirmação de homens para se afirmarem e se proclamarem particularmente agraciadas pela força da *Ruah Divina*. Ao contrário, buscam e encontram em si mesmas e uma na outra as razões da própria fé e esperança.

O encontro ocorre na casa do sacerdote Zacarias, mencionado um pouco antes; mas nesta cena não há nenhuma presença ou ação masculina, nem mesmo do anjo Gabriel, interlocutor importante nas cenas dos dois primeiros capítulos do evangelho lucano. A solidariedade entre a jovem e a idosa é apresentada com ênfase. A alegria de ambas é contagiante. A liberdade e espontaneidade está presente em cada palavra do texto. Cada uma está vivendo uma situação muito especial como mulher, no contexto de uma sociedade patriarcal que estimula a inimizade e a competição entre as mulheres. Isabel, em idade bastante avançada, vivencia uma gravidez inesperada e complexa. Maria, por sua vez, experimenta as primeiras sensações de uma maternidade juvenil, sob a mira dos guardiães da lei e da religião, que prescreviam castigos especiais para mulheres que não se enquadravam no padrão sociocultural e religioso da época.

Embora em idades e condições sociais e religiosas bem distintas ambas vivem, pela primeira vez, a experiência da maternidade, desafiando as regras estabelecidas pelo sistema socioreligioso vigente. As duas são apresentadas cheias de poder, “grávidas” da *dynamis* da *Ruah*, demarcando um novo tempo messiânico de libertação para o seu povo, a exemplo de diversas mulheres do Primeiro Testamento, como Jael (Jz 5,24) e Judite (Jd 13,18).

É evidente entre Isabel e Maria uma peculiar sintonia, um tipo sororidade e cumplicidade que contrasta com a cultura androcêntrica patriarcal, a qual concebe as mulheres como competidoras e inimigas potenciais, e as estimula a assumirem esse estereótipo. Estas duas mulheres, ao contrário, entrelaçam seu coração e seus corpos num abraço cheio de ternura, cumplicidade e contemplação recíproca do mistério que as envolve e pulsa forte em seus ventres. O útero estéril da mulher idosa agora estremece com a vida que nele se desenvolve pela ação da *Ruah Divina*. E o útero fértil da jovem, ainda

inexperiente, também vibra em sintonia com a anciã plena de sabedoria. Ambas abençoam uma à outra e profetizam. Uma profecia que provoca, denuncia e sacode as bases do patriarcado, que designava para mulheres em tais situações uma sorte bem diferente.

É impressionante como o texto ressalta a coragem destas duas mulheres. “Maria se levantou e, às pressas, se pôs a caminho...” (v.39). Quem se levanta é sujeito de ações e, portanto, de autonomia. Quem toma a palavra e rompe com a obscuridade histórica imposta às mulheres, mina as bases do sistema patriarcal dominador e opressor. São mulheres conscientes e audaciosas, que se unem e se apoiam sororalmente; por isso, são capazes de gerar processos inusitados de transformação.

Por sua vez, Isabel também aparece no texto como uma mulher forte e sábia, que acolhe uma adolescente grávida. Justamente por estar vivenciando uma gravidez excepcional, é capaz de compreender, se solidarizar e acolher uma jovem assustada, que vivencia pela primeira vez uma gravidez inesperada, exatamente no período entre o noivado e a consumação do casamento. Em sua idade avançada Isabel sabe, por experiência própria, o que significa ser estigmatizada e marginalizada por estar fora do “padrão” socioreligioso designado para as mulheres de sua época. Certamente para Maria foi muito importante esse apoio de outra mulher mais madura e experiente num momento tão difícil, assim como o é para tantas adolescentes de hoje que passam por situações não menos preocupantes.

Antes de começar escrever este texto perguntei a um grupo de mulheres de uma comunidade urbana qual teria sido sua atitude se cada uma tivesse uma filha adolescente que, inesperadamente, fosse engravidada por algum atrevido. Os comentários foram bem diversificados, mas todas foram unânimes em dizer que fariam “o possível e o impossível” para proteger a garota de olhares maldosos e de comentários e atitudes discriminatórias, tanto da família como da comunidade. Duas narraram experiências de estupro na própria família, e de como tiveram que levar a adolescente para a casa de outros parentes da área rural, a fim de protegê-la e ajudá-la a atravessar aquela fase difícil com segurança e serenidade, longe das “más línguas”.

Outras contaram que o próprio grupo havia acompanhado uma adolescente grávida, expulsada de sua família, que buscava apoio e orientação para fazer o acompanhamento pré-natal, que a mesma adolescente não sabia muito bem no que implicava. Foi importante para a jovem, mas também para elas, individualmente e como grupo, acolher e acompanhar aquela jovem mãe, compartilhando com ela seus próprios conhecimentos e experiências de gravidez, amamentação e cuidados com suas crianças, assim como os cuidados que a garota devia ter para não engravidar novamente. Todas ressaltaram a importância da entreeajuda, da solidariedade, do toque, da massagem e de outros cuidados que elas dispensaram àquela jovem mãe, de forma que todas se assumiram como “cuidadoras” dela e “madrinhas” do bebê.

Enquanto eu ouvia essas narrativas pensava em muitas adolescentes que passam por experiências semelhantes tendo que abandonar os estudos e a vida familiar para se proteger, em casas de parentes ou amigas, de violências sexuais. As pesquisas ao redor do mundo mostram que o número de adolescentes engravidadas está aumentando a cada ano, sobretudo em áreas de imigração e de conflito armado entre muitos países, mas também em lugares onde não há políticas públicas para mulheres.

Aqui em Guatemala, onde estou vivendo atualmente, cerca de quatro mil adolescentes, entre dez a catorze anos, são engravidadas e dão à luz a cada ano, sendo que um grande número dessas gravidezes é resultado de incesto. Em 2017, exatamente no dia 8 de março, Dia Internacional de Lutas das Mulheres, quarenta e uma adolescentes de um

presídio da capital de Guatemala, se rebelaram exigindo direitos e justiça, e todas morreram queimadas. As autoridades nada fizeram para evitar ou conter a tragédia. As cruzes com o nome de cada uma foram fincadas na praça da catedral e do palácio do governo, clamando por justiça e dignidade. A última pandemia que abalou o mundo revelou a cara oculta e cruel da violência sexual doméstica que afeta meninas e adolescentes em nossa região, totalmente desprotegidas por políticas públicas que simplesmente não existem.

Nesse contexto, o encontro entre Isabel e Maria ilumina e mostra como é importante a luta por políticas públicas e o cultivo da sororidade entre as mulheres. Não importa a idade. É através de visitas, da partilha de experiências e de conhecimentos, do apoio recíproco, da organização, que se pode criar um mundo diferente, onde as mulheres podem cuidar umas das outras e desenvolver suas potencialidades em favor de si mesmas e do bem comum. Esta espiritualidade sororal pode ser construída passo a passo, na cotidianidade. Maria e Isabel, ao se encontrarem, não se limitaram a expressões recíprocas de afeto e reconhecimento da ação divina em suas vidas, mas a partir do “amor a si mesmas” e da sororidade, celebram a ação divina em favor de todas as pessoas pobres e humilhadas da história. Elas estão conscientes de que seus ventres carregam uma história futura plena da esperança messiânica. O “novo” que cada uma leva em si já é semente de libertação e fonte de alegria e dinamismo para todas as pessoas que acreditam e atuam para criar uma ordem social diferente, onde todas as pessoas possam desfrutar a vida com justiça e dignidade.

## FINALIZANDO

A contemplação de Maria, como expressa este texto, une e empodera todas as pessoas que a ela recorrem, especialmente as mulheres, tornando-as persistentes e corajosas, capazes de enfrentar e superar os obstáculos que a vida apresenta. A devoção mariana, nessa perspectiva, adquire uma dimensão profética, política e libertadora, a partir de uma espiritualidade histórica, capaz de ler os sinais de Deus não apenas na história pessoal, mas, também na história coletiva, e de agir na realidade atual de acordo com os princípios da Basileia, o Reinado amoroso de Deus.

A Igreja não pode assumir ou nutrir qualquer prática devocional mariana que afaste Maria de seu contexto sócio-histórico, político e religioso. Os mais pobres (os Anawim), ainda hoje, têm o sagrado direito de se aproximar de Maria a partir da sua situação real, e de se identificar com ela pela sua fé, sua força, sua persistência, seu serviço solidário e sua dedicação ao projeto libertador da Basileia, constituída de justiça, paz, abundância e solidariedade. Especialmente no contexto do continente latino-americano e caribenho, Maria brilha como exemplo vivo de adesão ao projeto de Jesus, que nos convida a “sair” ao encontro das pessoas mais sofridas na realidade em que vivemos. Não é por acaso que neste continente ela é invocada como “Estrela da Evangelização”.

## CONVERSANDO COM MARÍA...

Maria, mãe, irmã, companheira e inspiradora  
Permita-nos contemplar teu coração vibrante, pleno da  
*dynamis* divina, que te impulsionou ao encontro de Isabel.

Mulher profética, coração em sintonia com Deus  
e atento aos clamores do teu povo, ajuda-nos, com  
teu cântico de libertação profética, a estar em  
sintonia profunda com os clamores, os sonhos  
e lutas dos povos de hoje que clamam  
por justiça e direitos.

Mulher peregrina na fé, teus pés empoeirados acompanharam  
teu coração missionário pelos caminhos do teu povo,  
Ajude-nos a seguir teu exemplo de fé, coragem e profecia  
sendo uma presença que acolhe e cuida da  
vida ameaçada e desprotegida.

Maria de coração compassivo e aberto à realidade machucada,  
abre nossos corações para que sejamos uma presença  
de esperança e solidariedade.

Como nas bodas em Caná, nós também queremos estar a serviço da vida  
com atenção e criatividade compartilhando alegria, semeando  
esperança e construindo a irmandade universal.

Maria, mulher solidária, estreita entre as mulheres os laços de sororidade.  
Que continuemos criando espaços de participação em nossas comunidades.

Te pedimos que renoves a esperança do teu povo  
com o "vinho novo" da libertação.  
Assim esperamos e que assim seja!

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Odja. *O Magnificat é a resposta de Mária ao anúncio de Isabel*. Reflexão sobre Lucas 1,39-56. Disponível em: <https://cebi.org.br/reflexao-do-evangelho/comentario-do-evangelho/#:~:text=O%20Magnificat%20%C3%A9%20a%20resposta,humildes%20e%20espoliados%20da%20terra>. Acesso em: 20 de agosto de 2023.

BOFF, Clodovis. *Teologia pé-no-chão*. Petrópolis: Vozes, 1984.

CENTRO PIGNATELLI-CHINI. *Teologia Narrativa, un modo de hacer Teología Feminista*, Zaragoza, noviembre 1998. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUKEwjw6Z-Uxc7tAhUCCKwKHciKDD4QFjABegQIAhAC&url=http%3A%2F%2Fccparagon.pangea.org%2Fteologia%2Farchivosteologia%2Fteologianarrativa.htm&usg=AOvVaw1SbQ3czK-RD9W cAoz-DzrF>. Acesso: 14 de agosto de 2023.

FIORENZA, Elisabeth Schüssler. *As origens cristãs a partir da mulher: uma nova hermenêutica*. Trad. João Rezende Costa. São Paulo: Paulinas, 1992.

FIORENZA, Elisabeth Schüssler. Quebrando o silêncio: a mulher se torna visível. *Concilium*, Petrópolis, n.202, p.8 (618)-23(633), 1985/6.

JOHNSON, Elizabeth A. *Nossa verdadeira irmã: Teologia de Maria na comunhão dos santos*. Trad. Barbara Theoto Lambert. São Paulo: Loyola, 2006.

METZ, Johann Baptista. Pequena apologia da narração, *Concilium*, Petrópolis, v.85, n.2, p.580-592, 1973.

SEBASTIANE, Lilia. *Maria e Isabel. Ícone da solidariedade*. Trad. Tomás Belli. São Paulo: Paulinas, 1998.

\* Possui mestrado e doutorado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Graduado em filosofia pela Faculdade de Filosofia Imaculada Conceição (FAFIMC) e em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Foi professor adjunto da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Tem experiência na área de Filosofia, com ênfase em Epistemologia e Filosofia da Linguagem, atuando principalmente nos seguintes temas: hermenêutica, interpretação, linguagem e subjetividade. É padre na Diocese de Santo Ângelo, RS.

Email: aloisioruedell@gmail.com

 <https://orcid.org/0009-0001-8681-3605>

Recebido em 11/07/2023

Aprovado em 15/10/2023

## O CARÁTER PASTORAL DA CARTA APOSTÓLICA EM FORMA DE MOTU PROPRIO *MITIS IUDEX DOMINUS IESUS*, SOBRE A REFORMA DO PROCESSO CANÔNICO PARA AS CAUSAS DE DECLARAÇÃO DE NULIDADE DO MATRIMÔNIO NO CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO

uma leitura conjunta com *Amoris Laetitia*

## THE PASTORAL CHARACTER OF THE APOSTOLIC LETTER IN THE FORM OF MOTU PROPRIO *MITIS IUDEX DOMINUS IESUS*, ON THE REFORM OF THE CANONICAL PROCESS FOR THE CAUSES OF DECLARATION OF NULLITY OFF MARRIAGE IN THE CODE OF CANON LAW

a joint reading with *Amoris Laetitia*

*Aloísio Ruedell\**



**Resumo:** O propósito deste artigo é evidenciar a preocupação e a sensibilidade pastoral do Papa Francisco diante das dificuldades de muitos fiéis viverem o ideal matrimonial do Evangelho e como seu olhar misericordioso para os que vivem em situações chamadas “irregulares” o levou a decretar e estabelecer uma reforma do *processo de nulidade matrimonial*, para torná-lo mais simples e acessível. A análise dos critérios, que nortearam os trabalhos da reforma, mostrou que todos vêm ao encontro dessa preocupação pastoral. Foi feita uma leitura conjunta da *Amoris Laetitia* e do *MIDI*, porque os dois documentos, ocupados com o tema da família e suas dificuldades, tiveram em sua origem a mesma preocupação pastoral e se complementam.

**Palavras-Chave:** Família. Fragilidade. Misericórdia. Nulidade matrimonial. Reforma.

**Abstract:** The purpose of this article is to highlight Pope Francis' concern and pastoral sensitivity in the face of the difficulties of many faithful to live the marriage ideal of the Gospel and how his merciful gaze towards those who live in so-called "irregular" situations led him to decree and establish a reform of the marriage nullity process, to make it simpler and more accessible. The analysis of the criteria, which guided the work of the reform, showed that all meet this pastoral concern. A joint reading of *Amoris Laetitia* and *MIDI* was carried out, because the two documents, dealing with the theme of the family and its difficulties, had at their origin the same pastoral concern and complement each other.

**Keywords:** Family. Fragility. Mercy. Marriage nullity. Reform.

## INTRODUÇÃO

Toda organização e atuação jurídica canônica têm um sentido pastoral e visa à salvação das pessoas. A própria redação do Código Canônico [CIC 83]<sup>1</sup>. evidencia isso em seu texto. No mesmo sentido escreveu o Prof. Dr. Côn. Martin Segú Girona, que publicou um artigo esclarecedor sob o título *A Pastoralidade no e do Direito Canônico* (GIRONA, 2008). Ele analisa, particularmente, esse aspecto a propósito da Reforma e da transição do Código do Direito Canônico de 1917 para o atual de 1983.

A humanidade havia passado por duas grandes guerras e os sobreviventes almejavam e exigiam novos rumos e novas metas, na sociedade civil e também na Igreja. Esse clamor já tinha sido ouvido pelo cardeal Angelo Roncalli, especialista em história e profundo conhecedor da alma humana e das aspirações do homem moderno. Ao ser elevado ao trono de São Pedro, sob o nome de João XIII, em seguida ele já anunciava o propósito de convocar um Concílio Ecumênico, a ser realizado no Vaticano. Percebia a necessidade do “aggiornamento” de muitos institutos do Código e de toda a Igreja. Estruturas e organizações obsoletas tornaram-se impraticáveis para o homem moderno. Pois, o que se visava, em primeiríssimo lugar era “o bem das almas, que, em última análise, é o fim primordial de toda e qualquer pastoral” (GIRONA, 2008, p.126).



1 Muitas vezes referido por CIC 83. [Codex Iuris Canonici, Código de Direito Canônico].

Portanto, o Direito Canônico, como toda ação eclesial situa-se sempre sob um horizonte pastoral, numa perspectiva do Reino de Deus. O propósito deste artigo, contudo, é evidenciar que, na Reforma do Processo Canônico para as Causas de Nulidade do Matrimônio no Código de Direito Canônico, decretada pela Carta Apostólica em forma de Motu Proprio *Mitis Iudex Dominus Iesus*, do Papa Francisco (FRANCISCO, 2015a)<sup>2</sup>, a preocupação pastoral se sobressai ao jurídico. Sem descuidar deste e, mantendo seus princípios e procedimentos básicos, o foco está na proximidade e na acessibilidade jurídica para o povo.

A mesma preocupação do Papa em relação ao matrimônio já se encontra em *Amoris Laetitia*<sup>3</sup>. Já nesta exortação apostólica ele afirma que

aos pastores compete não só a promoção do matrimônio cristão, mas também ‘o discernimento pastoral das situações de muitas pessoas que deixaram de viver esta realidade’, para ‘entrar em diálogo pastoral com elas a fim de evidenciar os elementos da sua vida que possam levar a uma maior abertura ao Evangelho do matrimônio na sua plenitude (FRANCISCO, 2016, p.243, n.293).

Com isso, o objetivo deste artigo é fazer uma leitura conjunta dos dois documentos, ou mais precisamente, do *Mitis Iudex Dominus Iesus* [MIDI] e da *Amoris Laetitia* [AL], particularmente no cap. VIII, a fim de evidenciar o zelo e a preocupação pastoral do Santo Padre, conforme deixa transparecer em seus escritos. O início será pela *Amoris Laetitia*, devido a sua anterioridade cronológica. Suas preocupações e considerações serão importantes para, num segundo momento, estabelecer um elo de ligação com o MIDI e fazer a introdução deste com o tema “a preocupação pastoral e pastoral judiciária no MIDI”. A terceira e última abordagem será “Justificativa e critérios da Reforma”. Por fim, as considerações finais terão o sentido de retomar brevemente a caminhada da discussão e deverão dar conta do que fora projetado na introdução. - Será uma pesquisa exclusivamente teórica e bibliográfica, onde, para as referências, após sua primeira apresentação completa, serão usadas siglas ou abreviaturas já consagradas pelo uso nos documentos eclesiais.

## 2 LEITURA CONJUNTA DE *MITIS IUDEX DOMINUS IESUS* E *AMORIS LAETITIA*

### 2.1 *Amoris Laetitia* a Caminho do MIDI

*Amoris Laetitia* contém um capítulo especial para refletir sobre como “acompanhar, discernir e integrar a fragilidade” em relação à vivência matrimonial. (FRANCISCO, 2016, p.241-264, n.291-312). Inicia referindo-se ao relatório do Sínodo dos bispos sobre a família:

embora a Igreja reconheça que toda ruptura do vínculo matrimonial ‘é contra a vontade de Deus, está consciente também da fragilidade de muitos de seus filhos’. Iluminada pelo olhar de Cristo, a Igreja ‘dirige-se com amor àqueles que participam na sua vida de modo incompleto [...] (III ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS. n.24 e 25)<sup>4</sup>.

No mais, sabe-se pela Psicologia, o quanto a afetividade influencia no ajustamento psicossocial, no humor, na saúde psíquica, enfim, na capacidade de valorar, de vincular-se e, conseqüentemente, se engajar numa vivência familiar ou comunitária. Por isso, o recurso das ciências é bem vindo, para que os pastores conheçam melhor os seus fiéis,

2 A partir de agora também referido por MIDI.

3 A partir de agora também referido por AL.

4 Agora em diante também referido por *Relatio Synodi 2014*. Cf. também FRANCISCO, 2016, p.241, n.291.

evitando cobrá-los indevidamente naquilo que não podem dar ou viver, mas deles se aproximem com paciência e misericórdia.

“O matrimônio cristão, reflexo da união entre Cristo e sua Igreja, realiza-se plenamente na união entre um homem e uma mulher, que se doam reciprocamente com um amor exclusivo e livre fidelidade [...]” (FRANCISCO, 2016, p.242, n.292). Há, entretanto, formas de união que contradizem radicalmente este ideal, enquanto outras o realizam parcialmente. A Igreja não deixa de valorizar o que já existe de construtivo em situações que ainda não correspondem à sua compreensão de matrimônio.

Isso permite falar em “gradualidade na pastoral”. Pois, referindo-se ao Sínodo dos bispos, além de uma situação particular de um matrimônio apenas civil, também é de se considerar uma mera convivência. De tal modo que,

quando a união atinge uma notável estabilidade através de um vínculo público e se caracteriza por um afeto profundo, responsabilidade com a prole, capacidade de superar as provas, pode ser vista como uma ocasião a acompanhar na sua evolução para o sacramento do matrimônio (III ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS, 2014, p.8-9, n.27. Cf. FRANCISCO, 2016, p.23, n.293).

Cabe aos pastores discernir. Sua missão não é só a promoção do matrimônio, mas também “o discernimento pastoral das situações de muitas pessoas que deixaram de viver esta realidade”.

Nesse discernimento, a tarefa é identificar elementos que favoreçam a evangelização e o crescimento humano e espiritual. É necessário valorizar sinais de amor, que de algum modo refletem o amor de Deus, ou seja, desejam o verdadeiro amor. Enfim, “é preciso enfrentar todas estas situações de forma construtiva, procurando transformá-las em oportunidades de caminho para a plenitude do matrimônio e da família à luz do Evangelho. Trata-se de acolhê-las e acompanhá-las com paciência e delicadeza” (III ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS, 2014, p.11, n.43; Cf. FRANCISCO, 2016, p.244, n.294). Foi precisamente isso que Jesus fez em seu diálogo com a samaritana (Cf. Jo 4,4ss.).

No sentido dessas considerações, foi São João Paulo II que “propunha a chamada ‘lei da gradualidade’, ciente de que o ser humano ‘conhece, ama e cumpre o bem moral segundo diversas etapas de crescimento’” (JOÃO PAULO II, 1981, p.24-25, n.34)<sup>5</sup>. Não se trata, porém, de uma gradualidade da lei, e sim de uma “gradualidade no exercício prudencial dos atos livres em sujeitos que não estão em condições de compreender, apreciar ou praticar plenamente as exigências objetivas da lei” (JOÃO PAULO II, 1981, p.6, n.9).

Ao seguir nessa reflexão, verifica-se que o Papa Francisco faz suas proposições utilizando-se, basicamente, de duas palavras e conceitos: *discernimento* e *misericórdia*. Dá um destaque especial ao discernimento das situações chamadas “irregulares”. Uma vez que o Sínodo dos bispos já tratou dessas situações e, para não nos equivocarmos no caminho, ele quer propor com clareza:

Duas lógicas percorrem toda a história da Igreja: marginalizar e reintegrar. (...) O caminho da Igreja, desde o Concílio de Jerusalém em diante, é sempre o de Jesus: o caminho da misericórdia e da integração. (...) O caminho da Igreja é o de não condenar eternamente ninguém; derramar a misericórdia de Deus sobre todas as pessoas que a pedem com coração sincero (...). Porque a caridade verdadeira é sempre imerecida, incondicional e gratuita (FRANCISCO, 2016, p.246, n.296).

5 Agora em diante também referido por *Familiaris Consortio* ou FC. Cf. também FRANCISCO, 2016, p.245, n.295.

Conjugam-se, portanto, discernimento e misericórdia. Deve-se considerar a complexidade da realidade, e o próprio discernimento das situações irregulares deve ser conduzido por um olhar misericordioso. “Ninguém pode ser condenado para sempre, porque esta não é a lógica do Evangelho” (FRANCISCO, 2016, p.246, n.297).

Nesse sentido, o Papa também acolhe as considerações de muitos Padres sinodais, que quiseram afirmar que

os batizados que são divorciados e recasados devem ser integrados mais intensamente nas comunidades cristãs, de várias maneiras possíveis, evitando todas as ocasiões de escândalo. A lógica da integração constitui a chave do seu acompanhamento pastoral, para que não somente saibam pertencer ao Corpo de Cristo que é a Igreja, mas possam fazer uma experiência feliz e fecunda da mesma (...) (XIV ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS, 2015, p.27, n.84)<sup>6</sup>.

A participação pode exprimir-se em diferentes serviços, e também é preciso verificar as diferentes formas de exclusão praticadas. Enfim, “eles não apenas não devem sentir-se excomungados, mas podem viver e amadurecer como membros vivos da Igreja, sentindo-a como uma mãe que os recebe sempre, que cuida deles com carinho e que os anima no caminho da vida e do Evangelho” (XIV ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS, 2015, p.27, n.84).

Considerando a variedade inumerável de situações “irregulares”, é compreensível que o Papa não tenha dado uma normativa geral canônica aplicável a todos os casos. Pois, “o grau de responsabilidade não é igual em todos os casos” (XIV ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS, 2015, p.18, n.51. Cf. FRANCISCO, 2016, p.250, n.300). Da mesma forma, “as consequências ou efeitos de uma norma não devem necessariamente ser sempre os mesmos” (FRANCISCO, 2016, p.250, n.300). Cabe ao sacerdote acompanhar as pessoas interessadas no caminho do discernimento, conforme o ensinamento da Igreja e as orientações do bispo.

Ainda, para uma melhor compreensão dessa discussão, também deve ser lembrada a questão das *circunstâncias atenuantes no discernimento pastoral*. O Papa afirma que a Igreja já tem uma sólida formação sobre esse assunto. Por isso, “já não é possível dizer que todos os que estão em uma situação chamada ‘irregular’ vivem em estado de pecado mortal, privados da graça santificante” (FRANCISCO, 2016, p.252, n.301). Os limites atenuantes podem ser os mais diversos, e não apenas de um eventual desconhecimento da norma. Alguém, por exemplo, pode conhecer bem a norma, mas não compreender os valores que lhe são inerentes ou pode estar numa situação concreta que não lhe permite agir de maneira diferente.

O *Catecismo da Igreja Católica* – lembra o Papa – exprime-se categoricamente: “A imputabilidade e responsabilidade de um ato podem ser diminuídas, e até anuladas, pela ignorância, a inadvertência, a violência, o medo, os hábitos, as afeições desordenadas e outros fatores psíquicos ou sociais” (SANTA SÉ, 1993, p.411, n.1735). Em outro parágrafo, refere-se novamente às circunstâncias que atenuam a responsabilidade moral.

Assim, uma vez reconhecido o peso dos condicionamentos concretos, que podem atenuar a gravidade da situação “irregular”, deve-se, contudo, trabalhar para “o amadurecimento de uma consciência esclarecida, formada e acompanhada pelo discernimento responsável e sério do pastor, e propor uma confiança cada vez maior na graça” (FRANCISCO, 2016, p.254-255, n.303). Que esse discernimento seja dinâmico, “aberto para novas etapas de crescimento e novas decisões que permitam realizar o ideal de forma mais completa”.

<sup>6</sup> A partir de agora também referido por *Relatório Final*. Cf. também FRANCISCO, 2016, p.249, n.299.

Em qualquer situação não pode o pastor limitar-se simplesmente a aplicar “leis morais aos que vivem em situações ‘irregulares’, como se fossem pedras que se atiram contra a vida das pessoas” (FRANCISCO, 2016, p.256, n.305). Pois,

por causa dos condicionalismos ou dos fatores atenuantes, é possível que uma pessoa, no meio duma situação objetiva de pecado – mas subjetivamente não seja culpável ou não o seja plenamente –, possa viver em graça de Deus, possa amar e possa também crescer na vida de graça e de caridade, recebendo para isso a ajuda da Igreja (FRANCISCO, 2016, p.257, n.305. Cf. também FRANCISCO, 2013, p.39, n.44)<sup>7</sup>.

No entanto, levar em consideração os condicionamentos atenuantes de modo algum significa que a Igreja deixa de propor o ideal pleno do matrimônio, o projeto de Deus em toda a sua grandeza. Ao contrário, é preciso encorajar e motivar os jovens para a vivência do sacramento, para receberem a graça de Cristo e participarem plenamente na vida da Igreja. A compreensão pelas situações excepcionais não implica esconder a luz do ideal mais pleno. Mais do que uma pastoral dos fracassados, é importante o esforço pastoral para consolidar o matrimônio, de modo a evitar as rupturas (Cf. FRANCISCO, 2016, p.259, n.307).

De outro lado, consciente da fragilidade humana e das circunstâncias atenuantes, sem diminuir o valor do ideal evangélico, é preciso acompanhar, com misericórdia e paciência, as possíveis etapas de crescimento das pessoas, que se vão construindo dia após dia’, dando lugar à ‘misericórdia do Senhor que nos incentiva a praticar o bem possível (FRANCISCO, 2013, p.39, n.44. Cf. também FRANCISCO, 2016, p.260, n.38).

A teologia moral - no dizer do Papa - deveria assumir todas essas considerações. Embora ela tenha justa preocupação com a integralidade da doutrina moral da Igreja, deve, contudo, ter um cuidado especial com os valores centrais do Evangelho, particularmente com a caridade, como resposta ao amor gratuito de Deus, que se mostra misericordioso em seu Filho encarnado. Por isso, “a misericórdia não exclui a justiça e a verdade, mas, antes de tudo, temos de dizer que a misericórdia é a plenitude da justiça e a manifestação mais luminosa da verdade de Deus” (FRANCISCO, 2016, p.263, n.311).

Nessa visão pastoral e assumindo essa compreensão e vivência da fé cristã, evita-se desenvolver uma moral fria e de escritório quando se trata de temas delicados, situando-se num contexto de discernimento pastoral cheio de amor e misericórdia. “Esta é a lógica – conclui o Papa – que deve prevalecer na Igreja, para ‘fazer a experiência de abrir o coração àqueles que vivem nas mais variadas periferias existenciais’” (FRANCISCO, 2016, n. 312)<sup>8</sup>.

## 2.2 Preocupação Pastoral e Pastoral Judiciária no *MIDI*

O mesmo espírito e a motivação pastoral presentes em *Amoris Laetitia* verifica-se também na elaboração da Carta Apostólica em forma de Motu Próprio *sobre a reforma do processo canônico para as causas de declaração de nulidade do matrimônio no Código de Direito Canônico*. Francisco parte de Jesus, manso Juiz e Pastor de nossas almas, que se constitui em fundamento de seu projeto reformista. Jesus confiou sua missão e seu poder ao Apóstolo Pedro e seus Sucessores, cabendo hoje aos pastores da Igreja o direito e o dever da obra da justiça e da verdade.

7 A partir de agora também referido por *EG*.

8 Também: FRANCISCO. *Misericordiae Vultus: o rosto da misericórdia*. Bula de Proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia. São Paulo: Paulinas, 2015c, p.21, n.15. A partir de agora também referido por *MV*.

Depois, no decorrer do tempo, a Igreja, à luz da Palavra de Deus, foi compreendendo e expondo com maior profundidade a doutrina da indissolubilidade do vínculo matrimonial. Assim também elaborou o sistema das nulidades do consentimento matrimonial, e disciplinou de maneira mais adequada o relativo processo judicial, de modo que fosse sempre mais coerente com a verdade da fé professada.

Francisco está consciente de que tudo foi sempre feito e deve convergir na “lei suprema da salvação das almas” (CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO, 1983, C.1752). Ciente disso, ele resolveu fazer a reforma dos processos de nulidade do matrimônio, e, nesse sentido, constituiu um grupo de trabalho, recomendando-lhe manter firme o princípio da indissolubilidade, ou seja, que a união pelo amor matrimonial é para toda vida. Mas, o que mais chama atenção é que

o impulso reformador é alimentado pelo ingente número de fiéis que, embora desejando prover a sua própria consciência, muitas vezes foram afastados das estruturas jurídicas da Igreja por causa da distância física ou moral; ora, a caridade e a misericórdia exigem que a própria Igreja como mãe se torne próxima dos filhos que se consideram separados (FRANCISCO, 2015a, Introdução).

No mesmo sentido, escreve o Papa, o Sínodo Extraordinário dos bispos tem solicitado processos mais rápidos e acessíveis.

Entretanto, anterior ao processo propriamente jurídico, é importante que se desenvolvam ações a partir de uma pastoral matrimonial diocesana e paroquial, que vá ao encontro de esposos separados ou divorciados, que eventualmente se tenham afastado da prática religiosa. Pode ser o caminho para uma pastoral judiciária, que seria como que um “braço estendido” da “Igreja em saída”, que vai ao encontro dos que estão distantes, e facilita o acesso à estrutura judiciária. Cabe-lhe uma orientação e uma investigação preliminar ao processo judiciário, com procedimentos que ajudarão aos fiéis que eventualmente se dirigirem ao tribunal eclesiástico, para que cheguem preparados.

É de certa forma isso que está proposto nas *regras processuais para as causas de declaração de nulidade do matrimônio* (FRANCISCO, 2015a, p.9)<sup>9</sup>. Embora não tenham o nome de cânones, essas regras integram o *MIDI*, portanto, participam de sua natureza. “Na leitura dos cânones modificados, como também dos demais artigos do *MIDI*, é possível perceber que, na verdade, alguns deles (...) supõem esta pastoral judiciária, inserida na pastoral familiar” (RIBEIRO, 2016, p.45). Certamente é “desejável que a pastoral familiar tenha, também, uma dimensão judicial, reforçando-se”, assim, “a estreita relação entre direito e pastoral, particularmente no que tange às causas de nulidade matrimonial” (RIBEIRO, 2016, p.45). Sem essa pastoral judiciária, o êxito da reforma poderá ficar parcialmente comprometido.

Por isso, o Papa insiste nessa direção e, diante do afastamento de muitos fiéis da estrutura judiciária, ele optou por estabelecer alguns procedimentos que, se aplicados, poderão contribuir muito, quando as pessoas se dirigirem ao tribunal eclesiástico para uma análise judicial de seu próprio matrimônio. É importante que elas já venham preparadas, no sentido de buscar a verdade sobre o seu matrimônio “e não, simplesmente, obter a nulidade a todo custo, querendo que prevaleça de modo unilateral a sua percepção subjetiva dos fatos” (RIBEIRO, 2016, p.46). No artigo 1 das RPNM, o Papa recorda que

o Bispo, em virtude do cân. 383 & 1, é obrigado a seguir com ânimo apostólico os esposos separados ou divorciados que, pela sua condição de vida, tenham eventualmente abandonado a prática religiosa. Ele partilha, portanto, com os párocos (cf. cân. 529 & 1) a solicitude pastoral para com esses fiéis em dificuldade.

9 Essas *regras processuais*... agora em diante serão referidas por RPNM.

E esse acompanhamento pode fazer-se melhor no âmbito da pastoral familiar, que “em vários lugares já realiza um trabalho com casais separados ou divorciados, embora, talvez, ainda não se ocupe, mais de perto, da questão jurídica da nulidade do matrimônio” (RIBEIRO, 2016, p. 47). Se ainda não existe esse aspecto jurídico, o importante é que a pastoral familiar paroquial e diocesana preste este serviço específico de acolhida e orientação das pessoas que, eventualmente, possam necessitar das estruturas eclesiais da Igreja. No mais, na ausência de uma estrutura propriamente judiciária, há, positivamente, um maior espaço de liberdade, para agir com criatividade (Cf. RIBEIRO, 2016, p.47, nota 27)<sup>10</sup>.

Já no artigo 2 das RPNM o Papa escreve sobre a importância de uma investigação preliminar ou pastoral, com a finalidade de ajudar as pessoas a conhecer sua condição e recolher elementos úteis para um eventual processo judicial, ordinário ou mais breve. Nessa tarefa pode ser útil a participação de fiéis especialistas em determinadas ciências humanas. Por exemplo, a colaboração do psicólogo pode ser importante se as partes (se) pudessem se reconciliar, o que não significa necessariamente reatar a união. Pode também ser importante para uma análise mais objetiva da própria experiência matrimonial, e assim poderem enfrentar “o processo com lucidez, força e coragem, empenhando-se na busca da verdade que, como afirmado, é uma condição fundamental para se chegar a uma sentença justa, uma vez que as partes têm direito a um processo justo” (RIBEIRO, 2016, p.49). Eis o texto do Papa:

Art.2. A investigação pré-judicial ou pastoral, que acolhe nas estruturas paroquiais ou diocesanas os fiéis separados ou divorciados que duvidam da validade do próprio matrimônio ou estão convictos de sua nulidade, tem por fim conhecer a sua condição e recolher elementos úteis para eventual celebração do processo judicial, ordinário ou mais breve. Tal investigação desenvolver-se-á no âmbito da pastoral matrimonial diocesana unitária.

Ao analisar o art. 3 das RPNM, evidencia-se que o Papa não mistura competências, pois, não cabe ao titular do poder jurídico fazer as investigações prévias e, muito menos, assumir a pastoral judiciária anterior ao processo. Essa deve ser confiada a outras pessoas, sendo da responsabilidade do Bispo verificar se são idôneas para a função. Embora essas pessoas não necessitem de uma formação exclusivamente jurídico-canônica, o importante é que tenham uma formação suficiente – sem excluir a jurídico-canônica – para exercer esse serviço de consultoria, acompanhando os cônjuges no discernimento a respeito de sua própria condição. Entre as pessoas que possam exercer esse serviço, o Papa destaca, em primeiro lugar, o próprio pároco ou quem preparou os cônjuges para a celebração do matrimônio, mas também não descarta que essa função seja confiada a outros clérigos, a consagrados e, até mesmo a leigos, desde que preparados e aprovados pelo Ordinário do lugar. segue o artigo:

Art. 3. A mesma investigação será confiada a pessoas consideradas idôneas pelo Ordinário do lugar, dotadas de competência ainda que não exclusivamente jurídico-canônicas. Entre elas, conta-se em primeiro lugar o pároco próprio ou aquele que preparou os cônjuges para a celebração das núpcias. Esta função de consulta pode ser confiada também a outros clérigos, consagrados ou leigos aprovados pelo Ordinário do lugar.

Organizar e dinamizar adequadamente uma pastoral judiciária certamente será um grande diferencial para um possível encaminhamento do processo de nulidade

<sup>10</sup> Aí o autor refere-se à diocese de Milão, onde foi criada uma estrutura de acolhida dos fiéis separados ou divorciados. No decreto de criação deste serviço aparece delineada a sua finalidade e as funções que nele são desempenhadas.

matrimonial. O Papa inclusive sugere que a Diocese ou várias dioceses em conjunto constituam uma estrutura estável para fornecer esse serviço e, se for o caso, elaborem um “*Vademecum*, onde se exponham os elementos essenciais para o desenvolvimento mais adequado da investigação” (FRANCISCO, 2015a, p.9, RPNM, art. 3). Com essa estrutura e pessoas idôneas a prestar o respectivo serviço,

seguramente a investigação pastoral prévia ao processo de nulidade matrimonial recolherá os elementos úteis para a eventual introdução da causa por parte dos cônjuges, ou do seu advogado canônico, diante do tribunal competente, desde que, obviamente, as partes resolvam, de comum acordo, ou não, entrar com o pedido de declaração de nulidade matrimonial junto à autoridade competente (RIBEIRO, 2016, p.50).

Assim, se a introdução da causa for precedida por um trabalho anterior de acolhida e orientação, onde as partes têm oportunidade de fazer um sério discernimento sobre a própria situação e, ao mesmo tempo, recolher elementos e, inclusive, documentos, importantes para sustentar sua visão a respeito da nulidade, ou não, de seu próprio matrimônio, não há dúvidas que aí se criam condições favoráveis para um processo mais rápido, sem, contudo, prejudicar a profundidade da investigação dos fatos e o compromisso com a verdade. Com certeza, isso favorece uma instrução mais rápida e uma decisão mais célere da causa, vindo ao encontro da imploração do Sínodo Extraordinário dos bispos ao Santo Padre: que os processos fossem “mais rápidos e acessíveis” (FRANCISCO, 2015a, Proêmio, p.2).

Ainda cabe lembrar, como já visto acima, que não se podem misturar as competências. Por isso, as pessoas “que atuarem na fase anterior ao processo não poderão atuar na causa como juiz ou como defensor do vínculo”. O primeiro tem compromisso com a imparcialidade e este “com a tutela do vínculo nupcial” (RIBEIRO, 2016, p.50). Ao seguir na fase pré-processual, o art. 4 das RPNM anuncia:

A investigação pastoral recolhe os elementos úteis para a eventual introdução da causa por parte dos cônjuges ou de seu patrono perante o tribunal competente. Indague-se se as partes estão de acordo em pedir a nulidade.

Por fim, feito todo o caminho do discernimento e da investigação anteriores, caso se opte pelo processo, encerra-se essa fase com a elaboração do libelo, que deverá ser apresentado ao tribunal competente. Eis o artigo 5.: “Recolhidos todos os elementos, a investigação se encerra com o libelo, a ser apresentado, se for o caso, ao tribunal competente.

Ainda convém distinguir: em relação às estruturas estritamente judiciárias, não há por parte do Bispo muita liberdade de ação, pois elas são definidas por lei, mas o mesmo não ocorre com as sugestões e iniciativas anteriores ao processo de declaração de nulidade, indicadas pelo Papa Francisco nesses primeiros cinco artigos do *MIDI* e que podem estar inseridas na pastoral judiciária e familiar. Existe aí um campo aberto, com muitas possibilidades e “com uma enorme margem de liberdade, que poderia e/ou deveria ser muito bem explorada”.

O fundamental é acolher e responder com criatividade e generosidade à reforma proposta para que, assim, seja superada a distância física e moral que separa a muitos fiéis das estruturas judiciárias da Igreja, privando-os do direito de discutir processualmente o que diz respeito ao próprio estado de vida (RIBEIRO, 2016, p.50).

## 2.3 Justificativa e critérios da Reforma

Pretende-se mostrar aqui que há um caminho lógico e uma coerência entre as iniciativas e as investigações anteriores ao processo judiciário, indicadas pelo Papa Francisco, e a justificativa e os critérios que conduziram a reforma por ele decretada. Serão vistos os principais motivos que levaram o Papa a optar por uma reforma nos processos de nulidade matrimonial, bem como os critérios que a nortearam. Esses critérios são fundamentais para uma interpretação adequada das mudanças realizadas na legislação e também para sanar eventuais dúvidas na hora de sua aplicação.

### 2.3.1 Justificativa

Após afirmar, no Proêmio do *MIDI*, que a normativa canônica sobre o matrimônio sempre deve ser coerente com a verdade da fé professada, o que significa que não está em discussão a doutrina da indissolubilidade, o Papa Francisco recordou que na Igreja a *salus animarum* (= a salvação das almas) é sempre a lei suprema (cf. cân. 1752). Ou seja, todas as instituições eclesásticas têm o sentido de comunicar a graça divina e favorecer o bem dos fiéis.

Também em sua fala aos Bispos, expondo-lhes o propósito de uma reforma das normas do processo de nulidade matrimonial, o Papa deixou claro que se tratava de uma preocupação com a *salus animarum*. Assim se exprime ele:

Alimenta o impulso reformador o enorme número de fiéis que, embora desejando prover a própria consciência, muitas vezes se afastam das estruturas jurídicas da Igreja por causa da distância física ou moral; a caridade e a misericórdia, portanto, exigem que a própria Igreja como mãe se aproxime dos filhos que se consideram separados (FRANCISCO, 2015, Proêmio, p.1).

Evidencia-se aí a sensibilidade pastoral do Romano Pontífice, que quer evitar uma “elitização” da justiça na Igreja. De fato, para muitas pessoas, que vivem uma situação matrimonial irregular, torna-se muito difícil chegar a um tribunal eclesial para esclarecer quais as reais condições de seu matrimônio. Em geral, é muito custoso, demorado e incerto. Isso desmotiva as pessoas para procurar o tribunal. Acabam renunciando ao direito de discutir judicialmente a nulidade do próprio matrimônio, resignando-se à situação na qual vivem.

Diante desta realidade, o Papa deseja “favorecer mais a proximidade entre os fiéis e as estruturas judiciárias da Igreja, seja valorizando a figura do Bispo diocesano como juiz próprio, seja atribuindo a ele a responsabilidade pela organização de uma pastoral judiciária, incentivando-o, também, a criar o próprio tribunal diocesano, embora no respeito à normativa vigente no que tange às estruturas judiciárias da Igreja” (RIBEIRO, 2016., p.20).

Na sequência da introdução, para evitar equívocos ou distorções, o Romano Pontífice teve o cuidado de esclarecer que a reforma proposta não tem por objetivo “favorecer a nulidade do matrimônio, mas, a celeridade dos processos” (FRANCISCO, 2015a, Proêmio, p.2). É uma afirmação importante, pois, se, de um lado, se quer garantir que a validade ou nulidade do matrimônio seja decidida e proferida em tempo razoável, isto é, com celeridade, por outro lado, é fundamental que essa decisão esteja sempre em conformidade com a verdade. Pois, a decisão da Igreja é de natureza meramente declarativa, baseada na doutrina e sendo fiel à verdade dos fatos. Isso, porém, não pode ser argumento para impedir uma maior simplificação do processo.

Um pouco adiante, antes de expor os critérios fundamentais da reforma, o Papa também explica, no proêmio do *MIDI*, porque optou por manter a exigência de um

processo de natureza judicial para verificar a existência ou não da nulidade do matrimônio, não atendendo àqueles que queriam a adoção de um processo de natureza administrativa:

Fiz isso seguindo naturalmente os passos dos meus Antecessores, os quais quiseram que as causas de nulidade do matrimônio fossem tratadas por via judicial, e não administrativa, não porque o imponha a natureza da coisa, mas porque o exige a necessidade de tutelar ao máximo a verdade do sagrado vínculo, sendo isso assegurado, sem dúvida, pelas garantias da ordem judiciária (FRANCISCO, 2015a, Proêmio).

Portanto, o argumento determinante para o Papa optar pelo caminho judicial foi a necessidade de tutelar ao máximo a verdade do sagrado vínculo. No mais, “é preciso acrescentar, que é fundamental que se ofereça aos fiéis condições para um discernimento sério a respeito da própria situação matrimonial, a fim de que a decisão final, seja ela qual for, realmente reflita a realidade dos fatos e não simplesmente as percepções subjetivas que deles se tem” (RIBEIRO, 2016, p.21).

Enfim, o Papa Francisco, mantendo-se alinhado com a Tradição da Igreja, vê o processo de natureza judicial mais como um valor do que como um problema. Seria realmente uma grande perda privar os fiéis da possibilidade de esclarecer judicialmente sua própria situação matrimonial. O importante é que a estrutura judicial seja acessível e o processo tenha a devida celeridade, com uma dinâmica sempre focada na verdade. E, ao final, devem caminhar juntas misericórdia e verdade.

### 2.3.2 Critérios da Reforma

Antes de apresentar as mudanças na atual legislação, o Papa Francisco explicitou os critérios que conduziram a reforma do processo de nulidade matrimonial. São ao todo oito. Todos eles vêm ao encontro da preocupação pastoral com a celeridade e acessibilidade do processo judiciário. São uma resposta àquilo que os Bispos imploraram ao Santo Padre: que os processos fossem mais rápidos e acessíveis. Cada um desses critérios será agora objeto de uma breve análise.

1º - *Uma única sentença favorável à nulidade é executiva.* – O cânon 1682, & 1, determinava a necessidade de se transmitir *ex officio* ao tribunal de apelação a sentença que tivesse declarado por primeiro a nulidade do matrimônio. O tribunal de apelação deveria confirmar por um decreto a decisão afirmativa, ou, então, encaminhar a causa para um exame ordinário, que, ao final, levaria a uma sentença afirmativa ou negativa. Esta exigência de uma dupla sentença foi objeto de discussão na III Assembleia Geral Extraordinária do Sínodo dos Bispos, que pediram a sua supressão, depois assumida pelo Papa.

Os motivos para esse passo foram diversos. Destaca-se, inicialmente, um motivo de ordem estatística. Referindo-se a um relatório da

atividade dos tribunais eclesiais na Igreja no ano de 2012, publicado em 2014, consta que a mudança em segunda instância das sentenças *pro nulitate matrimonii* (= favorável à nulidade do matrimônio) proferidas em primeira instância foi de 1 por cento nos Estados Unidos da América e no Canadá; de 7,4 por cento na Europa e de 3,3 por cento na Igreja como um todo (RIBEIRO, 2016, p.26).

Pondera-se, que essas poucas mudanças da primeira para a segunda sentença ainda provenham, na maior parte, das apelações dos respectivos defensores do vínculo, ou, então, do cônjuge que considera válido o matrimônio impugnado por seu consorte. Assim, se na prática, a grande maioria das sentenças afirmativas encaminhadas aos tribunais de

segunda instância era confirmada, parece não ter muito efeito prático e é um aumento desnecessário do tempo do processo manter a exigência de uma dupla sentença. No mais, suprindo essa exigência, como consta no cânon 1682, não está vedado o direito de apelação, tanto das partes quanto do defensor do vínculo ou promotor. Ao final dessa discussão,

a dificuldade em observar os prazos fixados por lei, gerando uma grande demora em prejuízo das partes, somada a pouca utilidade prática da exigência estabelecida pelo cânon 1682, levaram o Papa Francisco a eliminar a exigência da dupla sentença conforme que, aliás, é de direito eclesiástico, sem, com isso, comprometer o direito das partes (privadas e públicas) de apelarem da decisão (RIBEIRO, 2016, p. 30).

2º - *O juiz único sob a responsabilidade do Bispo*. – Assim reza o texto: “A constituição do juiz único, certamente clérigo, em primeira instância é confiada à responsabilidade do Bispo que, no exercício pastoral do seu poder judicial, deverá assegurar que não se consinta [em] qualquer forma de laxismo” (FRANCISCO, 2015a, Critérios da Reforma, p.2).

Essa possibilidade de um juiz monocrático na primeira instância para as causas que o direito preceitua a necessidade de um tribunal colegial já existia. Basta conferir o cânon 1425, & 4, que afirma: “No juízo de primeiro grau, não sendo possível, eventualmente, constituir um colégio, a Conferência dos Bispos, enquanto perdurar tal possibilidade, pode permitir ao Bispo confiar a causa a um único juiz clérigo que escolha para si, onde for possível, um assessor e um auditor”.

O *MIDI*, entretanto, faz uma mudança em relação a essa possibilidade: agora o Bispo diocesano não precisará mais solicitar a permissão da Conferência Episcopal para confiar as causas a um único juiz clérigo em seu tribunal. Isso, porém, não significa que o Papa abra a possibilidade de se criar tribunais diocesanos monocráticos à vontade, para tratar das causas de nulidade matrimonial, eliminando a obrigatoriedade da tratativa colegial da matéria. – É uma questão aberta, que é tratada em outro contexto.

3º - *O próprio Bispo é juiz*. – Este critério também não é uma novidade absoluta, nem no sentido teológico, nem jurídico. Quanto ao aspecto teológico, o Papa quer traduzir na prática os ensinamentos do Concílio Vaticano II, ao estabelecer que “o próprio Bispo na sua Igreja, da qual está constituído pastor e chefe, é por isso mesmo juiz no meio dos fiéis a ele confiados”. Quanto ao aspecto jurídico, há vários cânones que já davam ao Bispo essa competência de ser o juiz nas causas de nulidade matrimonial, a ponto de se perguntar: qual, então, a novidade que esse critério do *MIDI* nos traz?

Cân. 391, & 1. Compete ao Bispo diocesano governar a Igreja particular que lhe é confiada, com poder legislativo, executivo e judiciário, de acordo com o direito.

& 2. O Bispo mesmo exerce o poder legislativo; exerce o poder executivo pessoalmente ou por meio de vigários gerais ou episcopais, de acordo com o direito; exerce o poder judiciário pessoalmente ou por meio do Vigário Judicial e dos juízes, de acordo com o direito.

Cân. 1419, & 1. Em cada diocese e para todas as causas não expressamente excetuadas pelo direito, o juiz de primeira instância é o Bispo diocesano, que pode exercer o poder judiciário pessoalmente ou por outros, segundo os cânones seguintes.

Em *Dignitas Connubii* (DiC), contudo, se afirma que não convém que o Bispo diocesano exercite pessoalmente o poder judiciário, a não ser que motivos especiais o exijam. Isso significa que, na prática, até a publicação do *MIDI*, “a principal função (embora não única) do Bispo diocesano, como juiz próprio, consistia em prover os ofícios eclesiásticos previstos para a administração da justiça na Igreja local a ele

confiada” (RIBEIRO, 2016, p.32). Mas, o Vigário Judicial e demais juízes exerciam vicária e ordinariamente o poder judiciário, e raramente o Bispo reservava para si alguma causa.

Ora, o Papa propõe uma pastoral judiciária e quer uma maior proximidade entre as partes e quem julga a nulidade matrimonial. Ciente do caráter pastoral do direito, quer que as estruturas judiciárias da Igreja sejam mais acessíveis aos fiéis, evitando a elitização da justiça. Por isso, prefere que sejam constituídos tribunais diocesanos, mas também deixa aberta a possibilidade de tribunais interdiocesanos.

Enfim, o terceiro critério mostra que o Papa quer valorizar e, ao mesmo tempo, envolver o Bispo diocesano na atividade judiciária, dela tomando parte de diversas maneiras:

seja na provisão dos cargos judiciais, seja curando a preparação dos operadores do tribunal eclesiástico diocesano, seja na criação de um serviço de caráter pré-processual, talvez, ligado à pastoral familiar, seja julgando pessoalmente aquelas causas que lhe forem remetidas pelo Vigário Judicial para serem decididas por meio de um procedimento breve, salvo sempre o seu direito de avocar a si outras causas dentro do âmbito de sua competência (RIBEIRO, 2016, p.34).

4º - *O processo mais breve.* – Aqui o Papa anuncia uma forma de processo mais breve, a ser aplicada apenas em casos onde a nulidade do matrimônio for sustentada por argumentos particularmente evidentes. Atento, e para evitar que esse processo colocasse em risco o princípio da indissolubilidade do matrimônio, ele o reservou ao Bispo diocesano, que nele atuaria como juiz monocrático. O Bispo, em virtude de seu cargo pastoral - entende o Romano Pontífice - é, com Pedro, o maior garante da unidade católica na fé e na disciplina.

Entretanto, não é novidade absoluta a existência de um processo mais breve para tratar da nulidade do matrimônio. O atual código de direito canônico estabelece vários procedimentos judiciais mais breves. Por exemplo, “quando o motivo da nulidade é um impedimento não dispensado ou um defeito da forma não sanado e há documentos, não impugnáveis, que demonstrem isso”. Também,

se a nulidade é devida a um defeito ou a um vício de consentimento, ou mesmo quando não se pode demonstrar a existência de um impedimento ou um defeito de forma mediante um documento não impugnável, a lei prevê dois graus de juízo, sendo o primeiro chamado de processo (juízo) contencioso ordinário (mantido), e o segundo de processo judicial abreviado (mantido, mas modificado) (RIBEIRO, 2016, p.34).

Portanto, segundo Ribeiro, o CIC 83 já estabelecia um processo judicial abreviado, que, porém, foi modificado com a Reforma do Papa Francisco. Mas, o que interessa particularmente aqui é um

procedimento judicial chamado ‘extraordinário’, que aparece indicado no artigo 118 da *Lex Propria* do Supremo Tribunal da Assinatura Apostólica. Esse processo previa que a Assinatura Apostólica, por meio de um decreto conclusivo do seu Prefeito, declarasse a nulidade do matrimônio, independentemente dos motivos, desde que os dados existentes mostrassem a não necessidade de sondagens posteriores (RIBEIRO, 2016, p.35).

Ao anunciar, agora, a adoção de um procedimento judicial mais breve, o Papa Francisco está transferindo para os Bispos, e não para aos juízes, uma atribuição que, até aí, cabia à Assinatura Apostólica (Cf. RIBEIRO, 2016, p.36-37). Este é, sem dúvida, um gesto significativo para encurtar a distância entre as estruturas judiciárias e as pessoas que delas necessitam. Faz parte de um movimento de aproximação da Igreja dos que estão à

margem das estruturas e dos serviços eclesiais. O Bispo, que está mais próximo de seus fiéis, é agora constituído como juiz monocrático, único, daqueles que lhe são confiados ao seu pastoreio.

5º - *Apelação à Sé Metropolitana*. – O desejo do Papa é restabelecer a apelação à Sé Metropolitana, uma vez que tal ofício de chefia da província eclesial, estável ao longo dos séculos, é um sinal distintivo da sinodalidade na Igreja.

O atual Código da Igreja Católica, segundo Ribeiro, prevê quatro hipóteses para o segundo grau na hierarquia dos tribunais territoriais, tendo cada uma suas normas específicas. Assim se procura garantir o exercício do direito de apelação para a parte que eventualmente se considerar injustiçada pela sentença. Sem examinar todas as possibilidades, cabe destacar que, “a escolha do critério territorial, determinado pela área geográfica da província eclesial, implica que o tribunal metropolitano seja o tribunal de segunda instância para todos os tribunais diocesanos da província eclesial, isto é, para todas as dioceses sufragâneas (cân. 1438, 1º e DiC, art. 25, 1)” (RIBEIRO, 2016, p.37-38). A mesma regra também se aplica a um eventual tribunal interdiocesano, se composto por dioceses da mesma província.

6º - *A tarefa própria das Conferências Episcopais*. – O Papa Francisco pede que as Conferências Episcopais se deixem impelir pelo zelo apostólico para alcançar os fiéis dispersos, respeitem e incentivem os Bispos na organização do exercício judicial em suas Igrejas, ajudando-os a restaurar a proximidade entre o juiz e os fiéis, bem como a colocar em prática toda a reforma do processo matrimonial.

Juntamente com a proximidade do juiz, o Papa quer que as Conferências Episcopais cuidem, na medida do possível, da gratuidade dos processos, para que a Igreja, “mostrando-se aos fiéis mãe generosa, em uma matéria tão estreitamente ligada à salvação das almas, manifeste o amor gratuito de Cristo pelo qual todos fomos salvos”.

Entretanto, ao fazer o pedido da gratuidade, o Papa ao mesmo tempo recorda a necessidade da justa e digna remuneração dos operadores dos tribunais, considerando que muitos se dedicam integralmente a este serviço, provendo a si mesmos e, por vezes, suas famílias (quando leigos), com o fruto de seu trabalho. Trata-se aqui de uma preocupação que está em sintonia com o cânon 281, &1, do Código atual:

Os clérigos, na medida em que se dedicam ao ministério eclesial, merecem uma remuneração condizente com a sua condição, levando-se em conta seja a natureza do próprio ofício, sejam as condições do lugar e tempo, de modo que com ela possam prover as necessidades de sua vida e também à justa retribuição daqueles de cujo serviço necessitam (*Código de Direito Canônico*, 1983, c.1649).

Em relação à gratuidade do processo judicial canônico, não é algo totalmente novo. O cânon 1649, &1 do atual Código da Igreja Católica estabelece que ao Bispo cabe supervisionar o tribunal e estabelecer normas, e entre estas, conforme & 3, a possibilidade do “gratuito patrocínio ou redução das despesas”. Dá a impressão que o Santo Padre quer avivar e urgir ou potencializar uma possibilidade que já existia, mas pouco explorada. É preciso ter mais sensibilidade pastoral, facilitando ao máximo o acesso dos fiéis aos serviços da Igreja.

No mais, embora a gratuidade esteja incluída nos critérios que conduziram a reforma do processo de nulidade matrimonial, nem os cânones e nem os artigos do *MIDI* ocupam-se diretamente com ela. Da mesma forma no CIC 83, em momento algum, a gratuidade é colocada como direito absoluto das partes envolvidas no processo de nulidade matrimonial. O cânon 1649, 1, 3º que trata dessa questão – como já referido – permaneceu inalterado no *MIDI*.

Com isso pode-se concluir, que antes e agora, após a Reforma de Francisco, a questão da gratuidade permanece aberta. Cabe ao Bispo, como supervisor do tribunal, fixar normas a respeito do gratuito patrocínio e das custas processuais. Mas, com o MIDI há uma ressalva: ao se tratar de causas matrimoniais, é preciso contar com o apoio da Conferência Episcopal, a quem cabe cuidar para que, dentro do possível, os processos de nulidade sejam gratuitos. Ainda que o Bispo tenha autoridade e seja responsável, a Conferência Episcopal é chamada a assumir sua corresponsabilidade.

7º - *Apelação à Sé Apostólica*. – O Papa optou por manter o direito de se apelar ao Tribunal ordinário da Sé Apostólica, isto é, à Rota Romana, em respeito a um princípio muito antigo, de modo a reforçar o vínculo entre a Sé de Pedro e as Igrejas particulares, mas tendo o cuidado, na disciplina desta apelação, de impedir qualquer tipo de abuso do direito, que pudesse causar algum dano à salvação das almas. Nesse sentido, ele também comunicou que a lei própria da Rota Romana seria, quanto antes, adequada às regras do processo da reforma, dentro dos limites do possível e necessário. Hoje, essa adequação, em verdade, já aconteceu. Pois, no dia 7 de dezembro de 2015 o Pontífice publicou um documento no qual ele disciplinou o direito de apelação à Rota Romana (Cf. RIBEIRO, 2016, p.43, nota 23).

Alguém poderia questionar o que ou como esse critério da apelação à Sé Apostólica pode favorecer a proximidade dos fiéis de dioceses não situadas em território europeu. Se, entretanto, o Romano Pontífice mantém essa possibilidade de apelação, em nome da unidade da Igreja, ele o faz com a devida adequação da própria Rota Romana, para torná-la mais acessível e de acordo com a reforma, para quem necessitar e quiser exercitar o direito de a ela recorrer.

8º - *Previsões para as Igrejas Orientais*. – Aqui o Papa anuncia que, em virtude do ordenamento eclesial e disciplinar das Igrejas Orientais, emanará, na mesma data, um *Motu próprio* específico para reformar a disciplina dos processos matrimoniais no Código dos Cânones das Igrejas Orientais. Portanto, este documento foi publicado junto com o MIDI e se chama *Mitis et Misericors Iesus* (FRANCISCO, 2015b)<sup>11</sup>.

Por fim, feitas todas essas considerações, o Papa decreta e estabelece “que o Livro VII do Código de Direito Canônico, Parte III, Título I, Capítulo I, sobre as causas para a declaração de nulidade do matrimônio (cânones 1671-1691), a partir do dia 8 de Dezembro de 2015, seja integralmente substituído” por um novo texto, fruto do trabalho da reforma, e que agora é oficializado.

Certamente seria útil examinar detalhadamente todo o projeto da reforma, verificando um a um os seus cânones, mas, pelo propósito deste artigo, focado no caráter e nas considerações especificamente pastorais, pode-se dispensar essa tarefa. Fica, portanto, dispensado o exame dos cânones propostos tanto pelo MIDI quanto pelo *Mitis et Misericors Iesus*.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As duas Cartas Apostólicas, aqui brevemente apresentadas e comentadas, ficam mais claras se situadas no contexto mais amplo do pontificado do Papa Francisco. As falas do Pontífice, suas escolhas e seus gestos são todos simbólicos, cheios de significado. A começar pela própria escolha do nome “Francisco”, em deferência ao pobre de Assis: aí já

<sup>11</sup> Este *Motu Proprio* foi publicado pelas Edições CNBB juntamente com o MIDI na obra: FRANCISCO. *Cartas apostólicas em forma de Motu Proprio Mitis Iudex Dominus Iesus e Mitis et Misericors Iesus sobre a reforma do processo canônico para as causas de declaração de nulidade do matrimônio no Código de Direito Canônico e no Código dos Cânones das Igrejas Orientais*. Documentos Pontifícios 23. Brasília: Edições CNBB, 2015b.

está manifesta uma compreensão de Igreja e um projeto de pontificado com opção pastoral prioritária aos mais pobres. Em seguida, dia 8 de julho de 2013, o Pontífice visita a Ilha de Lampedusa, visando despertar acolhida e hospitalidade por parte dos governos e da opinião pública diante da multidão de imigrantes desesperados e, muitas deles, naufragados. Enfim, todos os seus gestos e seus documentos são um convite para o que ele chama de “Igreja em saída”, de ir ao encontro de quem está à margem, seja da Igreja, seja da própria sociedade.

Aqui, em relação a *Amoris Laetitia* e ao *MIDI*, o que impressionou e motivou o Papa Francisco a escrever essas encíclicas foram a fragilidade e as deficiências de muitos fiéis na vivência do sacramento do matrimônio. É destes que a Igreja precisa se aproximar e tornar-lhes acessíveis os seus serviços. Requer-se aí uma pastoral de amor misericordioso, superando uma “moral fria de escritório” e abrindo o coração “àqueles que vivem nas mais variadas periferias existenciais”.

*Amoris Laetitia*, em verdade, apresenta primeiro, positivamente, a beleza e a alegria do amor na família, como sugere o próprio título. O matrimônio é uma vocação - diz o texto - “sendo uma resposta ao chamado específico para viver o amor conjugal como sinal imperfeito do amor entre Cristo e a Igreja” (FRANCISCO, 2016, p.64, n.72). Ainda mais, ele não só sinaliza, mas é o próprio Cristo que “vem ao encontro dos cônjuges cristãos pelo sacramento do matrimônio” (FRANCISCO, 2016, p.65, n.73). Feliz de quem compreende e, pela graça de Deus, consegue viver esse amor.

No capítulo IV da encíclica, o amor matrimonial é tratado e ilustrado a partir do “hino ao amor” de São Paulo de 1Cor 13,4-7. São fragmentos de um discurso amoroso que procura descrever o amor humano em termos bem concretos. Ou seja, bem consciente do cotidiano do amor que se opõe a todos os idealismos, pois, “não se deve atirar para cima de duas pessoas limitadas o peso tremendo de ter que reproduzir perfeitamente a união que existe entre Cristo e a sua Igreja, porque o matrimônio como sinal implica ‘um processo dinâmico, que avança gradualmente com a progressiva integração dos dons de Deus’” (FRANCISCO, 2016, p.102, n.122).

Percebe-se aí um senso da realidade. Sem deixar de perseguir e anunciar o ideal matrimonial do Evangelho, o Papa sempre tem mostrado muita sensibilidade pastoral e misericórdia diante da fragilidade humana, que para muitos dificulta a vivência deste ideal. Foi sob esse aspecto que o presente artigo se ocupou com a *Amoris Laetitia*, particularmente em seu capítulo VIII, que trata especificamente de “acompanhar, discernir e integrar a fragilidade”.

Ao abordar o tema “*Amoris Laetitia* a caminho do *MIDI*”, procurou-se mostrar que aí já tem preocupações e se levantam questões que estarão na origem e terão um encaminhamento mais concreto na Reforma do encaminhamento das causas de processo de nulidade matrimonial. Não há dúvidas, que “o matrimônio cristão, reflexo da união entre Cristo e sua Igreja, realiza-se plenamente na união entre um homem e uma mulher, que se doam reciprocamente com um amor exclusivo e livre fidelidade [...]” (FRANCISCO, 2016, p.242, n.292). Há, entretanto, formas de união que contradizem radicalmente este ideal, enquanto outras o realizam parcialmente. Aí, nessas situações, que não correspondem à compreensão que a Igreja tem do matrimônio, ela, contudo, não deixa de valorizar o que já existe de construtivo.

Essas situações, muitas vezes chamadas de “irregulares”, merecem uma atenção especial e um olhar misericordioso por parte do Papa, e nortearam a discussão deste artigo. Aos pastores, escreve o Pontífice, cabe discernir nas mais diversas situações, pois, sua missão não é só promoção do matrimônio, mas também “o discernimento pastoral das

situações de muitas pessoas que deixaram de viver esta realidade”. A tarefa é identificar elementos que favoreçam a evangelização e o crescimento humano e espiritual e valorizar sinais de amor, que de algum modo já refletem o amor de Deus. Trata-se de acolhê-las e acompanhá-las com paciência e delicadeza, como o fez Jesus em seu diálogo com a samaritana (Cf. Jo 4,4ss).

Sob o tema “preocupação pastoral e pastoral judiciária no *MIDI*”, procurou-se mostrar que o mesmo espírito e a motivação pastoral presentes em *Amoris Laetitia* verificam-se também na elaboração da Carta Apostólica em forma de Motu Próprio sobre a reforma do processo canônico para as causas de declaração de nulidade do matrimônio no Código de Direito Canônico. Francisco parte de Jesus, manso Juiz e Pastor de nossas almas, que se constitui em fundamento de seu projeto reformista. Jesus confiou sua missão e seu poder ao Apóstolo Pedro e seus Sucessores, cabendo hoje aos pastores da Igreja o direito e o dever da obra da justiça e da verdade, sempre conduzidos por um olhar misericordioso. Pois, “a misericórdia não exclui a justiça e a verdade”, mas é, antes de tudo, “a plenitude da justiça e a manifestação mais luminosa da verdade de Deus” (FRANCISCO, 2016, p.263, n.311).

Nesse sentido, considerando o afastamento de muitos fiéis da estrutura judiciária, Francisco incentiva a criação de uma pastoral judiciária, inserida na pastoral familiar, reforçando a estreita relação entre direito e pastoral. Sua função seria como que o “braço estendido” da “Igreja em saída”, que vai ao encontro dos que estão distantes, e facilita o acesso à estrutura judiciária. Cabe-lhe uma orientação e uma investigação preliminar ao processo judiciário, com procedimentos que ajudarão aos fiéis que eventualmente se dirigirem ao tribunal eclesiástico, para que cheguem preparados, no sentido de buscar a verdade sobre o seu matrimônio “e não, simplesmente, para obter a nulidade a todo custo, querendo que prevaleça de modo unilateral a sua percepção subjetiva dos fatos” (FRANCISCO, 2016, p.46).

Finalmente, ao analisar “justificativa e critérios da Reforma”, procurou-se mostrar que há um caminho lógico e uma coerência entre as iniciativas e as investigações anteriores ao processo judiciário, indicadas pelo Papa Francisco, e a justificativa e os critérios que conduziram a reforma por ele decretada. Já no Proêmio do *MIDI* ele esclarece que não está em discussão a doutrina da indissolubilidade do matrimônio, e recordou que a lei suprema na Igreja é sempre a *salus animarum* (=a salvação das almas, cf. cân. 1752). Ou seja, todas as instituições eclesiásticas têm o sentido de comunicar a graça divina e favorecer o bem dos fiéis.

Ora, como favorecer o bem dos fiéis se eles estão distantes? É isso que leva o Romano Pontífice a optar pela reforma do processo canônico de nulidade matrimonial. O que alimenta o impulso reformador é o enorme número de fiéis que muitas vezes se afastam das estruturas jurídicas da Igreja por causa da distância física ou moral. A caridade e a misericórdia exigem que a Igreja, como mãe, se aproxime dos filhos que se consideram separados.

Evidencia-se aí a sensibilidade pastoral do Romano Pontífice, que quer evitar uma “elitização” da justiça na Igreja. Nesse sentido são também estabelecidos os critérios que orientaram a reforma, todos eles visando favorecer mais a proximidade entre os fiéis e as estruturas judiciárias da Igreja, seja valorizando a figura do Bispo diocesano como juiz próprio, seja atribuindo a ele a responsabilidade pela organização de uma pastoral judiciária, incentivando-o, também, a criar o próprio tribunal diocesano, embora sempre respeitando as normas das estruturas judiciárias da Igreja.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO. Edição bilíngue comentada, 12.ed. revista e ampliada com a Legislação Complementar da CNBB. São Paulo: Loyola, 1983.

FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium: A Alegria do Evangelho*. Ao Episcopado, ao Clero, às pessoas Consagradas e aos fiéis Leigos, sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2013.

FRANCISCO. Carta Apostólica em forma de Motu Proprio *Mitis Iudex Dominus Iesus*, sobre a reforma do processo canônico para as causas de declaração de nulidade do matrimônio no Código de Direito Canônico. Cidade do Vaticano: Vatican News, 2015a.

FRANCISCO. *Cartas apostólicas em forma de Motu Proprio Mitis Iudex Dominus Iesus e Mitis et Misericors Iesus sobre a reforma do processo canônico para as causas de declaração de nulidade do matrimônio no Código de Direito Canônico e no Código dos Cânones das Igrejas Orientais. Documentos Pontifícios 23*. Brasília: Ed. CNBB, 2015b.

FRANCISCO. *Misericordiae Vultus: o rosto da misericórdia*. Bula de Proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia. São Paulo: Paulinas, 2015c.

FRANCISCO. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Amoris Laetitia: Sobre o amor na família*. São Paulo: Paulinas, 2016.

GIRONA, Martin Segú. A pastoralidade no e do Direito Canônico. *Revista de Cultura Teológica*, v.16, n.65, p.125-147, Out/Dez 2008.

JOÃO PAULO II. *Exortação Apostólica Familiaris Consortio ao Episcopado, ao Clero e aos Fiéis de toda a Igreja Católica Sobre A Função da Família Cristã no Mundo de Hoje*. Roma: Vatican News, 22 de novembro de 1981.

RIBEIRO, Valdinei de Jesus. *A Reforma do Processo de Nulidade Matrimonial: Um exame do Motu Proprio Mitis Iudex Dominus Iesus*. Brasília: Ed. CNBB, 2016.

SANTA SÉ. *Catecismo da Igreja Católica*. 4.ed.; Petrópolis: Vozes, 1993.

III ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS. Os desafios pastorais sobre a família no contexto da evangelização. *Relatio Synodi*. Cidade do Vaticano: Vatican News, 2014.

XIV ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS. A vocação e a missão da família na Igreja e no mundo contemporâneo. *Relatório final do Sínodo dos Bispos ao Santo Padre Francisco*. Cidade do Vaticano: Vatican News, 2015.

# PARECERISTAS Ad Hoc

## NOMINATA DE PARECERISTAS Ad Hoc DA REVISTA TEOPRÁXIS

Edições 134 e 135 de 2023

DOI:dx.doi.org/10.52451/teopraxis.v40i135.202

A Revista Teopraxis encaminha seus textos à pareceristas externos, selecionados por especialidade ou afinidade à área temática específica do trabalho, e preserva o anonimato dos autores e dos pareceristas através do modelo de dupla revisão às cegas (*Double blind peer review*). Nesse sentido, na listagem a seguir apresentamos os autores que fizeram parte das avaliações nas edições 134 e 135 do ano de 2023.

NOME	INSTITUIÇÃO	CURRÍCULO LATTES
<b>Adriano Cecatto</b>	<i>Laboratório Estudos da Religião, Modernidade e Tradição (LERMOT-PUCMG)</i>	Lattes
<b>Aíla Luzia Pinheiro de Andrade</b>	<i>Universidade Católica de Pernambuco (Unicap)</i>	Lattes
<b>Celia Soares de Sousa</b>	<i>Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC Campinas)</i>	Lattes
<b>Claudete Beise Ulrich</b>	<i>Faculdade Unida de Vitória (REGEVI)</i>	Lattes
<b>Cleusa Maria Andreatta</b>	<i>Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos)</i>	Lattes
<b>Clóvis Ecco</b>	<i>Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás)</i>	Lattes
<b>Daison Firmino Sá</b>	<i>Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana (ESTEF)</i>	Lattes
<b>Daniel D'Agnoluzzo Zatti</b>	<i>Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)</i>	Lattes
<b>Denny Junior Cabral Ferreira</b>	<i>Universidade Federal do Pará (UFPA)</i>	Lattes
<b>Elcio Alcione Cordeiro</b>	<i>Universidade de Passo Fundo (UPF) e Instituto de Teologia e Pastoral (Itepa)</i>	Lattes

<b>Eliseu Lucas Alves de Oliveira</b>	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)	Lattes
<b>Ivenise Teresinha Gonzaga Santinon</b>	Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC Campinas)	Lattes
<b>Leonardo Lucian Dall Osto</b>	Pontifícia Università Lateranense de Roma	Lattes
<b>Lícia Pereira de Oliveira</b>	Pontifícia Universitas Gregoriana (PUG)	Lattes
<b>Lina Clotilde Boff</b>	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio)	Lattes
<b>Ludinei Marcos Vian</b>	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)	Lattes
<b>Luis Paul Muñoz Celleri</b>	Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana (ESTEF)	Lattes
<b>Michel Ertion Quintas</b>	Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR)	Lattes
<b>Nilo Agostini</b>	Faculdade Católica de Santa Catarina (FACASC)	Lattes
<b>Osmar Debatin</b>	Pontifícia Universidade Santo Tommaso D'Aquino	Lattes
<b>Rita Maria Gomes</b>	Universidade Católica de Pernambuco (Unicap)	Lattes
<b>Roberto Marinucci</b>	Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios (CSEM)	Lattes
<b>Rogério Tadeu Mesquita Marques</b>	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)	Lattes
<b>Vinicius da Silva Paiva</b>	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)	Lattes
<b>Vinicius Pimentel Baquer</b>	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)	Lattes